

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA**

**DAVID LUGLI TURTERA PEREIRA**



**São Paulo  
2011**

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA**

**DAVID LUGLI TURTERA PEREIRA**

**ARQUEOLOGIA GUARANI NA BACIA DO RIO SANTO  
ANASTÁCIO - SP: ESTUDO DO SÍTIO CÉLIA MARIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, do Museu de Arqueologia e Etnologia, da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre em Arqueologia.

Área de Concentração: Arqueologia

Orientador: Prof. Dr. José Luiz de Moraes

Linha de Pesquisa: Cultura material e representações simbólicas em arqueologia

**São Paulo  
2011**

## AGRADECIMENTOS

Ao CNPq, pelo financiamento, possibilitando dedicação integral à pesquisa.

Ao Professor Doutor José Luiz de Moraes, pela aceitação da orientação e indicação de caminhos a serem trilhados na pesquisa.

À Professora Doutora Neide Barrocá Faccio da FCT/UNESP pelo incondicional apoio e pelo espaço cedido no Laboratório de Arqueologia Guarani.

Ao Professor Doutor Eduardo Goés Neves do MAE/USP, pelas discussões em aula, que tanto contribuíram para o desenvolvimento do trabalho.

A todos os amigos que fiz dentro do Laboratório de Arqueologia Guarani, da FCT-UNESP, que tanto contribuíram nas pesquisas de campo, análise em laboratório, discussões de textos e nas simples “trocas de ideias”, que fertilizaram e amadureceram esta pesquisa.

Aos meus amigos Hiuri Di Baco e Juliana Aparecida Rocha Luz pelos vários anos juntos na arqueologia do Oeste Paulista, pelas contribuições, amizade e experiências dentro da arqueologia.

Aos eternos jovens Marcel Ribeiro e Saulo Nery que foram verdadeiros companheiros nesse longo tempo em que fiquei em Presidente Prudente.

Aos amigos Gabriel Cerdeira e Luiz Felipe Zanata pela confecção de figuras e mapas altamente ilustrativos para a pesquisa.

Aos amigos de todas as horas Luis Otavio, João Paulo, Ciro, Isis e Sue Ellen que suportaram todos os monólogos sobre arqueologia, sem reclamar, além de, em alguns momentos, contribuírem imensamente, mesmo sendo profissionais de áreas distintas.

À minha família, pelo apoio e incentivo que nunca cessou, mesmo nos momentos mais difíceis do trabalho.

À minha namorada Erica, que esteve sempre em meu coração, mesmo quando me encontrava tão distante.

A todos que me ajudaram nesses três anos de pesquisa e que, infelizmente, não puderam estar presentes nesse breve agradecimento.

A Deus, como busca infinita de vontade, amor e dedicação.

## **RESUMO**

A pesquisa realizada na área do Sítio Arqueológico Célia Maria, localizado na região da Bacia do Rio Santo Anastácio (afluente da Bacia do Paraná), Estado de São Paulo, demonstrou uma ocupação guarani pré-colonial. A cerâmica foi datada por termoluminescência, situando a ocupação em torno de  $450\pm 60$  anos atrás. Este trabalho traz dados referentes à cerâmica identificada na área do Sítio Célia Maria, que também apresentou três manchas pretas, lítico polido e possível estrutura de combustão. A partir da análise tecno-tipológica da cerâmica, demonstramos a sequência dos gestos técnicos para a produção dos artefatos, assim como reconstituímos graficamente a forma de vasos, a partir de fragmentos de bordas. Essas reconstituições possibilitaram inferir a forma e a função dos antigos recipientes guarani. Os dados espaciais somados às características dos atributos cerâmicos do Sítio Célia Maria foram confrontados com outras pesquisas disponíveis que versaram sobre a presença dos guarani na Bacia do Paraná e Paranapanema.

Palavras-chave: Arqueologia Guarani – Análise Cerâmica – Bacia do Rio Santo Anastácio – Manchas Pretas – Bacia do Paraná/Paranapanema

## **ABSTRACT**

The research conducted in the archaeological site area Célia Maria, located in the River Basin Santo Anastácio (tributary of the Paraná Basin), State of São Paulo, demonstrated a precolonial Guarani occupation. The pottery was dated by thermoluminescence, standing occupation around  $450\pm 60$  years ago. This work has data concerning pottery indentified in Site Célia Maria, who also had three black spots, polished lytic and as possible combustion structure. From the techno-typological ceramics analysis, we demonstrated the gestures sequence to the production of technical artifacts, as well as graphically reconstitute the form of vessels, from fragments of edges. These reconstructions allowed inferring the shape and function of the ancient Guarani containers. The data added to the spatial characteristics of ceramics tributes of Site Célia Maria were compared with other available research that focused on the presence of the Guarani in the Basin of Paraná and Paranapanema.

Keywords: Guarani Archaeology – Ceramics Analysis – Santo Anastácio River Basin – Black Spots – Paraná Basin/Paranapanema Basin

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>06</b>
<b>1 O SÍTIO ARQUEOLÓGICO CÉLIA MARIA NO CONTEXTO DA EXPANSÃO TUPIGUARANI.....</b>	<b>10</b>
1.1 O contexto extra regional.....	11
1.1.1 A Expansão Linguística dos Povos Tupi-Guarani.....	12
1.1.2 A Expansão da Tradição Cerâmica Tupiguarani.....	15
1.2. O contexto Regional.....	23
<b>2 SISTEMA REGIONAL DE OCUPAÇÃO GUARANI NA BACIA DO PARANAPANEMA E ALTO PARANÁ.....</b>	<b>26</b>
2.1 Os sítios guarani do Vale do Paranapanema.....	28
2.2 Os sítios guarani do Alto Vale do Paraná.....	38
<b>3 O CONTEXTO AMBIENTAL DA BACIA DO RIO SANTO ANASTÁCIO.....</b>	<b>45</b>
3.1 Características ambientais da Bacia do Rio Santo Anastácio relevantes ao estudo arqueológico.....	46
3.2 Parâmetros locais culturalmente relevantes à ocupação pretérita.....	52
<b>4 PROCEDIMENTOS DE CAMPO.....</b>	<b>58</b>
<b>5 METODOLOGIA PARA ANÁLISE DOS REGISTROS ARQUEOLÓGICOS.....</b>	<b>72</b>
5.1 O trabalho do barro.....	73
5.1.1 Análise dos fragmentos cerâmicos.....	86
5.2 O trabalho da rocha.....	112
<b>6 OCUPAÇÃO REGIONAL GUARANI: INTERFACE ENTRE ARQUEOLOGIA, ETNOGRAFIA E ETNOHISTÓRIA.....</b>	<b>117</b>
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>133</b>
<b>REFERÊNCIA.....</b>	<b>143</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>156</b>

## **INTRODUÇÃO**

A pesquisa intitulada “Arqueologia Guarani na Bacia do Rio Santo Anastácio, SP: Estudo do Sítio Célia Maria” teve como orientador o Prof. Dr. José Luiz de Moraes e contou com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), por meio de uma bolsa de mestrado. A pesquisa ainda contou com a parceria científica e institucional do Laboratório de Arqueologia Guarani (LAG), da Universidade Estadual Paulista, campus de Presidente Prudente, coordenado pela Profa. Dra. Neide Barrocá Faccio.

O trabalho na área do Sítio Célia Maria começou no ano de 2009, estendendo-se até o ano de 2010. Na área da fazenda Célia Maria, foi identificado um assentamento guarani, às margens do Córrego Itapiranga, situado na Bacia do Rio Santo Anastácio. À primeira vista, o sítio arqueológico chamou a atenção por sua dimensão menor, se comparado aos sítios do Vale do Paranapanema e do Alto Paraná e por não ter apresentado, durante as prospecções de superfície, fragmentos cerâmicos com o tratamento plástico corrugado.

Por tratar-se de um estudo de arqueologia guarani isolado, na Bacia do Rio Santo Anastácio, optamos por ampliar a investigação sobre o que se conhecia da arqueologia guarani do Vale do Alto Paraná/Paranapanema, no intuito de, posteriormente, aplicar esse conhecimento na interpretação dos registros arqueológicos do Sítio Célia Maria.

Fez-se necessário, primeiramente, conhecer os detalhes da expansão territorial tupiguarani pelo território brasileiro, para que fosse traçado um panorama de sua origem e dispersão espacial. Dentro desse contexto, buscamos relacionar a perspectiva dos linguistas e dos arqueólogos, observando as concordâncias e discordâncias entre essas duas ciências, em relação ao objeto de estudo.

Foi com esse intuito que, no Capítulo 1, apresentamos a espacialidade da tradição cerâmica tupiguarani sobre o território brasileiro, associando-a à espacialidade da família linguística dos tupi-guarani pelo mesmo território. O objetivo dessa reflexão foi entender como a família tupi-guarani teria se deslocado por uma zona de expansão em vasta área. Foi-nos permitido inferir, a partir da bibliografia consultada, que os fatores primordiais para o impulso expansionista desses povos deveu-se a seu complexo sistema agrícola, aliado ao crescimento populacional e à procura de novas áreas para o cultivo de suas espécies tradicionais.

No Capítulo 2, preocupamo-nos com o estudo do povoamento regional da população filiada à subtradição guarani, permeando questões relativas aos espaços habitacionais,

estratégias de assentamento e cultura material, com a finalidade de entender o sistema regional de povoamento guarani<sup>1</sup>.

Por meio de uma revisão bibliográfica, que compreendeu estudos arqueológicos referentes ao Alto Paraná e Paranapanema, buscamos compreender os caminhos teóricos e metodológicos percorridos por diversos pesquisadores na análise e interpretação dos sítios guarani dessa região. Os dados selecionados foram usados como plataforma de referência para a interpretação dos dados do Sítio Célia Maria.

No Capítulo 3, contextualizamos o ambiente da Bacia do Rio Santo Anastácio, no intuito de compreender como se deu a escolha e a forma de apropriação guarani nesse recorte de espaço geográfico. Os atributos ambientais descritos, como clima, vegetação, fauna, geologia, geomorfologia e pedologia, formam um conjunto de elementos que servem de referência para a abordagem arqueológica. Nesse caminho, não são apenas as discussões sobre a captação de recursos naturais que estão em cena, mas, também uma análise ambiental que deve propor a busca de um padrão de estabelecimento sobre o espaço físico, para que, posteriormente, possa ser comparado e interpretado em amplitude regional.

No Capítulo 4, descrevemos os procedimentos de campo, efetuados no Sítio Célia Maria. O desenvolvimento dessa pesquisa de campo foi realizada a partir dos mecanismos de multiestágios propostos por Redman (1973) e adaptados à realidade do ProjPar. O reconhecimento geral da área, o levantamento ambiental e do potencial arqueológico, a prospecção intensiva dos registros arqueológicos, a escavação por decapagem em níveis artificiais, assim como a intervenção do arado, foram essenciais na visualização do contexto dinâmico do assentamento no presente.

Nos Capítulos 5 e 6 apresentou-se a análise dos registros arqueológicos do Sítio Célia Maria, formados por três manchas pretas, milhares de fragmentos de cerâmica, testemunhos brutos de rochas aptas ao lascamento, fragmento de *tembetá* e partículas de carvão oriundas de possível fogueira localizada em uma das manchas pretas.

A interpretação dos fragmentos de cerâmica se deu pelas análises tecno-tipológica, buscando a compreensão das etapas de produção dos vasos de cerâmica, e nas reconstituições gráficas das bordas, enfatizando as formas das vasilhas guarani e seus possíveis usos. Os desenhos pintados em fragmentos de cerâmica, seus temas e motivos, foram digitalizados, formando assim um banco de dados para futuras interpretações.

---

<sup>1</sup> Termo cunhado por José Luiz de Moraes (1999-2000).



Os testemunhos brutos de rocha foram coletados, provavelmente, em afloramentos próximos na Bacia do Santo Anastácio, assim como afloramentos distantes de cascalheiras nos terraços do Alto Paraná/Baixo Paranapanema. O fragmento de *tembetá* polido atestou a existência de trabalho sobre a rocha nesse assentamento.

A interpretação das manchas de terra preta se basearam nos documentos arqueológicos levantados pelas pesquisas em sítios guarani na região do ProjPar e na relação desse registro com as informações etnográficas. Nesse contexto, pudemos estipular usos e funções distintas para essas manchas pretas, como aquelas destinadas à habitação e outras reservadas a atividades anexas.

Na conclusão, buscamos realizar uma síntese dos dados obtidos no decorrer dos capítulos apresentados, chegando a certas inferências sobre o material coletado e sua espacialidade em relação ao sítio. Acreditamos que o trabalho apresentado contribui para o entendimento do sistema regional de ocupação guarani no Vale do Alto Paraná/Paranapanema, produzindo material complementar àqueles já desenvolvidos para essa região.

**1- O SÍTIO ARQUEOLÓGICO CÉLIA MARIA NO CONTEXTO DA  
EXPANSÃO TUPIGUARANI**

## 1.1 O Contexto Extra-Regional

A expansão territorial de grupos indígenas filiados à grande matriz linguística tupi foi, sem dúvida, um dos maiores eventos sociais da pré-história sul-americana. Em território brasileiro, essa expansão pode ser observada em quase todos os Estados. Na perspectiva linguística, o tronco tupi abrange dez famílias, que somam um total de 41 línguas aparentadas. A família tupi-guarani<sup>2</sup>, centro de nossas discussões, conta hoje com 21 línguas aparentadas, constituindo assim a maior família do tronco tupi e sendo aquela que apresenta a maior dispersão espacial pelos territórios da América do Sul. Do ponto de vista arqueológico, o grupo em questão está relacionado a uma tradição ceramista, com ampla dispersão espacial, ao mesmo tempo em que teve uma longa duração temporal (SCATAMACCHIA, 2006). “Vestígios arqueológicos desta tradição foram encontrados em todo leste americano, sendo que seu *habitat* típico é a floresta tropical, por onde estiveram por aproximadamente mil anos” (Ibidem, p.181). Para essa tradição arqueológica, de forte caráter expansivo em nosso continente, foi dado o nome de tradição tupiguarani, sem o uso do hífen.

O termo tradição tupiguarani sem hífen foi criado pelo PRONAPA<sup>3</sup> (NOELLI, 1996, p.16) para designar uma tradição ceramista tardiamente difundida e caracterizada principalmente por cerâmica policrômica. Brochado (1989) procurou particularizar as cerâmicas relacionadas a cada um dos povos que compunham as línguas do tronco tupi. Assim, denominou para a arqueologia guarani o termo *subtradição guarani* e sugeriu *subtradição tupinambá* para os tupinambá do litoral brasileiro. Sugeriu o mesmo autor que se ampliassem essas diferenciações para todos os tupi, “estendendo o conceito de subtradição cerâmica aos assurini, kokama, tapirapé, munduruku, etc” (Ibidem, p.24).

A história da origem e da dispersão dos grupos filiados à tradição tupiguarani vem sendo contada desde os primeiros pesquisadores do século XIX. Muitas propostas já foram apresentadas, partindo de pressupostos linguísticos e arqueológicos. No entanto, não há hoje um consenso sobre esse histórico de pesquisa. O que vem sendo delineado nos estudos é uma correlação entre a cerâmica, pertencente a uma tradição, e a língua, pertencente a uma filiação linguística.

---

<sup>2</sup> Originalmente, o termo tupi-guarani foi criado em 1886 por Karl Von den Stein, “embora não tenha justificado sua criação, pode-se inferir que teve o objetivo de eliminar a confusão das discussões de sua época, quando se chamavam os tupi ora de “tupi” ora de “guarani” (NOELLI, 1996, p.12).

<sup>3</sup> Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas.

Contudo, é necessário ampliar os focos regionais e locais das pesquisas para que tenhamos um panorama científico mais completo a respeito dessa tradição. Diversas lacunas empíricas ainda hoje impossibilitam a construção de um quadro cronológico e espacial que revele as características principais dessa espacialização.

### 1.1.1 A Expansão Linguística dos Povos Tupi-Guarani

Por muitos anos, os linguistas vêm procurando as similitudes e as diferenças entre as línguas distribuídas em determinado espaço geográfico. Dessa procura nasceram os conceitos de parentesco linguístico e protolíngua<sup>4</sup>, os quais, por sua vez, são importantes para nos mostrar as migrações do passado, sabendo que a correlação de línguas aparentadas e sua distribuição sobre um determinado território são as provas desses movimentos (LATRHAP, 1975).

Em linguística, quando ocorre o parentesco entre duas ou mais línguas, é comum chamá-las de uma família linguística. Quando as línguas pertencem a uma mesma família, pensa-se que tenham uma origem comum, “no sentido de que todas as línguas da família são manifestações diversas, alteradas no decorrer do tempo, de uma só língua anterior” (RODRIGUES, 1994, p.29).

Para entender as movimentações indígenas pelo ponto de vista da linguística é imprescindível estabelecer e formular hipóteses sobre uma protolíngua; fazer associações com a organização atual dos grupos indígenas no espaço, quando sobreviventes; e usar, sempre como referência, a documentação etno-histórica que trata dos grupos linguísticos em apreço.

A família principal dentro do tronco tupi é o tupi-guarani. Segundo Urban (1996) essa grande família linguística se desligou do tronco maior tupi há pelo menos 2.000 anos. A distribuição espacial dos tupi-guarani é muito mais espalhada do que os demais grupos de famílias do tronco tupi (URBAN, 1996).

As famílias do tronco tupi, com exceção da família tupi-guarani, atualmente se situam em “território brasileiro, ao sul do Rio Amazonas e ao norte do paralelo 14° Sul” (RODRIGUES, 1994, p.42). Essas línguas estão concentradas, sobretudo hoje, no atual estado

---

<sup>4</sup> A hipótese mais aceita para essas “línguas aparentadas” é a de que, no passado, formavam uma mesma língua e que suas propriedades compartilhadas hoje são o reflexo de uma diferenciação profunda. As palavras e os conceitos comuns entre um conjunto de famílias analisadas e que são correspondentes entre si, são chamadas de protolíngua.

de Rondônia. Ecologicamente, as famílias tupi concentram-se nas bacias do Rio Xingu, Madeira e no Tapajós. Para Urban (1996), a área geral de dispersão dos povos de tronco tupi que, provavelmente, ocorreu entre 3 e 5 mil anos atrás, situa-se entre o Madeira e o Xingu, próximo às áreas de cabeceiras e não de várzeas de grandes rios<sup>5</sup>.

Por sua vez, a família tupi-guarani destaca-se das outras famílias de origem tupi pela sua imensa expansão territorial, sobre a qual estão distribuídas suas línguas (RODRIGUES, 1994). No século XVI, os primeiros exploradores notaram que essa língua era falada em quase todo o litoral do Brasil e da Bacia do Rio Paraná. Hoje, fala-se essa língua em inúmeros Estados brasileiros. E, para além desses, “fala-se essa língua na América do Sul, do norte da Argentina à Guiana Francesa, do litoral nordeste brasileiro ao alto Solimões” (CASTRO, 1986, p.82).

Para Urban (1996), Rodrigues (1994) e Castro (1986), apesar da imensa distribuição da família tupi-guarani sobre o espaço, essa família mostra diferenciação muito pequena entre suas línguas. Segundo os estudos de Rodrigues (1994) o Tupi antigo e o Guarani antigo, ambos conhecidos por documentos dos séculos XVI e XVII, correspondem bastante, entre si, nas palavras e nos conceitos.

Vejamos as correspondências no **Quadro 1**.

Quadro 1 – Correspondência entre palavras tupi e guarani

<b>Conceito</b>	<b>Tupi</b>	<b>Guarani</b>
Pedra	Itá	itá
Tatu	Tatú	tatú
mão dele	Ipó	ipó
eu dormi	Aké	aké
você o quis	Ereipotár	ereipotá
eu e ele dissemos	oro'é	oro'é

Fonte: Rodrigues (1994, p.30).

As correspondências que podemos observar entre as palavras tupi e guarani sugerem “a hipótese de que as duas tenham a mesma origem, como formas alteradas de uma só língua anterior” (RODRIGUES, 1994, p.30).

<sup>5</sup> Veremos adiante o modelo de dispersão tupi-guarani desenvolvido por Latrhap (1975) e Brochado (1989) que, hipoteticamente, colocam o centro de origem tupi na várzea do Rio Amazonas.

Em particular, pode-se supor que essa língua anterior teria os sons (fonemas) consonantais p, t, k, já que as línguas derivadas apresentam esses sons com as mesmas qualidades e nas mesmas posições em palavras que exprimem os mesmos conceitos. A mesma conclusão é válida para os sons vocálicos a, e, i, o, u, y. Já o som r teria existido igualmente na língua ancestral, mas teria sido eliminado sistematicamente no guarani, quando no fim de palavras (RODRIGUES, 1994, p.30).

Dessa observação, Rodrigues (1994) tira a conclusão básica de que, provavelmente, a língua tupi (tupinambá) e guarani pertenceram a uma origem comum e que, pela presença do grande número de cognatos semelhantes, sua separação deve ter sido recente.

A grande dispersão geográfica das línguas da família tupi-guarani indica que os antepassados dos povos que as falam empreenderam muitas e longas migrações (RODRIGUES, 1994). Essas migrações, provavelmente, teriam ocorrido inicialmente há 2 ou 3 mil anos e, no decorrer desse tempo, teriam continuado a se dispersar até recentemente. Para o autor, melhor exemplo desse fenômeno encontra-se nas migrações observadas entre os guarani *mbyá* que, em sucessivas levas, se deslocaram do sudoeste do Brasil, do nordeste da Argentina e do Paraguai oriental em direção ao leste, até alcançarem o litoral Atlântico para, depois, continuarem até o nordeste, assemelhando-se às migrações pré-colombianas que levaram seus antecessores a colonizar toda costa do Brasil, quando da chegada dos portugueses (RODRIGUES, 1994).

Para Urban (1996), esse padrão de deslocamento entre os tupi-guarani poderia ser interpretado como movimentações em forma de explosões e radiações a partir de centros. Assim, “línguas muito distantes acabam se revelando muito relacionadas” (URBAN, 1996, p.92).

O referido autor (URBAN, 1996), usando os dados linguísticos disponíveis até o momento de seu artigo, criou um modelo hipotético, tentando explicar a movimentação dos grupos que falavam línguas da família tupi-guarani, no decorrer do tempo. Partindo da hipótese de que os grupos linguísticos tupi-guarani teriam se diferenciado de outros grupos de origem macro-tupi (tronco tupi) em algum lugar do Rio Madeira e do Xingu, tanto os guarani quanto os tupinambá teriam se dispersado após o ano 1000 d.C , ocupando os primeiros, o Paraguai, a Argentina e o Brasil, no primeiro caso, e os tupinambá a costa do Brasil até a foz do Amazonas.

Na **Figura 1** visualiza-se na cor roxa, o local de origem do tronco tupi, segundo as hipóteses de Urban (1996); a rota de expansão tupinambá em azul e a guarani em vermelho. Em verde, as rotas de dispersão de outros grupos da família tupi-guarani.

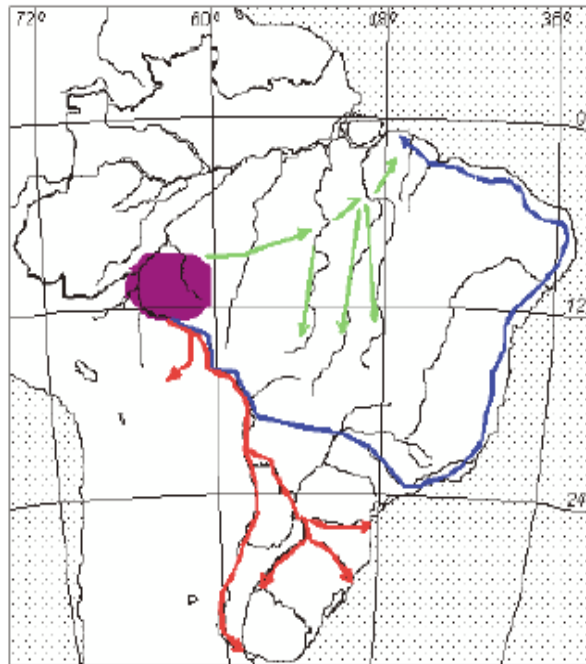


Figura 1 - Origem e expansão tupi pelo Brasil segundo o modelo de Urban (1996)  
 Fonte: Moraes (2007).

As constatações feitas por linguistas pertencem a um conjunto de hipóteses que tentam explicar, de forma relativa, as movimentações de grupos indígenas no decorrer do tempo. Talvez o que de mais concreto se tenha alcançado nessas inferências é que, durante a pré-história, os grupos de filiação linguística tupi-guarani diferenciaram-se de seus ancestrais tupi e “passaram a assumir uma postura própria, uma identidade amplamente expansionista, sendo menos presos aos espaços físicos e tornando sua sociedade cada vez mais móvel sobre o espaço, traço este que não podemos dissociar de sua cultura” (URBAN, 1996, p.92).

### 1.1.2 A Expansão da Tradição Cerâmica Tupiguarani

Para o arqueólogo Brochado (1989), a ideia de uma onda migratória comum entre os tupinambá do litoral e os guarani do interior meridional (RODRIGUES, 1994; URBAN, 1996) não é correta. Para esse autor, a rejeição da hipótese de que a expansão tupi-guarani

levasse grupos de origem guarani e tupinambá pelo mesmo caminho se aprofunda nos pressupostos comparativos entre a cerâmica e a língua desses povos.

Nessa linha de pensamento, os arqueólogos Lathrap (1975), Brochado (1989) e Noelli (1996) acreditam que a difusão da cerâmica característica desse grupo – conhecida por Tradição Policrôma Amazônica<sup>6</sup> – constitui a maior evidência da expansão tupi-guarani pelos territórios brasileiros e, em último caso, pelos territórios sul-americanos. A distribuição da cerâmica da Tradição Policrôma Amazônica pelo Rio Amazonas e formadores, Bacia Platina, litoral Atlântico e litoral Atlântico do nordeste e leste, coincide com as antigas áreas de ocupação dos falantes tupi.

Brochado (1989), fazendo uso das hipóteses de Lathrap (1975), afirma que os prototupi foram “forçados pela pressão demográfica a migrar para fora da Amazônia central, subindo até as cabeceiras de seus afluentes meridionais (Madeira, Guaporé e Xingu) e se acantonando contra a escarpa dos chapadões do planalto central brasileiro” (BROCHADO, 1989, p.73). O processo descrito teria ocorrido há 5.000 anos, quando esses povos teriam se estabelecido em uma pequena mancha de terra aluvial, no sopé da serra dos Parecis, originando, assim, seis famílias linguísticas divergentes (LATHRAP, 1975).

Nesse ponto, as correntes linguísticas (URBAN, 1996) e arqueológicas (BROCHADO, 1989; LATHRAP, 1975; NOELLI, 1993) se encontram, dentro da afirmativa de que as famílias do tronco tupi estiveram concentradas em uma área ao sul do Amazonas, entre o Rio Madeira e o Xingu, e que um dos ramos desse tronco, a família tupi-guarani, teria se espalhado por um vasto território.

Mas, o que teria levado a família linguística tupi-guarani a se expandir por um enorme território, enquanto as demais famílias do tronco tupi teriam se caracterizado por uma ocupação restrita ao território sul-amazônico? Os arqueólogos Renfrew (2000) e Bellwood (2001) fizeram algumas análises sobre o ritmo de dispersão de povos agrícolas que podem contribuir para o entendimento dessa questão.

Esses autores afirmam que, em boas condições, uma sociedade pequena pode dobrar sua população em apenas uma geração. Provavelmente, essa forte adaptação ao meio, provocada pelo avanço do sistema agrícola e aproveitamento dos recursos naturais, pôde contribuir com o aumento da população e com a velocidade do ritmo de dispersão dessas

---

<sup>6</sup> A pintura policrômica é formada por linhas vermelhas e/ou negras sobre branco, mais raramente linhas negras ou brancas sobre vermelho. E também por faixas vermelhas sobre engobo branco ou diretamente sobre a superfície, assim como a pintura vermelha ou branca cobrindo amplas áreas, através de banho em solução de argila líquida pigmentada (SCATAMACCHIA, 1990, p.88).



populações durante o ano. Seguindo esse parâmetro, os grupos tupi-guarani teriam desenvolvido, no âmbito de seu complexo social, sistemas mais adequados de manejo do ecossistema e da organização social do trabalho, contribuindo para uma melhor adaptação desses grupos em proveito de seus parentes linguísticos. O conhecimento geográfico das terras agricultáveis, o reconhecimento de espécies proveitosas para a alimentação e as técnicas de armazenamento de alimentos, também podem ter cooperado para a expansão dos povos de origem tupi-guarani.

Dentro de uma perspectiva conceitual podemos enquadrar a área dos grupos tupi, do sul da Amazônia, como uma zona mosaico ou residual, sendo que em um primeiro momento, no período inicial de colonização dessa área, teriam esses grupos se estabilizado naquele ecossistema e dado origem a pequenas unidades linguísticas, as novas famílias. Parece-nos que, em boa parte das famílias linguísticas do tronco tupi, esse sistema mosaico teria persistido, mantendo assim certa “estabilidade”, e que, de alguma forma, esses grupos se acomodaram àquele território. No entanto, uma das famílias linguísticas, o tupi-guarani, enquadra-se na perspectiva de uma zona de expansão, que é caracterizada por um número limitado de unidades linguísticas diferentes; no caso dessa família, são diversas línguas, porém muitas delas bem aparentadas, fruto da expansão de uma língua ancestral sobre uma ampla área (RENFREW, 2000).

Essa família linguística de forte caráter expansionista estaria associada à Tradição Cerâmica Policrômica Amazônica. Para Lathrap (1975) haveria duas principais subtradições cerâmicas, dentro dessa tradição maior, conhecidas por Guarita, da qual os guarani se desdobraram e a Miracanguera, da qual se teria desdobrado a subtradição tupinambá, além dos kokama e omagua do Alto Amazonas. Enquanto a subtradição Guarita seria mais simples, com ausência de urnas funerárias antropomórficas, a subtradição Miracanguera era derivada de formas mais complexas de vasos, incluído as famosas urnas antropomórficas da cultura Marajoara (LATHRAP, 1975).

Por meio da separação em subtradições realizada por Lathrap, como exposto antes, foi que Brochado (1989) distinguiu a movimentação dos tupinambá em uma direção oposta à dos guarani. Na **Figura 2**, observa-se que os grupos de tradição tupi-guarani teriam surgido na região Amazônica, em área marcada de rosa, dispersando-se pelo território brasileiro por intermédio de sucessivas levas migratórias. Assim, os guarani ocuparam toda a região meridional do Brasil, marcada na figura na cor laranja, e os tupinambá teriam colonizado o litoral desde o Nordeste até o Estado de São Paulo, visualizada no mapa na cor azul escuro.

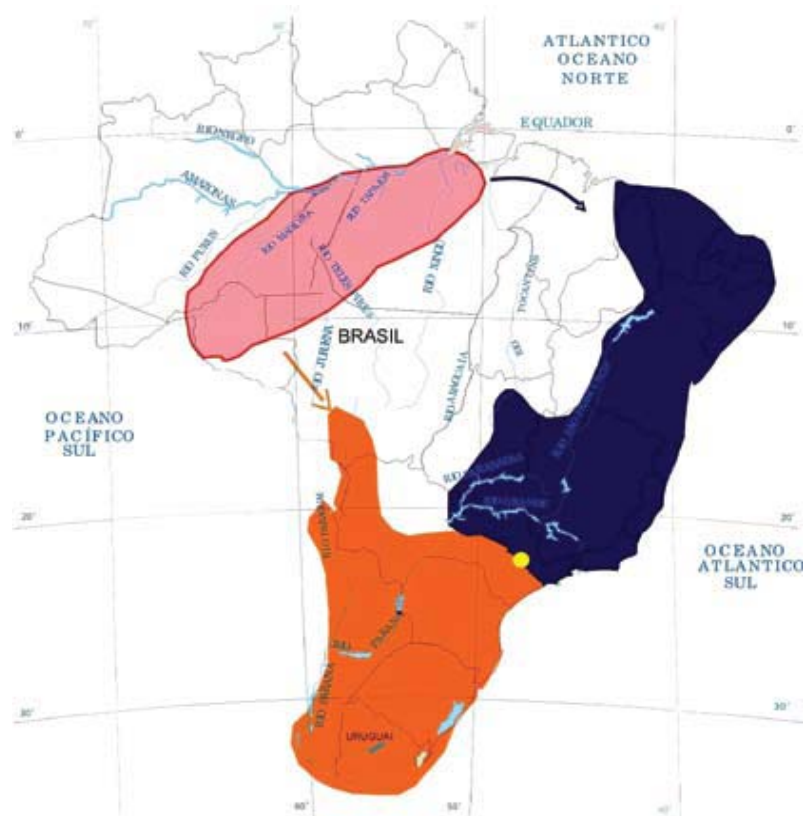


Figura 2: Modelo de expansão tupi-guarani pelo território brasileiro segundo o modelo de Brochado (1989)

Fonte: Moraes (2007) Digitalização: Hiuri Di Baco.

O ramo da subtradição Guarita, pertencente à Tradição Policrôma Amazônica, foi levado para fora da Amazônia, indo para o sul pelo sistema Madeira-Guaporé. Nesse trajeto, perderam-se técnicas decorativas importantes (BROCHADO, 1989), mas, por outro lado, ganharam-se novas formas de panelas e jarros corrugados ou pintados, provavelmente adquiridos no leste da Bolívia (Tradição Pacacocho). Essa diferenciação cerâmica, para Brochado (1989), deve corresponder à separação do protoguarani.

Esses ancestrais dos Guarani passaram para a drenagem do Paraguai e se espalharam pelo sistema fluvial Paraná, Paraguai, Uruguai, costa Atlântica e bacias de rios costeiros. Datas de 2.200 B.P. são sugeridas para o início desta transformação pelo fato de que por volta de 1800 B.P. a cerâmica da subtradição Guarani já estava espalhada por essas áreas (BROCHADO, 1989, p.74).

O maior florescimento da cerâmica Miracanguera deu-se na cultura Marajoara, e uma divisão dessa subtradição, mais simplificada, perdendo principalmente a forma fechada – as urnas antropomórficas – foi levada pelos prototupinambá. “Os prototupinambá teriam primeiramente descido pela costa Atlântica, há pelo menos 1500 B.P., até o Trópico de Capricórnio, por volta de 1000 B.P., e finalmente se movendo ao interior, subindo o curso dos rios costeiros” (BROCHADO, 1989, p.75). Esse movimento divergente (protoguarani /tupinambá) resultou num encontro entre os dois grupos, separados há quase um milênio, formando uma fronteira ativa e hostil no sul do Brasil, em parte ao longo do Tietê (BROCHADO, 1989).

Outros arqueólogos consideram o Estado de São Paulo como área de fronteira cultural entre povos de tradição tupiguarani (CHMYZ, 2002; FACCIO, 2011; MORAIS, 1999-2000; SCATAMACCHIA, 2006). Para esses pesquisadores os sítios arqueológicos localizados no Vale Paranapanema e Alto Paraná estariam associados à subtradição guarani, enquanto os sítios localizados no médio Tietê e Mogi-Guaçu estariam associados à subtradição tupinambá.

Se por um lado, para Chmyz (2002), a fronteira entre tupi ao norte e guarani ao sul da faixa litorânea brasileira está situada na Baía de Paranaguá, por outro lado, Scatamacchia (2006) parece concordar que esse limite para o interior do Brasil estaria situado ao norte do Vale do Paranapanema, sendo o local considerado como de ocupação guarani, em sua margem paranaense e paulista. O fato é corroborado por pesquisas realizadas na área do ProjPar e Alto Paraná que indicam a ocupação guarani além da Bacia do Paranapanema, ao norte, na Bacia do Rio Santo Anastácio, Aguapeí e do Peixe (FACCIO, 2011).

No contexto do Projeto Arqueológico Porto Primavera/MS Kashimoto e Martins (2009) identificam que essa área de transição estende-se pelo intervalo entre os Rios Tietê (SP) e Pardo (MS), “a qual também é uma nítida zona de tensão ecológica entre o Cerrado e a Floresta Estacional Semidecidual aluvial (KASHIMOTO; MARTINS, 2009, p.294).

Utilizando a subdivisão estabelecida por Brochado, os sítios do litoral estariam representados pelos grupos tupinambá, com decoração predominantemente pintada; enquanto os sítios situados ao sul, representados pelos grupos guarani, teriam predomínio de tratamento de superfície plásticos, cujo principal representante é o corrugado.

Em termos gerais, podemos afirmar que a principal dissensão entre a hipótese de Urban (1996) e a de Brochado (1989) diz respeito ao movimento dos guarani e dos tupinambá sobre o espaço, sendo que no primeiro caso seriam movimentos convergentes e no segundo caso movimentos divergentes. Outra importante constatação de Brochado (1989) seria a de

que esses grandes deslocamentos humanos que ocorreram em nossa pré-história não foram exatamente migrações, “no sentido de que as regiões de onde saíram não ficaram vazias, pelo contrário, a população continuava crescendo até o ponto de obrigar a saída de novas vagas humanas” (BROCHADO, 1989, p.80).

Levado por uma linha de pensamento que considera esses deslocamentos como contínuos no decorrer da pré-história e história indígenas, e que essas levas partiriam de um centro que não se extinguiu com as sucessivas movimentações, nomeou-se esse fenômeno como "deslocamento expansivo", o qual adotaremos em nosso trabalho.

O fenômeno de deslocamento expansivo seria fruto de uma “inteligibilidade econômica”, sustentada pela agricultura e por um forte crescimento demográfico levando a formação de uma zona de expansão (RENFREW, 2000).

Segundo a hipótese de Lathrap (1975) o desenvolvimento de uma agricultura adaptada ao clima da floresta Amazônica, junto às férteis terras de várzeas próximas às margens do Rio Amazonas, provocaram crescimento e aumento na densidade demográfica dos povos que ali habitavam. Este era o principal motivo dos movimentos e deslocamentos desses povos na região Amazônica e também para fora dela. Essas observações foram possíveis graças à distribuição das línguas aparentadas sobre grandes áreas territoriais e o esforço de correlacioná-las ao material arqueológico achado em área comum, sugerindo, assim, que as expansões de povos amazônicos obedeceram ao modelo de adaptação agrícola/crescimento populacional/dispersão por novos territórios à procura de novas terras agricultáveis.

Enfatizou Brochado (1989) que as terras de várzeas exploradas pelos indígenas somente eram procuradas quando se apresentavam muito boas para o cultivo. A competição por esse recurso limitado dentro da floresta Amazônica “forçou as comunidades a se afastarem, buscando sempre, porém, o mesmo nicho ecológico – os ricos solos aluviais, fáceis de trabalhar e que produziam o máximo com o mínimo de esforços” (BROCHADO, 1989, p.79).

Esse modelo condiz com a característica expansionista dos tupi-guarani que “ocuparam um circuito de terras baixas, rodeando os planaltos brasileiros habitados por falantes de línguas do tronco Macro-Jê” (Ibidem, p.78). Durante o processo de deslocamento e expansão territorial, novas áreas eram incorporadas, repetindo um padrão ocupacional bem adaptado ao ambiente tropical em outros ecossistemas, como a mata litorânea, a mata pluvial tropical, ou subtropical e as matas ciliares.

Seguindo a linha de Lathrap (1975) e Brochado (1989), o também arqueólogo Noelli (1993) pressupõe que a ocupação tupi sobre o território sul-americano se deu de forma lenta e

sistemática. Constatou que a causa dessa gradativa ocupação era motivada pela natureza cultural de um povo com alto grau de sedentarismo. As consequências principais dessa importante e lenta expansão foram o fracionamento das aldeias, pelo crescimento populacional, a resistência das populações que ocupavam as áreas pretendidas, a preparação do ambiente ocupado, com a transformação da floresta primária em área conhecida e produtiva e a anexação paulatina e contínua de áreas imediatamente adjacentes aos territórios ocupados.

A hipótese lançada por Noelli (1993, 1999-2000) de uma “ocupação lenta e sistemática” dos guarani contrapõe-se ao cenário traçado por linguistas (RODRIGUES, 1994; URBAN, 1996) caracterizado por grandes dispersões no espaço, por meio de explosões migratórias rápidas. Noelli (1993, 1999-2000), com base em estudos etno-históricos aliado aos dados arqueológicos pressupõe que a reprodução da organização social guarani, altamente adaptada ao meio, seria possível “através de uma intensa e contínua troca de informações, objetos e pessoas aldeia-a-aldeia, tanto em nível local quanto regional, até alcançar distâncias longínquas no interior do imenso território de falantes do Guarani” (NOELLI, 1999-2000, p.248). A incorporação de novas informações e objetos entre as aldeias dessa imensa nação garantiria a uniformidade da cultura guarani por longo tempo.

Enquanto as hipóteses lançadas por Lathrap (1975), Brochado (1989) e Noelli (1993) sobre a expansão tupi-guarani aparecem no cenário arqueológico como muito sugestivas e, até certo ponto, um referencial teórico a serem adotadas, as pesquisas arqueológicas até o momento colocadas a público não permitem validar totalmente aquela proposta, em parte por existirem no Brasil regiões ainda muito pouco conhecidas arqueologicamente, apresentando escasso material cronológico para que se possa tecer um cenário coerente das movimentações tupi-guarani.

No Alto Rio Xingu, atual Estado de Rondônia, onde se especula que se teriam originado as primeiras movimentações expansionistas tupi-guarani, temos datações por carbono 14 que atestam a presença da Tradição Policrômica Amazônica em uma faixa cronológica de 1180 a 930 anos antes do presente (CRUZ, 2008).

No Brasil Central, onde supostamente os proto-guarani teriam se expandido, o Estado de Mato Grosso do Sul possui um número considerável de datações para sítios guarani, sobretudo aquelas localizadas no sudoeste do Estado, na margem do Alto curso do Rio Paraná e sub-bacias (KASHIMOTO; MARTINS, 2006). Da sub-bacia do Rio Pardo localizada ao norte da Bacia do Paraná, até a sub-bacia do Rio Amambaí, localizada mais ao sul, foram

datados diversos sítios arqueológicos filiados à subtradição guarani em uma faixa cronológica que se estende de 1.200 a 180 anos antes do presente.

No Estado de São Paulo, as datações da subtradição guarani estão distribuídas em maior quantidade pelo Vale do Rio Paranapanema. Na cidade de Angatuba, localizada no Alto Paranapanema, temos datações que atestam a presença dos guarani em 1.540, 1.260 e 1.100 antes do presente (PALLESTRINI, 1975; MORAIS, 2000). A cidade de Tejupá, entre o Alto e o Médio Vale do Paranapanema, também nos fornece datações muito recuadas no tempo, como 1.600 e 1.500 antes do presente (PALLESTRINI, 1975; MORAIS, 2000). A cidade de Iepê, localizada no Baixo Vale do Paranapanema, apresenta datações contemporâneas às já citadas para o Estado, abrangendo uma faixa cronológica mais antiga, entre os anos de 1.668 (Sítio Ragil) a 700 (Sítio Aguinha) antes do presente (FACCIO, 1998; 2011).

Os terraços estruturais da margem paulista do Alto Paraná abrigam os Sítios Lagoa São Paulo, Lagoa São Paulo - 02 e Socó-Boi estudados respectivamente por Pallestrini (1983), Cabrera (2009) e Oliveira (2001). Todos os sítios estão localizados no município de Presidente Epitácio, SP e foram situados em faixa cronológica de 1.050 anos antes do presente. O Sítio Arqueológico Célia Maria datado de 450 anos antes do presente está localizado na Bacia do Rio Santo Anastácio, afluente da Bacia do Paraná.

Nos Estados do sul do país podemos encontrar a presença maciça dos guarani. As informações cronológicas obtidas por datações absolutas para o Estado do Paraná podem fornecer uma faixa temporal para estes grupos de 1.625 antes do presente até os tempos históricos. Datas contemporâneas no vale do Rio Iguaçu (1.625, 1.565, 1.395, 1.235 antes do presente) e vale do rio Ivaí (1.490 antes do presente) podem assegurar essa temporalidade (CHYMZ, 2003).

Para o Rio Grande do Sul, a ocupação de grupos guarani no Vale do Rio Jacuí é a mais antiga nos registros atuais para o Estado, e uma das mais recuadas para toda Tradição Tupiguarani. Para Soares “as datações mais coerentes para o sítio Ropke, localizado no médio Vale do Rio Jacuí, estão entre uma faixa temporal de ocupação de 1700 a 200 anos antes do presente” (SOARES, 2004, p.99).

Com base nas datações arqueológicas, podemos constatar que a faixa cronológica mais antiga para as ocupações guarani no Brasil encontra-se nos Estados de São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul, formando um quadro discrepante daquele colocado hipoteticamente por Brochado (1989). Faz-se a ressalva de que os Estados citados são também aqueles com maior número de datações registradas para a cultura guarani. Esperamos que o desenvolvimento das

pesquisas arqueológicas na região de Rondônia e centro-oeste brasileiro possa validar a hipótese de uma expansão guarani norte-sul ou, de certa forma, refutá-la.

## 1.2 O Contexto Regional

Os grupos guarani parecem ter ocupado massivamente a região da Bacia do Paraná e do Paranapanema, expandindo-se desde os terraços e várzeas próximos aos principais canais fluviais até os tributários mais afastados, já próximos as suas nascentes em um vasto período de 1.668 anos antes do presente até meados do século XX.

As datações absolutas apontam que as margens do Rio Paraná e Paranapanema Paulista foram mais densamente ocupadas durante uma faixa cronológica de 700 a 1.000 anos antes do presente. Em datas mais recentes, como no caso do Sítio Célia Maria, em torno de 500 anos antes do presente pode ter ocorrido um processo de territorialização dos tributários e das nascentes de tributários mais afastados das margens dos grandes rios, como indica a **Quadro 2**.

Quadro 2 - Cronologia dos sítios arqueológicos localizados no Baixo Paranapanema e Alto Paraná margem Paulista

<b>Sítios Arqueológicos</b>	<b>Cronologia</b>
Célia Maria (Alto Paraná-SP)	450 A.P.
Aguinha (Baixo Paranapanema-SP)	700 A.P.
Pernilongo (Baixo Paranapanema-SP)	750 A.P.
Terra do Sol Nascente (Baixo Paranapanema-SP)	750 A.P.
Lagoa Seca (Baixo Paranapanema-SP)	770 A.P.
Capisa (Baixo Paranapanema-SP)	850 A.P.
Ragil II (Baixo Paranapanema-SP)	879 A.P.
Alvim (Baixo Paranapanema-SP)	978 A.P.
Lagoa São Paulo (Alto Paraná-SP)	1.050 A.P.
Ragil (Baixo Paranapanema-SP)	1.668 A.P.
Neves (Baixo Paranapanema-SP)	1.800 A.P.

Fonte: Faccio, 2011; Pallestrini, 1984

O crescimento contínuo da população nas áreas ecológicas mais favoráveis ao assentamento guarani devem ter formado uma zona de expulsão/expansão populacional que levou à ocupação de novas áreas mais afastadas e menos propícias a ocupação guarani. O

modelo idealizado por Brochado (1984; 1989) propõe que os grupos guarani “expandem seu território dividindo as aldeias em células, que se subdividem novamente e assim por diante, de forma a ocupar um espaço territorial a partir de um adensamento populacional” (MILHEIRA, 2010, p.135).

Diante dos dados apresentados, o Sítio Arqueológico Célia Maria datado em torno de 450±60 anos antes do presente e localizado na Bacia do Rio Santo Anastácio, próximo ao espigão divisor de águas da Bacia do Paraná com a Bacia do Paranapanema, deve representar uma possível expansão territorial guarani para esta região em tempos mais recentes.

Afastado das margens dos grandes rios e próximo de nascentes de um pequeno córrego, esse ambiente proporcionou recursos suficientes para receber uma pequena comunidade guarani. O fato materializou-se nos três núcleos de solos antropogênicos<sup>7</sup>, em alguns milhares de fragmentos cerâmicos com pouca variabilidade de tratamento de superfície, inclusive ausência total do tipo corrugado característico de sítios guarani do Vale do Rio Paranapanema. O sítio apresentou vasilhas pequenas e médias, com ausência de grandes talhas, para armazenar bebidas, chamadas endemicamente por *cambuchis*. Quanto à indústria lítica, foi encontrado um fragmento de *tembeta*<sup>8</sup> polido e fragmento de seixos em quartzo, arenito silicificado, basalto e silexito, sem marcas de ação humana.

Já no Alto Vale do Paraná e Baixo Vale do Paranapanema, próximo aos principais cursos fluviais ou de seus principais afluentes, os sítios guarani estão instalados em amplos terraços com recursos naturais em abundância e boas condições de navegabilidade. A fertilidade do solo local é atestada pela decomposição do basalto aflorante que sustentava, em época pretérita, exuberantes florestas e terras amplamente favoráveis ao cultivo. Nesse cenário, foram recuperados volumosos recipientes e grande quantidade de fragmentos cerâmicos com alta variabilidade de tratamento superficial. As grandes *cambuchis* e *yapepós* resgatadas nesses sítios eram sinônimos de atividades sociais intensas, como grandes festas e alta densidade populacional, além de sinalizar atividades cerimoniais importantes como os enterramentos (FACCIO, 1998, 2011; KASHIMOTO; MARTINS, 2008).

Acreditamos que a diferenciação ecológica dos pequenos sítios guarani, localizados em tributários afastados dos grandes rios, se tenham dado pelo sistema social desses grupos, que definiria hierarquias de ocupação das áreas. Essa proposta trabalhada por Soares (1997) sugere que aldeias contemporâneas de maiores dimensões, com maior prestígio, por

---

<sup>7</sup> “É um tipo de macro-assinatura dos povos indígenas pré-coloniais, corrente nos sítios agricultores. Conhecido por mancha preta, é um corpo sedimentar remanescente de antigos solos de habitação e seu cinturão envoltório, depósitos de lixo, áreas de cocção de alimentos, etc.” (MORAIS, 2006, p.203)

<sup>8</sup> Objeto manufaturado em quartzo provavelmente utilizado como adorno labial.



apresentarem família extensa mais numerosa e muitas alianças políticas, ocupariam lugares mais estratégicos como rios principais, várzeas, controle de recursos naturais mais abundantes, enquanto aldeias menores seriam impelidas para áreas de recursos mais escassos, em “zonas limítrofes do *tekoá*, em zonas ecológicas menos favoráveis” (SOARES, 1997, p.51). Esse tipo de ocupação seria efetuado em sentido radial, a partir de um melhor ambiente, em captação de recursos e trânsito, “em direção à periferia sócio-ambiental, menores recursos devido ao menor prestígio” (SOARES, 1997, p.48).

Talvez a associação do modelo apresentado por Brochado (1989), Lathrap (1975), Noelli (1993, 1999-2000) e Refrew (2000) sobre uma inteligibilidade econômica referente aos coeficientes “alta produtividade agrícola” e “crescimento demográfico” somados a um sistema social que privilegiava a liderança da família extensa por um líder e o desmembramento de aldeias devido a acirramentos entre lideranças (SOARES, 1997) tenham impulsionado os guarani a procurarem novas terras aptas ao seu sistema de reprodução cultural, algumas vezes distantes daquelas de melhor representação ecológica, próxima às várzeas dos grandes rios, habitando territórios ainda pouco conhecidos pela arqueologia brasileira.

Para melhor compreender o potencial dessa região quanto ao estudo dos problemas da ocupação guarani, identificaremos uma série de assentamentos nesses vales, com o intuito de conhecer as particularidades de sua implantação na paisagem, morfologia e materiais associados, constituindo dados importantes para a continuidade e profundidade das investigações.

**2- SISTEMA REGIONAL DE OCUPAÇÃO GUARANI NA BACIA DO  
RIO PARANAPANEMA E ALTO PARANÁ**

O objetivo deste capítulo foi trabalhar com um modelo regional de povoamento para as populações ceramistas filiadas à subtradição guarani, localizadas na Bacia do Paranapanema e Alto Paraná. Procuramos elementos fundamentais para avaliar as possíveis integrações entre os diferentes assentamentos, com o propósito de construir um modelo subsidiado nos dados bibliográficos das pesquisas regionais.

O eixo de discussão permeou questões relativas aos espaços habitacionais e suas implicações regionais que englobam diferentes estratégias de assentamento dos grupos guarani.

Para o entendimento desses assentamentos guarani investigados nas áreas citadas, fez-se necessária a compreensão da terminologia elaborada por Morais (1999, 1999-2000, 2000) de Sistema Regional de Ocupação. A primeira etapa de entendimento desse conceito é realizada pela *análise espacial*, que, por meio do uso de mapas de distribuição de sítios e de artefatos, atua no reconhecimento sistemático dos padrões espaciais dos sítios arqueológicos, auxiliando na compreensão da inserção dos antigos assentamentos na paisagem<sup>9</sup> (MORAIS, 1999-2000).

Com base nessa investigação, pode-se inferir sobre *o padrão de assentamento*, compreendido pelo conhecimento das estratégias socioespaciais das antigas comunidades que influenciaram na distribuição do povoamento pelo espaço geográfico e, finalmente, compreende-se o *sistema regional de povoamento* que é a coordenação entre os sítios ou conjuntos de sítios cartografados em certa região, que demonstrem “relações concomitantes por contemporaneidade, similaridade ou complementaridade” (MORAIS, 1999-2000, p.207).

Para o entendimento e aplicação do conceito de Sistema Regional de Ocupação devemos enfatizar o fator Geo (MORAIS, 1999) que visa, principalmente, extrair informações pertinentes à análise dos padrões de assentamento, sua relação com o meio físico-biótico, recomposição dos principais traços da paisagem à época das ocupações, enfoques etnoarqueológicos e procedimentos e técnicas de datação para inserção cronológica dessas ocupações humanas no passado.

O fator Geo implica a formulação de procedimentos relativos a conexões viáveis entre a prática arqueológica e as ciências da terra, “culminando em levantamento dos cenários das ocupações humanas do passado, visando à interpretação no nível da demarcação territorial das antigas comunidades” (MORAIS, 1999, p.5). Assim, a abordagem de caráter ambiental

---

<sup>9</sup> Entendemos a paisagem como um produto socializado (BERTRAND, 2007) por diferentes culturas e ritmos de interação entre homem e meio no decorrer do tempo; ela deve ser analisada a partir de inferências regressivas do presente, buscando entender as unidades culturais do passado.

elevada pelo fator Geo tem “o propósito de subsidiar a tentativa de identificação das estratégias de sobrevivência das comunidades indígenas do passado” (MORAIS, 1999, p.8).

Dados como cronologia dos assentamentos, variabilidade topomorfológica, ambiente circundante, mapa da aldeia, estilo da cerâmica, tipos decorativos e morfologia e uso das vasilhas reforçam o entendimento dos significados das estruturas intrassítio, que compreende população da aldeia, uso das cabanas, estruturas de combustão, estruturas funerárias, ente outras, e de seus padrões de utilização da paisagem.

Buscou-se, no estudo do Sistema Regional de Povoamento guarani no Paranapanema e Alto Paraná, apresentar certos padrões da organização socioespacial de grupos culturais guarani recuperáveis, em diferentes produtos socioambientais como a inserção topomorfológica dos assentamentos e sua configuração intrassítio.

A variabilidade da organização espacial dos assentamentos guarani em nível regional e os padrões de apropriação de espaço físico forneceram elementos empíricos imprescindíveis para a interpretação do Sítio Arqueológico Célia Maria, objeto de nossa pesquisa.

Em suma, para esta pesquisa, adotamos o conceito de sítio arqueológico como “a menor unidade do espaço passível de investigação, dotada de objetos intencionalmente produzidos ou rearranjados, que testemunham comportamentos das sociedades do passado” (MORAIS, 2006, p.207). Muitas vezes, os vestígios arqueológicos distribuídos em determinada superfície e sua disposição dentro do sítio formam as estruturas arqueológicas como as antigas habitações ou fogueiras, testemunhos das atividades sociais desses grupos.

Esse projeto inicial fundamenta-se no estudo de critérios de seleção e implantação dos sítios arqueológicos na paisagem, começando com os padrões de povoamento pela escala regional, auxiliando na interpretação da expansão guarani pelas bacias do Paranapanema e Alto Paraná, fornecendo subsídios para uma melhor compreensão da arqueologia da região.

## **2.1. Os Sítios Guarani do Vale do Rio Paranapanema**

Fazendo uso das palavras de Robrahn González (2000, p.27), “as análises que se seguem estão baseadas nos assentamentos da margem paulista do Paranapanema, onde os trabalhos e as próprias publicações privilegiam o estudo individual”. Tal concepção nasceu na origem metodológica do Projeto Paranapanema (ProjPar) que consolidou a prática

arqueológica a partir de uma abordagem regional, ao mesmo tempo em que detalhava, ao máximo, as especificidades de cada assentamento pretérito (PALLESTRINI, 1975).

Em escala macro, as ocupações de grupos ceramistas guarani no Vale do Paranapanema foram instaladas em vertentes suaves, na maior parte dos casos em áreas de terras férteis, “próximos a um rio ou ribeirão, corredeiras, fontes de argila, nascentes de água, depósitos de cascalheiras ou afloramento de arenito silicificado intratrapiano” (FACCIO, 1998, p.36).

No entanto, ocorreram diferenciações geográficas dos sítios do Paranapanema, relacionadas à sua implantação no espaço. No trecho do Alto-Médio Paranapanema houve a ocupação dos relevos colinares, fixando seus assentamentos de preferência no ápice ou à meia-encosta de colina com presença de cursos de água na base. No Baixo Paranapanema, eventualmente, instalaram suas ocupações em área de terraço na “média para baixa vertente, próximos a lagoas e/ou nascentes da Bacia do Paranapanema, onde ocorrem depósitos de argila” (FACCIO, 2011, p.102).

A posição geográfica dos sítios arqueológicos inseridos no Alto-Médio Paranapanema (**Figura 3**) mostrou semelhanças de situação importantes. A primeira situação mostrou que os sítios trabalhados por Pallestrini (1968-69; 1975), Morais (1979; 1986) e Pallestrini e Morais (1984, 1988) estavam próximos a córregos e ribeirões a uma distância aproximada de 200 metros. Os sítios se inseriam sempre da média vertente ao topo de colinas, demonstrando uma preocupação locacional com os pontos mais altos, com amplo domínio visual do ambiente envoltório. O conjunto dos sítios mostrou que estavam implantados em substratos básicos de latossóis, provenientes da decomposição do basalto, como é característico na região.

Outras características geográficas de posição e uso de matérias primas apresentaram diferenças devido às mudanças geológicas regionais. O aproveitamento do material lítico dos assentamentos situados na macrorregião das Cuestas Basálticas incidiu sobre os tipos de rochas como o arenito silicificado, o basalto e os seixos de sílex, abundantes na região. Nos assentamentos localizados na macrorregião da Depressão Periférica, as rochas mais procuradas foram os gnaisses e xistos característicos desse ambiente geológico.

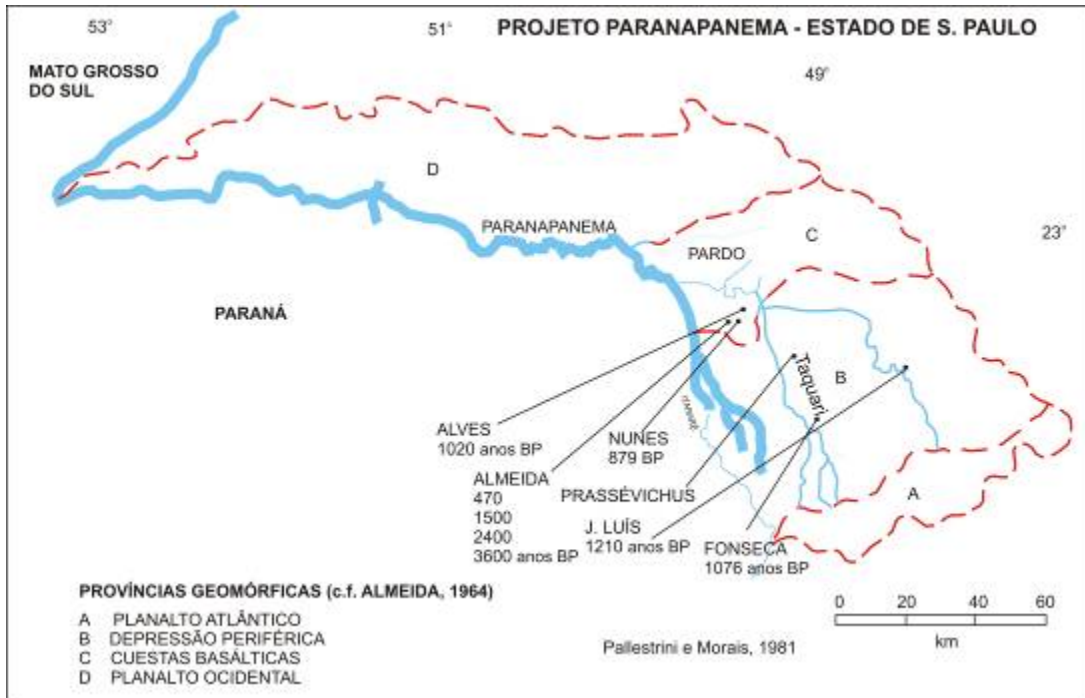


Figura 3 - Localização dos sítios arqueológicos do Alto-Médio curso do Paranapanema  
Fonte: Pallestrini e Morais, 1981.

Nesse conjunto de duas províncias geográficas, estão inseridos os primeiros sítios arqueológicos, estudados por Pallestrini e Morais, no contexto do Alto-Médio Paranapanema. Notou-se, nesses estudos, que as diferenças estruturais do relevo não impediram que se mantivessem o mesmo padrão locacional das aldeias guarani, geralmente inseridos em áreas mais altas, devendo possuir algum significado locacional, talvez “um amplo domínio visual da *skyline*” (MORAIS, 1999, p.102) relacionados a uma posição defensiva (**Figura 4**).

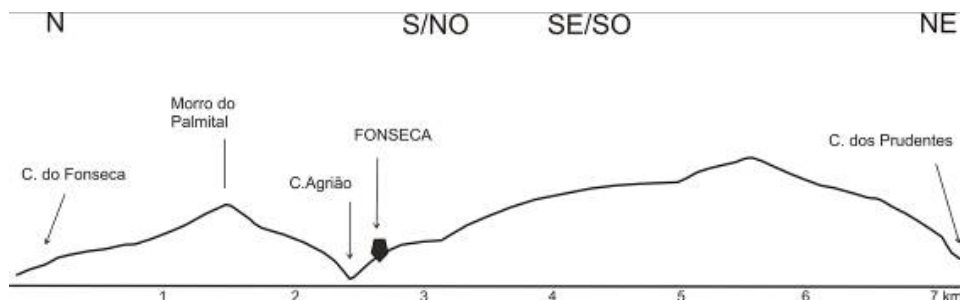


Figura 4 - Situação do Sítio Fonseca em perfil topográfico regional  
Fonte: Morais, 1979.

Na província do planalto ocidental paulista, onde se situa o Baixo Paranapanema, a ocupação das grandes aldeias se deu proximamente aos rios e cursos de água, na média-baixa vertente, onde se dispunha de terras férteis resultantes da decomposição do basalto (formação Serra Geral), acesso imediato às cascalheiras utilizadas como matéria prima para a indústria lítica e aproveitamento máximo dos canais fluviais.

Enquanto as aldeias guarani do Alto-Médio Paranapanema se localizavam junto aos pequenos tributários do Paranapanema e a outros grandes afluentes, as aldeias guarani do Baixo Paranapanema tenderam a se localizar na calha do grande rio, geralmente em terraço fluvial ou baixa vertente (MORAIS, 1999). Os sítios de maior porte como o Lagoa Seca, Aguinha e Ragil estão localizados próximos às margens do Rio Paranapanema, localizando-se, os de menor porte, próximos a afluentes desse grande rio, como é o caso do Sítio Neves e Silva (FACCIO, 1998). Podemos visualizar esta tendência espacial na **figura 5**.

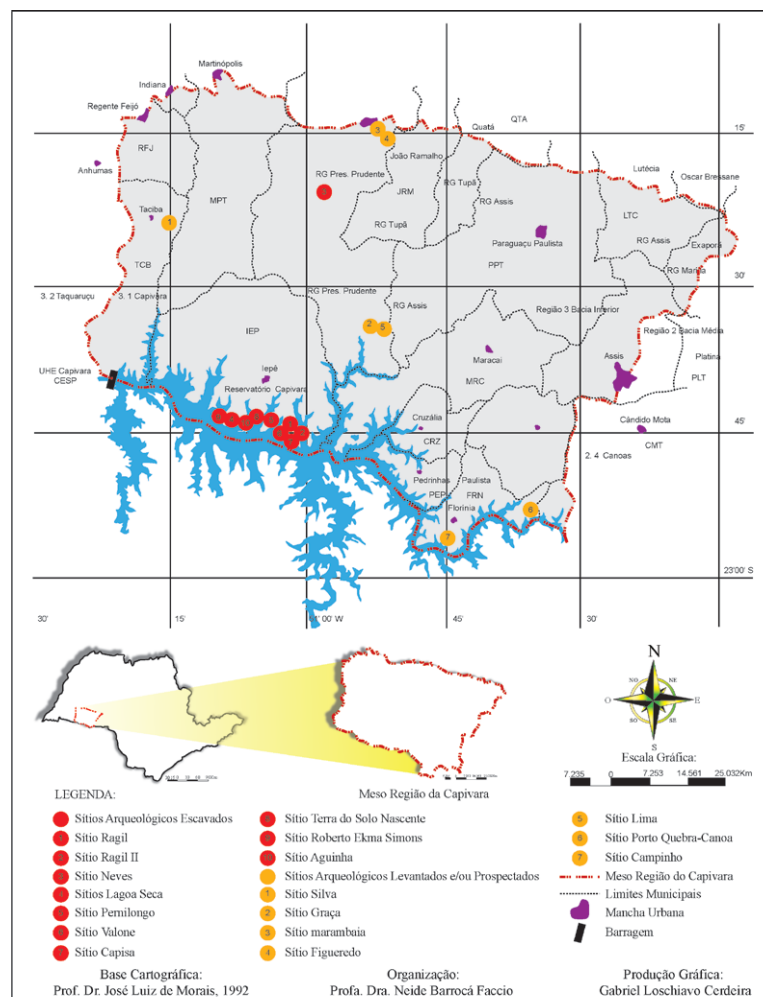


Figura 5: Área da Meso Região da Capivara e 17 sítios arqueológicos  
Fonte: Faccio, 2011.

Os sítios arqueológicos de menor porte, localizados na Meso Região da Capivara, Baixo Vale do Paranapanema, estão inseridos em meia-encosta próxima a córregos e ribeirões afluentes do Paranapanema. O Sítio Neves, por exemplo, encontra-se próximo ao Ribeirão Capivari e a 50 km de distância do curso do Rio Paranapanema (FACCIO, 1998).

As estruturas arqueológicas evidenciadas no Alto-Médio Paranapanema demonstraram um sistema de representação que pode corresponder ao mesmo padrão de racionalidade na organização de seu espaço habitacional. As manchas pretas<sup>10</sup> associadas aos restos decompostos de antigas habitações estiveram presentes em todos os sítios, em média de sete habitações por aldeia. Dentro do perímetro dessas aldeias, foram evidenciados fragmentos cerâmicos, material lítico, terra queimada e carvão, sendo esses últimos componentes das antigas fogueiras internas. Os sítios em apreço apresentaram urnas funerárias externas às residências, em todos os casos (PALLESTRINI, 1975).

Variações na morfologia dos assentamentos são visíveis nesse contexto regional. O Sítio Prassévichus apresentou tamanho de 80.000 m<sup>2</sup>, sendo identificados nove núcleos de solos antropogênicos. O Sítio Fonseca apresentou tamanho correspondente a 47.000 m<sup>2</sup>, sendo delimitados em suas dependências oito núcleos de solos antropogênicos. Sítios de tamanhos menores, como o Alves e o Almeida (16.900 e 10.800m<sup>2</sup>), possuíam, respectivamente, sete e nove núcleos de solos antropogênicos. Nas **figuras 6 e 7**, podem-se visualizar as plantas de dois sítios com tamanhos diferentes e quantidade de núcleos de solos antropogênicos semelhantes.

Ao analisar as duas figuras, percebe-se que no Sítio Fonseca os núcleos antropogênicos estão dispostos de forma mais dispersa, em formato de semicírculo, enquanto no Sítio Alves os núcleos não apresentam a mesma forma e algumas de suas manchas são muito maiores. Quanto às urnas funerárias, verifica-se a inexistência de padrão, no que se refere à localização em relação às manchas pretas.

É importante salientar que a ocupação de grupos guarani nem sempre mostrou uma configuração de aldeia semelhante, nem mesmo quando estes sítios se encontravam relativamente próximos, como no caso da região do Alto-Médio Paranapanema. No caso da arqueologia guarani, sabe-se pouco sobre as variabilidades e diferenças materiais e espaciais no interior das aldeias escavadas, o que não acontece com a etnografia contemporânea guarani que reconhece certas parcialidades ou grupos étnicos distintos entre si, mas que compartilham a língua guarani (SOARES, 2008).

---

<sup>10</sup> Termo substituído por Morais (1999) por núcleo de solo antropogênico.



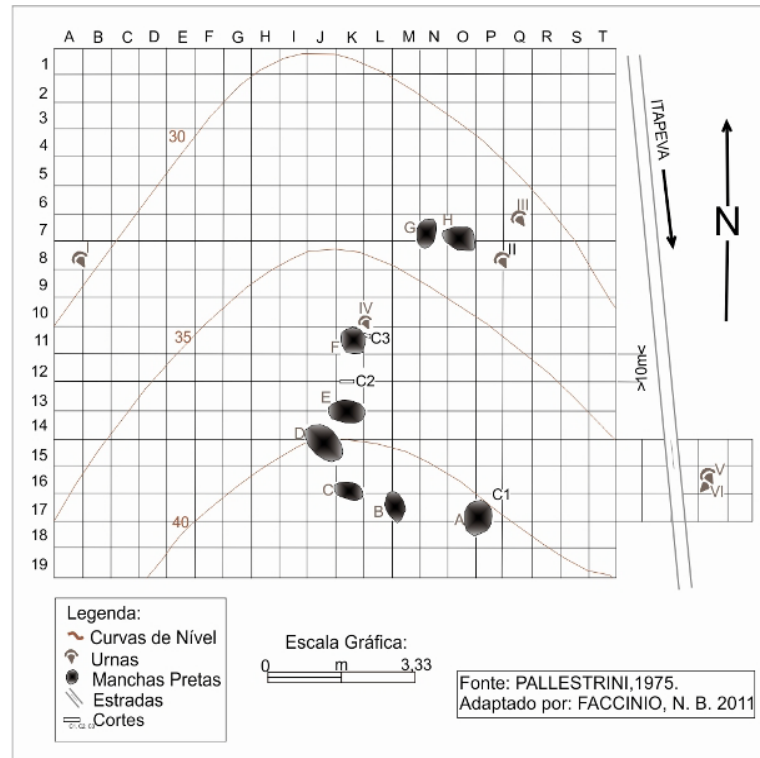


Figura 6 - Área do Sítio Arqueológico Fonseca.

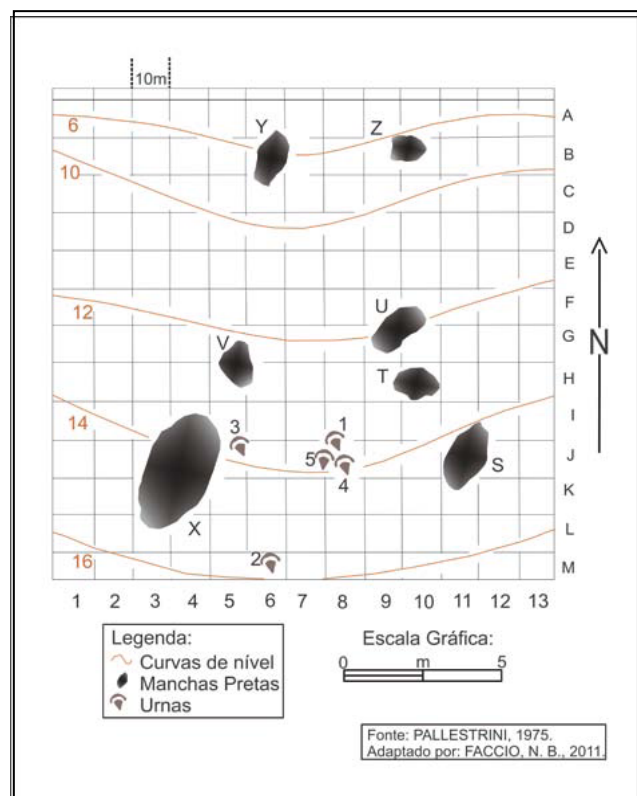


Figura 7 - Área do Sítio Arqueológico Alves

O Sítio Arqueológico Nunes apresenta morfologia de seu assentamento e configuração espacial dos núcleos de solos antropogênicos semelhante ao Sítio Célia Maria. As estruturas desse sítio foram marcadas por três manchas de terra preta, ricas em fragmentos cerâmicos, com contorno ovalado e diâmetro de superfície ao redor de 15 por 12m (**Figura 8**). “Os espaços habitacionais apresentam-se com distância de cerca de dez a quinze metros um do outro” (PALLESTRINI & MORAIS, 1988, p.138), encontrando-se, nas proximidades da mancha preta 1, uma fogueira com grande quantidade de carvão e fragmentos cerâmicos.

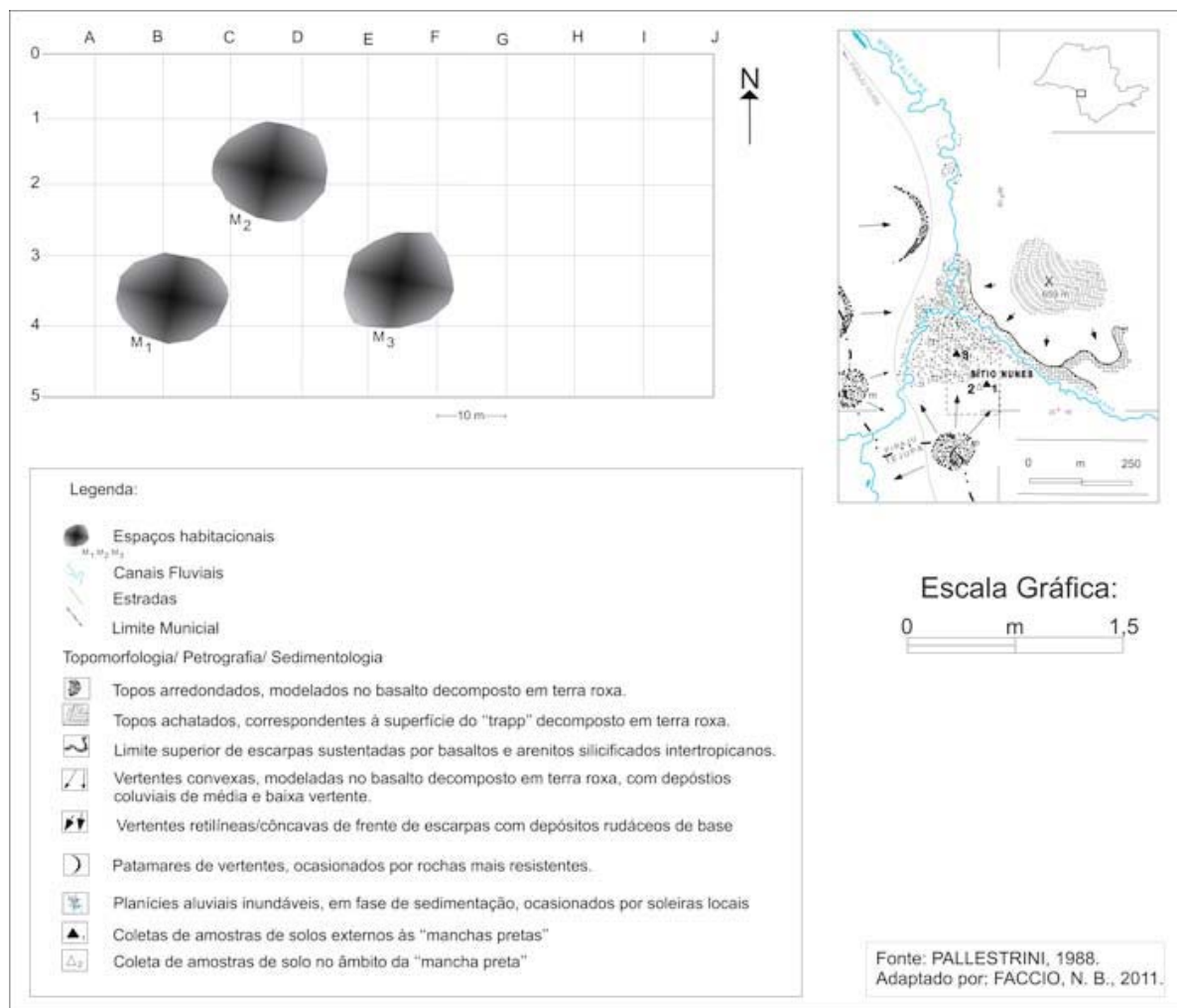


Figura 8: Área do Sítio Arqueológico Nunes.

As estruturas arqueológicas no Baixo Paranapanema apresentaram-se muito escassas, devido às transformações antrópicas recentes na paisagem. Sabe-se que as águas do lago da UHE da Capivara, ao longo de 30 anos, vêm retrabalhando as suas margens pelas correntes de

fundo que desestrutura o pacote sedimentar que contém os registros arqueológicos (FACCIO, 1998, 2011).

O fenômeno de solapamento das margens pode, em alguns casos, decapar assistematicamente as manchas pretas que, quando evidenciadas, se apresentam com poucos centímetros de espessura, estando desestruturadas quanto à configuração dos seus vestígios arqueológicos (FACCIO, 2011). Sabe-se, no entanto, que outras tantas estruturas arqueológicas como as urnas funerárias, manchas pretas e estruturas de combustão encontram-se totalmente submersas.

Diante de tal fato, Faccio (2011) ponderou ser difícil inferir as dimensões e formas dos sítios guarani do Baixo Paranapanema localizados em áreas de depleção,

[...] bem como o número de manchas pretas, de urnas funerárias ou de fogueiras. Contudo, essas aldeias guarani do Município de Iepê parecem ter grandes dimensões e, provavelmente, devem ser parecidas, em sua organização espacial, com aquelas evidenciadas por Pallestrini (1975) (FACCIO, 2011, p.295).

Dentre os sítios arqueológicos considerados de grande porte, e localizados nas margens do lago da UHE da Capivara, dois deles apresentaram resquícios de núcleos de solos antropogênicos parcialmente estudados.

O primeiro deles é o Sítio Lagoa Seca onde, em 2000, época de seca, quando as águas do reservatório baixaram, foi detectado e escavado por decapagem uma área de solo antropogênico de 3,5 por 7m, evidenciando fragmentos cerâmicos dispersos em seu interior. No ano de 2010, vestígios da mesma estrutura de mancha preta tornaram-se novamente emersos, evidenciando uma fogueira em seu interior. Com o retorno dos trabalhos de decapagem na mancha preta, pôde-se observar que poucos pontos dessa mancha “resistiram ao processo de avanço e de recuo das águas do lago da UHE da Capivara” (FACCIO, 2011, p.139). O foco da decapagem incidiu sobre uma antiga fogueira interna à estrutura de mancha preta, que apresentou pequena quantidade de carvão e pedras, sendo as últimas colocadas em posição circular e o carvão disposto ao lado, em formato pouco comum na área do Paranapanema Paulista (FACCIO, 2011).

No Sítio Aguiinha, durante o ano de 2007, com a emersão de parte do sítio, foram realizados trabalhos de campo, onde foi possível encontrar parte de uma extensa área de solo

enegrecido, provável mancha preta, rica em material arqueológico e, sobretudo, fragmentos de cerâmica (PEREIRA, 2007).

A área de solo enegrecido estava situada na margem direita do Rio Paranapanema, à meia-encosta da vertente. As suas dimensões apresentaram 111m. de comprimento e 29 m. de largura em relação ao rio<sup>11</sup>. A **figura 9** mostra como está estruturada essa área em relação ao reservatório e sua dimensão na escala 1/1.000 (PEREIRA, 2007).

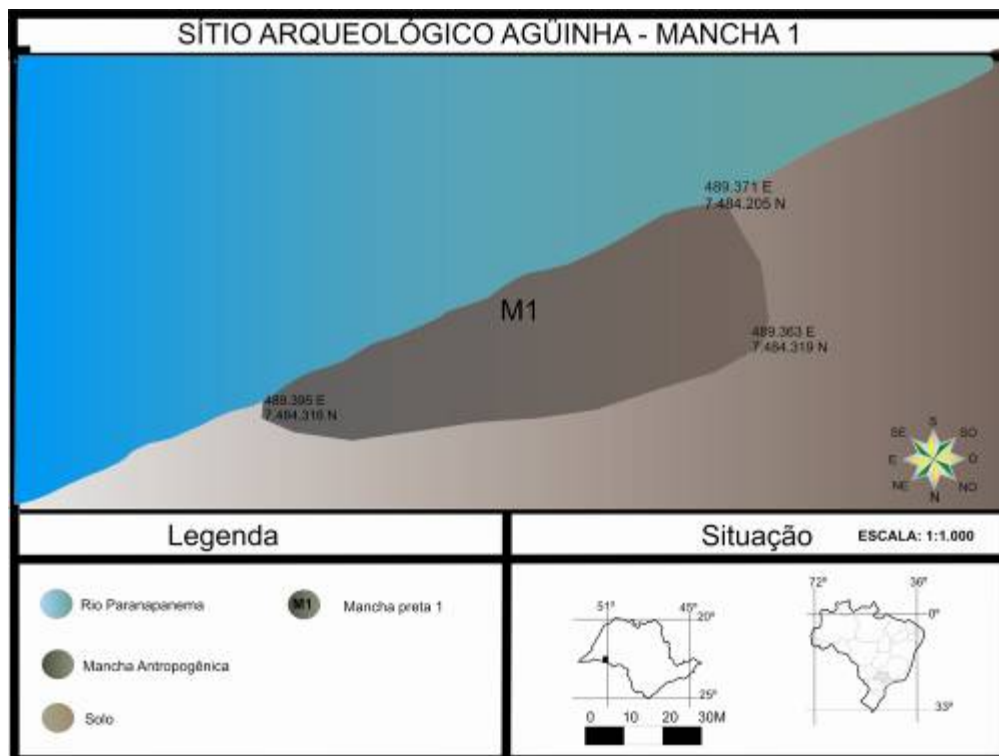


Figura 9: Núcleo de solo antropogênico parcialmente emerso. Sítio Arqueológico Aguiinha. Iepê, SP.

Dos outros sítios arqueológicos, considerados de pequeno porte, vários foram identificados por Faccio (1998) em áreas distantes do curso do Rio Paranapanema. Na maioria dos casos, esses sítios foram classificados como *mal-conservados* ou *destruídos*.

Sem dúvida, o sítio arqueológico de pequeno porte mais conhecido na Meso Região da Capivara é o Sítio Neves. Durante os trabalhos de campo, foram realizadas prospecções

<sup>11</sup> A dimensão apresentada para o núcleo de solo antropogênico identificado no Sítio Aguiinha é bastante diferente da dimensão descrita por Pallestrini e Moraes em todo Alto-Médio Paranapanema que, em geral, estiveram em torno de 10 x 8 m. Registra-se, no entanto, que o Sítio Estirão Comprido localizado as margens do Rio Ivaí/PR e pesquisado pelo professor Blasi (1967 apud KASHIMOTO, 1997) apresentou solo de terra preta quase circular com diâmetro de aproximadamente 80m., aproximando-se da registrada no Sítio Aguiinha.

em dois locais do sítio. O primeiro local situava-se em uma meia-encosta próxima ao Ribeirão Capivari, onde se verificou a presença de fragmentos de cerâmica, líticos lascados em arenito silicificado e em quartzo leitoso, afloramento de basalto e uma mancha preta próximo a essas rochas. No outro, a Noroeste do primeiro, próximo a uma nascente, registrou-se a presença de cascalheira, mas sem que houvesse vestígios arqueológicos (FACCIO, 1998; 2011).

O Sítio Neves apresentou uma possível mancha preta com dimensões de 5 x 7m metros e de 3 a 5cm. de espessura. Em seu interior, foi encontrada apenas uma bolota de argila e em seu entorno foram evidenciados fragmentos cerâmicos esparsos. Duas hipóteses foram levantadas por Faccio (1998, 2011), quanto à interpretação do sítio. A primeira diz respeito à “possibilidade de ser esta mancha originária de queimada recente” (FACCIO, 1998, p.108) e a segunda leva a acreditar que a pouca quantidade de vestígios aliada à pequena espessura da mancha preta pode estar ligada a uma ocupação de curta duração ou sazonal (FACCIO, 2011). Nesse último caso, se confirmado, o sítio pode ter tido a função de um acampamento guarani.

Outros sítios de pequeno porte foram descritos pela autora (FACCIO, 1998) e merecem menção. No Sítio Silva, foram encontrados fragmentos de cerâmica em superfície distribuídos numa profundidade de 0 a 10cm. No Sítio Marambaia, foram encontrados poucos fragmentos cerâmicos em uma área de 50 x 80m., com distribuição bastante esparsa e pouco frequente. O Sítio Graças apresentou fragmentos de cerâmica em uma área de 60 x 100m. O relato do proprietário da fazenda apontou a existência de duas manchas pretas de forma arredondada, não verificáveis devido à altura da plantação. No Sítio Lima, localizado próximo ao Sítio Graças, a uma distância aproximada de 400m., foram identificados e coletados 72 fragmentos de cerâmica e uma lâmina de machado que havia sido retirada do local por um morador da região. O material arqueológico estava distribuído em superfície por uma área de 40 x 60 m.

Foi ponderado que nos casos apresentados anteriormente a cobertura vegetal e agrícola não permitiu a visualização completa dos vestígios arqueológicos em campo. No entanto, a densidade de material descrito, assim como a ausência de solos antropogênicos prospectados, levam-nos a crer, ainda que de forma preliminar, que esses locais estavam destinados a atividades sazonais, com possível função de um acampamento ou área de roça.

O material cerâmico no Alto-Médio Paranapanema pôde ser dividido em dois grupos; os sítios que apresentaram o tratamento plástico como o corrugado e o unglado, além dos tipos liso e pintado, e os sítios que não apresentaram o tratamento plástico, caracterizados apenas pelos tipos liso e pintado. Percebe-se, na divisão desses dois grupos, que o primeiro,

com tratamento de superfície plástico, se localiza na Depressão Periférica, enquanto o segundo, sem tratamento de superfície plástico, está localizado nas Cuestas Basálticas. O não compartilhamento de um estilo regional de decoração da cerâmica entre os dois grupos constitui um importante dado no que concerne às particularidades culturais regionais.

O material cerâmico guarani encontrado no Baixo Paranapanema apresentou grande variabilidade, sendo comuns “os tipos liso, pintado, corrugado, inciso, escovado, mamilar, serrungulado, pontado, entalhado etc.” (FACCIO, 2011, p.295). A porcentagem de ocorrência de cada um desses tipos varia de um sítio para o outro, demonstrando suas características peculiares, por um lado e, por outro, pelo fato de que os fragmentos analisados, em cada um dos sítios, apenas façam parte de seu registro total.

A título de exemplo, o Sítio Neves, considerado por Faccio (1998, 2011) como acampamento sazonal, apresentou 92,9% dos fragmentos do tipo liso, 3,78% dos fragmentos do tipo pintado e 0,75% dos fragmentos, no caso, apenas um fragmento, do tipo inciso. O Sítio Lagoa Seca apresentou 53,08% dos fragmentos do tipo liso, 6,8% do tipo acabamento plástico e 36,06% do tipo engobo e/ou pintura. O Sítio Aguiinha apresentou 77,21% dos fragmentos do tipo liso, 7,63% do tipo corrugado e 7,63% dos fragmentos do tipo pintado. O Sítio Ragil apresentou 95,53% dos fragmentos do tipo liso, 0,07% do tipo serrungulado e 2,96% do tipo engobo e/ou pintura. Segundo Faccio “na área dos sítios em análise, o antiplástico utilizado foi o mineral associado ao caco moído. O uso exclusivo do antiplástico mineral ocorre, sempre, numa porcentagem menor que 7%, em vasilhas de parede fina e de pequeno tamanho” (2011, p. 295).

A estrutura funerária guarani para o Vale do Paranapanema foi apresentada em forma de urnas funerárias com decoração lisa, corrugada e pintada com recipientes cerâmicos menores em seu interior e tampa formando uma só estrutura.

Em toda a extensão do vale, as urnas foram encontradas fora dos núcleos de solos antropogênicos, em disposição espacial diferenciada. No caso da região do Alto-Médio Paranapanema, o Sítio Alves apresentou as urnas funerárias agrupadas em um setor do sítio arqueológico, enquanto que em Jango Luís e Fonseca elas se encontravam dispersas por toda extensão dos sítios. Além disso, em Alves elas apresentaram o tipo pintado e liso, com grandes dimensões e em Jango Luís e Fonseca o tratamento de superfície corrugado foi predominante.

O quadro cronológico dos sítios guarani localizados no Alto-Médio Paranapanema, coloca-os em uma faixa temporal de 1.000 anos antes do presente. A proximidade cronológica e espacial entre os sítios, somadas a algumas analogias na organização do espaço habitacional,

confeção dos vestígios arqueológicos e procura de ambientes geográficos semelhantes, pode caracterizar o conjunto de assentamentos como um Sistema Regional Guarani (MORAIS, 1999-2000). Registra-se, no entanto, que o aprofundamento de uma análise comparativa entre os aspectos tecnológico, decorativo e contextual dos fragmentos cerâmicos e das urnas funerárias pode aprofundar algumas questões que são inerentes a cada assentamento e refere-se à peculiaridade de seus sistemas de representação cultural.

Os Sítios Jango Luís e Fonseca, ambos localizados na Depressão Periférica a uma distância de aproximadamente 25 km um do outro, apresentaram não só analogias nos tipos decorativos de sua cerâmica e nas características gerais da indústria lítica (ROBRAHN GONZALEZ, 2000), como, cronologicamente, apresentaram datações contemporâneas, com 1.210 e 1.076 anos antes do presente, respectivamente.

Os Sítios Nunes e Alves, localizados nas Cuestas Basálticas, distantes poucos quilômetros um do outro, teriam uma cerâmica muito semelhante e datações absolutas que variaram de 879 anos antes do presente para o primeiro caso e 1.020 anos antes do presente para o segundo caso.

O quadro cronológico dos sítios arqueológicos pesquisados por Faccio (2011) no contexto do Baixo Paranapanema, cidade de Iepê, coloca-os em uma faixa cronológica de 700 a 800 anos antes do presente, como foi ressaltado no Quadro 2, apresentado no capítulo 1. Observando a Figura 5<sup>12</sup>, contabilizamos seis sítios arqueológicos filiados à subtradição cerâmica guarani, situados às margens do antigo canal fluvial do Paranapanema e que apresentaram cronologia contemporânea, exceção feita para o Sítio Ragil. Esses sítios mostraram relações por contemporaneidade e por similaridade, que nos permitem dizer que formam um Sistema Regional de Ocupação Guarani, no contexto do Baixo Paranapanema.

## **2.2 Os Sítios Guarani do Alto Vale do Rio Paraná**

Os sítios arqueológicos que integram a paisagem do Alto Paraná e afluentes se caracterizam por estar situados em locais “de topografia elevada e, portanto, protegidos das cheias anuais; possuem solos, em geral, férteis; estão nas proximidades dos corpos d’água (lagoas e canais fluviais) e fontes de matéria-prima lítica ou argilosa” (KASHIMOTO; MARTINS, 2009, p.114).

---

<sup>12</sup> Página 31

Na margem direita do Alto Paraná (Estado de Mato Grosso do Sul), drenado pelas Bacias do Iguatemi, Amambaí, Ivinhema e Pardo, ocorre a presença de grandes aldeias guarani instalada nas margens elevadas do Alto Paraná, sobretudo em terraços estruturais. Aldeias de menor porte ocorrem na borda do terraço colúvio-aluvial, em áreas de afluentes, distanciados em mais de 8 km do canal principal (KASHIMOTO; MARTINS, 2009).

Os terraços estruturais da margem esquerda do Alto Paraná (Estado de São Paulo) abrigavam grandes aldeias guarani. Esses terraços são caracterizados pelas suas escarpas, nas quais foram identificadas a maioria das ocorrências e sítios arqueológicos. Segundo Leal (1998):

Pode-se inferir que os topos dos terraços possibilitariam a construção dos sítios, com ampla visão regional, protegidos pelas escarpas, as formas erosivas nas margens possibilitariam acesso mais fácil ao leito do rio Paraná e a presença de cursos fluviais menores possibilitariam acesso à água (nascentes) (LEAL, 1998, p.20).

Na margem direita do Alto Paraná, os sítios pré-coloniais guarani estão amplamente localizados ao sul do Rio Pardo – paralelamente, no Estado de São Paulo, esse marco geográfico poderia ser representado pelo Rio do Peixe –, que delimita o final dos cerrados e o início da paisagem de transição para a Floresta Estacional Semidecídua.

É no baixo curso das sub-bacias do Amambaí e Ivinhema, junto à confluência com o Rio Paraná, que se têm os melhores registros de aldeias guarani, formando o território do antigo guará<sup>13</sup> do Guairá, com intensa ocorrência de cerâmica arqueológica guarani (**Figura 10**). Os aspectos de acabamento de superfície e morfologia podem ser sucintamente descritos como:

[...] de superfície corrugado, ungulado, serrungulado e/ou escovado, ao lado de outras com superfícies decoradas com pintura policrômica - linhas pretas e/ou vermelhas sobre engobo branco ou vermelho, compondo recipientes tais como os *cambuchí*, *cambuchí caguaba* e *yapepó* com evidente predominância dos recipientes de fundo cônico, influência típica das representações simbólicas/morfológicas da cultura material dos consumidores da erva mate (KASHIMOTO & MARTINS, 2008, p.162).

<sup>13</sup> O guará pode ser considerado como uma região ou província formada pela união de vários territórios guarani. “Era a consciência da unidade e identidade sócio-cultural-regional, reforçada e estabelecida pela união de ações e a solidariedade de condutas” (SOARES, 1997, p.129).



O Sítio Rio Ivinhema 1, localizado na Bacia do Rio Ivinhema e o Sítio Rio Paraná 12, localizado na Bacia do Rio Pardo, foram classificados por Kashimoto e Martins (2009) como aldeias guarani de grande porte, instaladas em terraços. Predominava, nesse compartimento, a Floresta Estacional Semidecidual florescida sobre os solos podzólicos e latossolos oriundos do arenito Caiuá. Ambos os sítios apresentaram sobre esse contexto ambiental uma grande extensão e concentração de vestígios cerâmicos, líticos lascados e carvões oriundos de fogueiras arqueológicas.

No Sítio Rio Ivinhema 1 foi evidenciado um sepultamento guarani composto por uma urna com decoração corrugada, abrigando em seu interior um indivíduo com o crânio recoberto por uma vasilha cerâmica, junto a um adorno labial de resina. As datações obtidas para esses dois sítios indicam contemporaneidade, ocorrendo no Sítio Rio Ivinhema 1 uma faixa cronológica de ocupação de 600 a 220 anos antes do presente e no Sítio Rio Paraná 12, uma datação de 580 anos antes do presente.

Segundo Kashimoto e Martins (2009) as dimensões desses sítios somadas às proporções dos vestígios arqueológicos indicam serem semelhantes ao Sítio Lagoa São Paulo estudado por Pallestrini (1984) no contexto do Alto Paraná, margem paulista.

O Sítio Lagoa São Paulo encontra-se situado na margem esquerda do Ribeirão dos Bandeirantes, tributário da bacia de recepção da Lagoa São Paulo, que se comunica com o eixo do Rio Paraná. O local de instalação oferece recursos naturais imprescindíveis para o assentamento guarani, tais como acesso aos afloramentos de argilas plásticas e fácil obtenção de recursos minerais, como os seixos de arenito silicificado, sílex, quartzo e quartzito, localizados em cascalheiras próximas (PALLESTRINI, 1984).

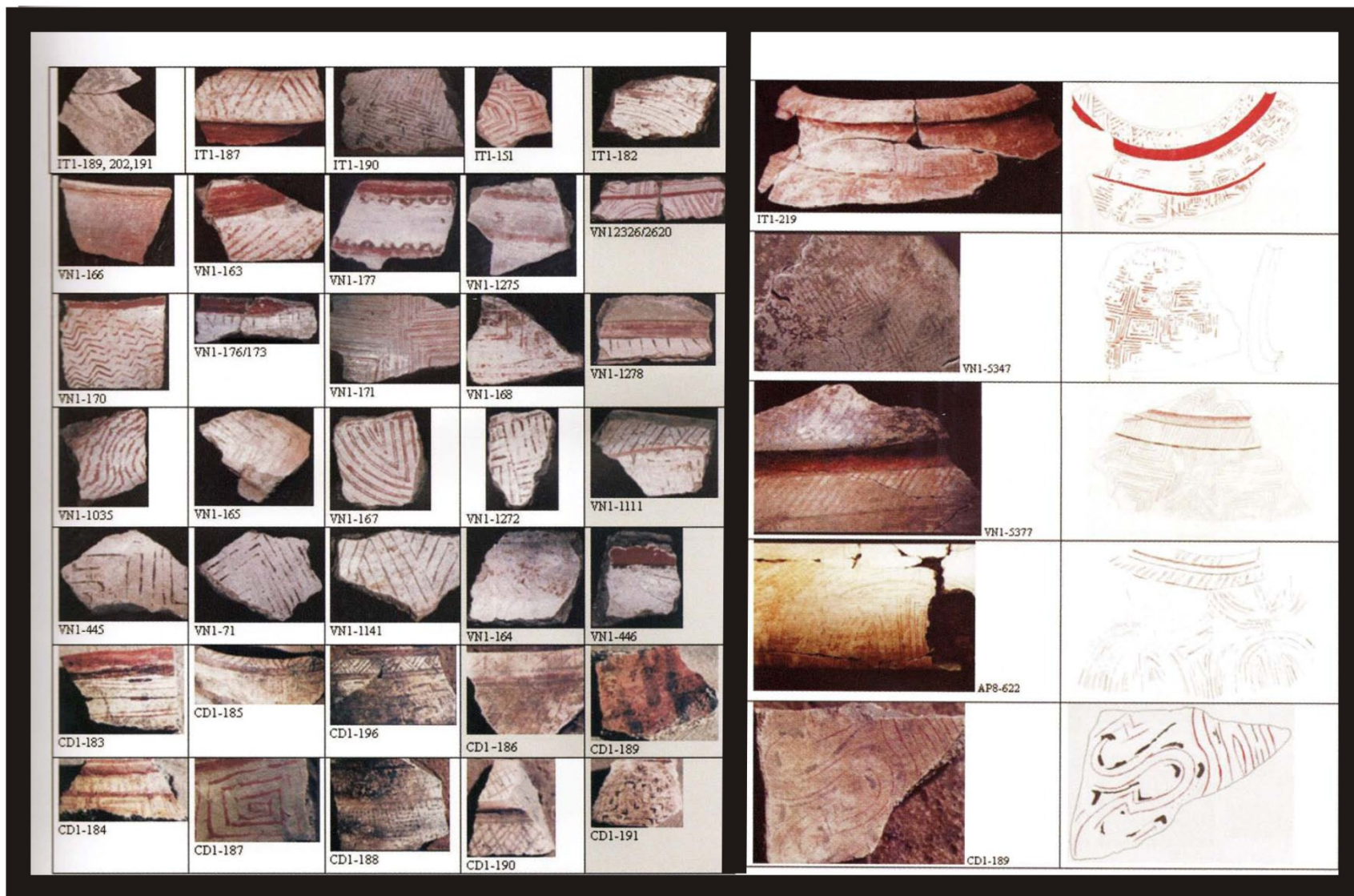


Figura 10 - Fragmentos de cerâmica com pintura policrômica das sub-bacias do Amambá e Ivinhema – MS  
 Fonte: Kashimoto e Martins, 2008.

Registraram-se nesse sítio, 13 manchas de solos enegrecidos, possíveis vestígios de cabanas, em uma área de 250 x 200 m. estando a eles associados sete fogueiras relacionadas à confecção cerâmica. Houve grande variabilidade nos tratamentos de superfície dos fragmentos cerâmicos, notando-se os de tipo liso, com tratamento plástico (corrugado, inciso, serrungulado, ungulado) e os pintados nas cores preta e vermelha. O sítio em apreço apresentou datação de 1.050 anos antes do presente, cronologia mais recuada no tempo em relação às grandes aldeias guarani da margem direita do Paraná.

No detalhamento da pesquisa, a autora nos informa que o nível estratigráfico cerâmico do sítio arqueológico atingiu até 35-40cm de profundidade nas manchas pretas. A dimensão dessas manchas escuras variou de cinco até dez metros de diâmetro, onde se coletou grande quantidade de fragmentos cerâmicos e líticos. As fogueiras circulares, com dimensões de cerca de um metro de diâmetro, também evidenciaram grande concentração de vestígios arqueológicos.

Próximo ao Sítio Lagoa São Paulo encontra-se o Sítio Lagoa São Paulo-02, ambos localizados na cidade de Presidente Epitácio/SP. Nesse sítio, foram encontradas duas urnas funerárias e 17 manchas pretas em formato aparentemente circular (CABRERA, 2009). Analisados 2.600 fragmentos cerâmicos, o conjunto apresentou as seguintes características: 28% são do tipo liso, 17% do tipo corrugado, 19% do tipo pintado, 13% do tipo corrungulado, 12% do tipo inciso, 7% do tipo escovado e 4% do tipo ungulado. Registra-se, ainda, a alta variabilidade dos tratamentos de superfície plástica, por incisão, por pressão e pressão e incisão.

Os sítios guarani considerados de pequeno porte (KASHIMOTO; MARTINS, 2009), localizados no Alto Paraná sul mato-grossense, apresentaram instalação ambiental distinta. Um grupo de sítios estava instalado em segmentos elevados na margem da lagoa do Custódio, local que se caracterizava pela abundante fauna aquática e terrestre, favorecedora de atividades de pesca, caça e coleta e o outro grupo em terraço colúvio-aluvial à margem de pequenos tributários da Bacia do Paraná.

O primeiro grupo de sítios (Rio Baía e Lagoa do Custódio) apresentou concentração de cerâmica associada a esparsas ocorrências de lítico lascado. No Sítio Rio Baía, foi decapada uma mancha de solo escuro de origem antropogênica, com estratigrafia de até 50 cm de profundidade, onde foram coletados fragmentos cerâmicos, líticos lascados e lâmina de machado polida. Essa aldeia guarani foi datada de 380 anos antes do presente. O Sítio Lagoa do Custódio apresentou alta concentração de fragmentos de cerâmica em porção do terreno

com topografia mais elevada, defronte à lagoa do Custódio. Os vestígios cerâmicos testemunharam a ocupação desse local entre os anos 1.200 e 500 anos antes do presente.

No segundo grupo de sítios arqueológicos, o Sítio Ribeirão Quiterói 1 apresentou numerosos fragmentos de cerâmica e 25 fogueiras, “representadas por carvões e outros vestígios orgânicos na profundidade de 20 a 35 cm” (KASHIMOTO; MARTINS, 2009, p.131). O conjunto dos vestígios cerâmicos parece tratar de uma grande habitação guarani, datada em 350 anos antes do presente. Os demais sítios desse conjunto apresentaram solo de origem antropogênica, onde foram coletados fragmentos de cerâmica, líticos lascados e carvões, componentes de uma antiga habitação guarani.

Na **Figura 11**, visualizam-se as datações obtidas para os sítios arqueológicos filiados à subtradição cerâmica guarani (datações em vermelho), no Estado do Mato Grosso do Sul, localizados ao sul da sub-bacia do Rio Pardo e as datações obtidas para os sítios arqueológicos tupiguarani, não guarani situados ao norte da bacia em apreço.

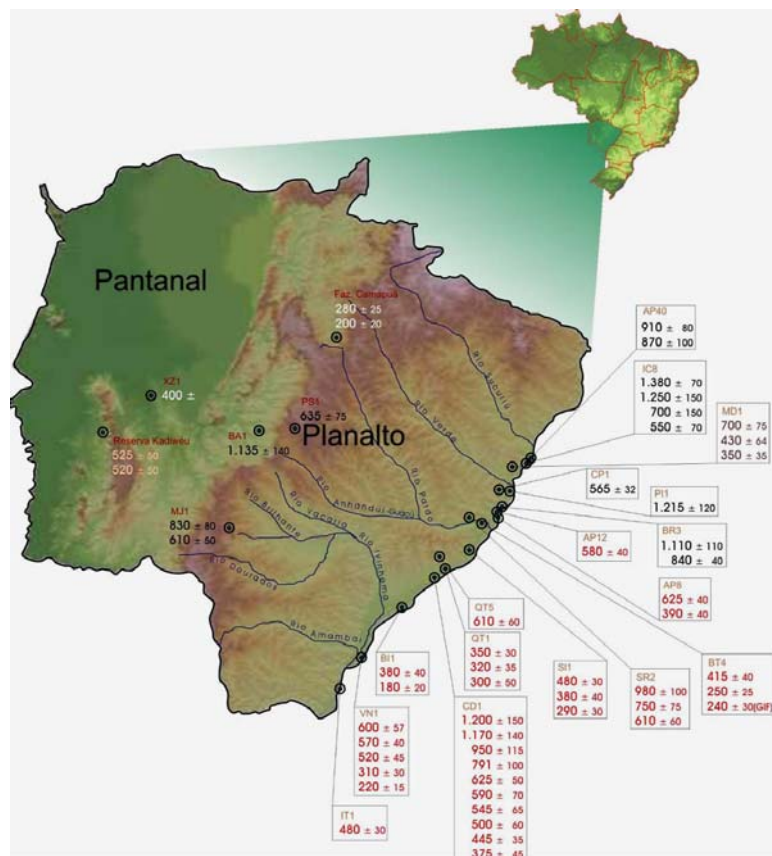


Figura 11 - Datações obtidas na Bacia do Alto Paraná, MS  
Fonte: Kashimoto e Martins, 2009.

Nota-se, na figura 11, que a maior parte dos sítios datados filiados à subtradição cerâmica guarani estão em uma faixa cronológica média de 500 anos antes do presente. Exceção se faz ao Sítio Lagoa do Custódio 1 (1.200 a 375 anos antes do presente) e Sítio Santa Rita do Pardo 2 (980a 610 anos antes do presente), situados em uma faixa cronológica, próxima ao Sítio Lagoa São Paulo na margem oposta.

No contexto da Bacia do Alto Rio Paraná, margem paulista, detalharemos, a seguir, a pesquisa efetuada no Sítio Célia Maria. Com esse referencial, pretendemos ampliar o quadro cultural e cronológico da ocupação regional guarani.

### **3- CONTEXTO AMBIENTAL DA BACIA DO RIO SANTO ANASTÁCIO**

Os grupos indígenas escolheram unidades geográficas para estabelecer suas ocupações com base no conhecimento cultural dos elementos do meio físico. Esses elementos materializam-se no espaço, na forma do relevo, nas características das rochas, dos solos, das fontes de argila, da qualidade e proximidade dos corpos de água, do tipo de fauna e de vegetação que contribuiriam para a escolha e com a forma de apropriação do espaço geográfico.

A unidade geográfica escolhida pelos aldeões do Célia Maria foi palco da ação de seu sistema cultural, e o aproveitamento de seus elementos físicos e bióticos forneceriam uma materialidade onde se desenvolveria o sistema de produção desse agrupamento (BERTRAND, 2007). As relações históricas entre o grupo guarani e o seu ambiente produziram um sistema de manejo agroflorestal que, certamente, contribuiu para a ampliação das comunidades vegetais. No entanto, as estratégias de manejo florestal foram interrompidas por um processo de colonização ocidental que reduziu, quando não extinguiu, essa biodiversidade.

Nessa linha, expomos que os atributos ambientais devem servir de referência para a abordagem arqueológica, “pois constituem indicadores de potencialidade da área à captação de recursos alimentares e de matéria prima, à fertilidade do solo, à seleção de locais para o estabelecimento humano pretérito, entre outros” (KASHIMOTO, 1997, p. 28). O propósito da abordagem ambiental nesses termos deve subsidiar e identificar as estratégias de sobrevivência das comunidades indígenas do passado (MORAIS, 1999).

O exercício metodológico deve associar a unidade geográfica aos aspectos dos sistemas de abastecimento e captação de recursos alimentares e de matéria prima estabelecidos pelo grupo pretérito. Neste capítulo, optaremos pela seleção de características ambientais relevantes ao estudo arqueológico do Sítio Célia Maria, evidenciando, a seguir, aspectos do clima, vegetação, fauna, pedologia, geomorfologia e geologia em contexto regional, focalizando a Bacia Hidrográfica do Rio Santo Anastácio, quando possível.

### **3.1 Características Ambientais da Bacia do Rio Santo Anastácio, Relevantes ao Estudo Arqueológico**

Integrante da Bacia do Rio Paraná, a Bacia Hidrográfica do Rio Santo Anastácio abrange uma área de 2.000 km<sup>2</sup>. Essa bacia localiza-se geograficamente no Oeste Paulista, em uma região conhecida como Pontal do Paranapanema e envolve centros urbanos como as

cidades de Presidente Prudente, Presidente Bernardes, Santo Anastácio, Marabá Paulista e outras cidades da região (**Mapa 1**).

Sabe-se que o clima tropical abrange toda área do Oeste Paulista. Segundo Boin (2000), a área é caracterizada pela presença de um período seco no inverno, sob influência predominante dos sistemas polares e um período chuvoso no verão, influenciado pelos sistemas tropicais. A precipitação média anual varia entre 1200 e 1500 mm, enquanto a temperatura média anual permanece acima dos 22°C.

As informações climáticas regionais do Oeste Paulista indicam o seu caráter de zona de transição climática, com entradas de massa polar, como é o caso da Polar Atlântica, e massas tropicais, como a ocorrência da massa Tropical Atlântica e Tropical continental. Registra-se, ainda, a participação esporádica da massa Equatorial Continental (BOIN, 2000; STEIN et. al. 2003; THOMAZ, 2002).

O funcionamento da circulação atmosférica sazonal nesta região pode ser sintetizado por Boin (2000):

A principal característica climática desta área do Oeste é a participação das massas de Oeste-Noroeste. Estas correntes, no inverno, provocam o aquecimento pré-frontal, responsável pela explicação das chuvas de inverno, de forma reduzida, constituindo um período seco [...] Este comportamento em relação ao Centro-Norte inverte-se na primavera e no verão, se bem que os valores de chuvas nas duas áreas sejam bem maiores nestas estações do ano (BOIN, 2000, p.23).

Os registros pluviométricos armazenados pelo DAEE para o município de Marabá Paulista, onde se localiza o Sítio Célia Maria, informa que os meses de dezembro e janeiro são os mais chuvosos, com pluviograma médio mensal de 160mm e 180mm, respectivamente. Os meses mais secos do ano acontecem no inverno, durante julho e agosto, com médias mensais de chuva de 40 mm.

Os dados de temperatura média anual foram extraídos do CEPAGRI/UNICAMP para a cidade de Mirante do Paranapanema, com médias térmicas mais elevadas nos meses de dezembro e janeiro, próximas aos 25°C, e médias térmicas menores nos meses de junho e julho, próximas aos 19°C.

Os dados conferidos pelos gráficos indicam que, no mês de setembro, quando se tem o início da primavera no hemisfério sul, ocorre o aumento significativo das chuvas e das



temperaturas para a região. Esse processo térmico pluviométrico aumenta, gradativamente, até o mês de janeiro, quando as precipitações e a temperatura tendem a abaixar. O mês de março marca o início do outono no hemisfério sul, quando a precipitação e a temperatura decrescem, também gradativamente, até o mês de julho.

O regimento climático regional apresentado provavelmente influenciou, no passado, o ciclo de cultivo, pesca e caça dos assentamentos guarani, localizados nessa área. Estudos recentes em aldeias guarani fixadas no litoral paulista (FELIPIM, 2001), litoral norte de Santa Catarina (MEDEIROS, 2006) e litoral sul paulista, estuário lagunar Iguape-Paranaguá e vale do Ribeira (LADEIRA, 2008) mostram a importância do clima no calendário de subsistência desses grupos.

Verificou-se a existência de duas estações, bem definidas por parte dos guarani atuais. A primeira denominada *ara pyau* (primavera-verão) e uma segunda conhecida por *ara yma* (outono-inverno). Segundo os autores é no início de *ara pyau*, ou seja, da primavera, entre os meses de setembro e outubro, que começa o tempo de plantio. Se observarmos o **Gráfico 1**, é justamente nesse período que as chuvas e as temperaturas aumentam em relação ao período de estiagem anterior. Por outro lado, no período de *ara yma*, reconhece os informantes indígenas, que se inicia a entrada do frio e a redução das chuvas. Só no final desse período começa-se a preparar a terra para o plantio, com as atividades de derrubada e queima da mata, período em que ocorre maior atividade de caça, pois, segundo as fontes, nesses tempos os animais estão mais gordos e fortes.

No início do século XX, a região do Pontal do Paranapanema era quase que exclusivamente florestada, sendo intercalada por pequenas áreas de cerrados. A vegetação e a fauna da região foram elementos considerados na exploração biológica praticada pelos povos indígenas.

Num período de 2.000 anos antes do presente e até o presente, a cobertura vegetal não sofreu modificações severas nessa região devido às mudanças climáticas (THOMAZ, 2002). Assim, a floresta nativa descrita pela Comissão Geográfica e Geológica, em 1890, constitui um retrato fidedigno das características biológicas da região em épocas ainda mais recuadas, quando da instalação dos assentamentos guarani.

O engenheiro Teodoro Sampaio, em 1890, dividiu as terras do Vale do Paranapanema em região da mata e dos campos. A zona da mata que, segundo o autor, iria da barra do Itararé estendendo-se rio abaixo até o rio Paraná, possuía em sua maior parte a terra roxa, proveniente da decomposição das rochas básicas, notáveis pela excelência de sua mata

virgem, oferecendo madeira de ótima qualidade: a Figueira Branca, a Cabreúva, o Pão d’alho, a Peroba, o Jataí, entre outras árvores gigantescas e corpulentas.

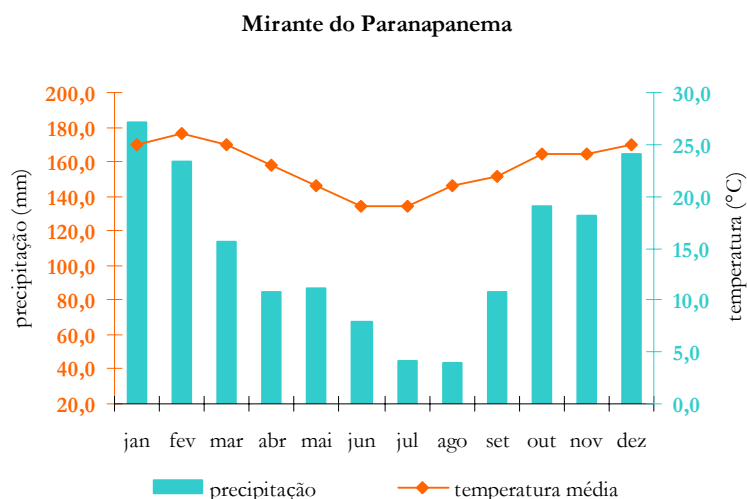


Gráfico 1 - Climograma da cidade de Mirante do Paranapanema, SP  
Fonte: Programa de Arqueologia Preventiva UCP Usina Conquista do Pontal S/A.

Atualmente, as formações florestais do Pontal do Paranapanema, delineadas pela relação entre os solos, a posição topográfica e o sistema hídrico local, são classificadas em Floresta Mesófila ou Floresta Estacional Semidecidual<sup>14</sup>.

No Pontal do Paranapanema, podemos fazer uma distinção básica entre as características ambientais da cobertura vegetal. A comunidade vegetal dos vales apresenta-se mais rica e exuberante com espécies arbóreas de madeira mole, como a figueira e a palmácea. Elas indicam solos mais úmidos e de melhor qualidade, enquanto a vegetação de espigão se apresenta mais espaçada – cedro, canelão, angico – com alguns casos de cactáceas naturais, indicando maior profundidade dos lençóis de água, cujos solos porosos e extremamente arenosos revelavam dificuldade no seu armazenamento (LEITE, 1998; NUNES et al., 2007).

A floresta tropical que recobria a região assinalada era excelente para o fornecimento de madeira utilizada na construção de habitações, embarcações e instrumentos utilitários e, em seu interior, abrigava grande diversidade de fauna, destacando-se, na região, aves como as garças e os patos selvagens; mamíferos como as capivaras e os cervos que habitavam os

<sup>14</sup> Para uma descrição completa desse tipo de vegetação consultar os trabalhos de THOMAZ (2002, p.108) e KASHIMOTO (1997, p.29).

varjões, além do réptil jacaré. Pelas matas adentro, encontravam macacos, veados, antas, catetos, jaguatiricas, jacutingas, mutuns, biguás, entre outros animais (NUNES et al., 2007).

As informações do Engenheiro Teodoro Sampaio (1890) sobre a qualidade dos peixes do Rio Paranapanema refletem o valor dessa fonte de alimento e ilustra bem a importância destas áreas:

Nas águas do rio encontram-se, entretanto, peixes da melhor qualidade e tamanho, como o surubim ou jaú, que chega algumas vezes a dois metros de comprimento; o dourado, peixe corpulento e de saborosa carne, abundantíssimo nas seções pedregosas e encachoeiradas do rio, onde procura vencer os saltos em grandes cardumes; o pacu, a piranha, as traíras etc (SAMPAIO, 1890, p.117).

A densidade e a variedade da fauna das florestas tropicais do oeste paulista, assim como a qualidade da pesca do Paranapanema e Paraná devem ter sido incorporadas pelos grupos indígenas que ali habitaram e desenvolveram técnicas de captação desses recursos.

Nos relatos do General Telêmaco Borba (1908), que viveu entre os guarani e *caygua's* no final do século XIX, encontramos a estratégia de caça desses índios, em ambiente de floresta semelhante à região estudada:

Apanham a caça grossa em armadilhas e mundéus, que armam ao redor dos barreiros e nos trilhos pelos quais passam, dirigindo-se aos bebedouros, as antas, veados, porcos monteses, catetos, até os próprios jaguares nem sempre escapam a estes artifícios (BORBA, 1908, p.54-55).

Atualmente, a cobertura vegetal nativa da área de estudo encontra-se totalmente alterada, uma vez que foi sendo substituída, gradualmente, pela agropecuária e pelos núcleos urbanos. Os raros remanescentes de matas estão em condições reduzidas, exceção feita à Reserva Florestal do Morro do Diabo, localizada nos arredores do município de Teodoro Sampaio.

A devastação vegetacional da Floresta Estacional Semidecidual associada à expansão da fronteira agrícola nessa região, nos impossibilita levantar as características biogeográficas da vegetação da área de entorno do Sítio Célia Maria e da Bacia do Rio Santo Anastácio, a

qual está assentada, geomorfologicamente, sobre o Planalto Ocidental Paulista, que vai das províncias das Cuestas Arenítico-Basálticas até o limite Norte (Rio Grande), Oeste (Rio Paraná) e Sul (Rio Paranapanema) (NUNES ET al., 2007; STEIN, 1999).

No contexto geral, a Bacia do Rio Santo Anastácio inclui-se no que Ab' Saber (1969) chamou de “Baixos Chapadões do oeste paulista”, formados por arenitos com vertentes convexas suaves de interior de bacia sedimentar. Na maior parte de seus principais vales – como é o caso do Rio Paraná e do Rio Paranapanema – ocorre o afloramento de basaltos, “originando nos rios, rápidos e corredeiras, ou mesmo grandes cachoeiras, utilizadas em usinas hidroelétricas” (ALMEIDA, 1964).

A totalidade da área da Bacia do Rio Santo Anastácio abrange três sequências sedimentares de formações distintas que, de sua base para o topo, são denominadas por Formação Caiuá, Formação Santo Anastácio e Formação Adamantina, respectivamente. Essas camadas areníticas pós-basálticas e dispostas em embaciamento ou pacote sedimentar são pertencentes à extensa bacia arenítica Bauru (STEIN, 1999).

No Baixo Rio Santo Anastácio, junto à confluência com o rio Paraná, forma-se uma planície de solos de aluvião constituída por solos transportados, característicos da rocha matriz presente na bacia (STEIN, 1999). O Sítio Arqueológico Célia Maria se dispõe em patamares acima da planície aluvial, entre a Formação Santo Anastácio e Adamantina, no Alto Ribeirão Dourado próximo às áreas de cimeira local. A poucos quilômetros ao sul está localizado o espigão divisor de águas que separa a Bacia do Paraná e a Bacia do Paranapanema (**Mapa 2**).

A rocha que constitui a Formação Santo Anastácio e Adamantina é o arenito predominantemente fino, pouco consistente de coloração cinza-pardo, vermelho arroxeadado, creme, creme-avermelhado, cinza róseo e amarelo esbranquiçado (KASHIMOTO, 1997, p.43 apud SEPLAN, 1990). Os raros afloramentos de rocha são caracterizados pelos perfis imaturos de neossolos litólicos, identificados na Bacia do Santo Anastácio como cimeiras locais (STEIN, 2003). As superfícies do entorno de ambientação do sítio caracterizam-se por coberturas coluviais, diretamente relacionadas à pedogenização desses substratos rochosos.

O solo procedente dessa formação é caracterizado pelo Podzólico Vermelho-Amarelo e Vermelho escuro que tem como característica apresentar texturas arenoso-médio, procedente de substrato rochoso arenítico (STEIN, 1999). Os solos podzólicos da Bacia do Santo Anastácio estão associados a relevos suavemente ondulados a ondulados. As colinas podem apresentar rampas de declives longos a menos declivosos, com topos levemente

arredondados ou achatados. O perfil dos solos varia entre dois e três metros de profundidade, sendo arenosos e bem moderadamente drenados (NUNES, 2002).

### 3.2 Parâmetros Locacionais Culturalmente Relevantes à Ocupação Pretérita

O contexto ambiental da Bacia do rio Santo Anastácio nos oferece uma unidade geográfica básica de estudo que possibilita avançar nossa compreensão sobre as relações pretéritas entre o assentamento guarani e seu entorno ambiental e estratégias de subsistência.

Cada local de implantação de um sítio arqueológico se relaciona com seu compartimento geográfico, gerando padrões na apropriação do espaço que podem ser percebidos e, posteriormente, comparados através da leitura das variáveis ambientais dos componentes do meio físico-biótico.

O que buscamos, neste capítulo, é subsidiar um padrão de estabelecimento para o Sítio Célia Maria, para confrontá-lo, posteriormente, com os demais sítios guarani da região do Vale do Rio Paranapanema e Alto Paraná. Propomos, inicialmente, a descrição do espaço físico do entorno imediato ao assentamento em apreço, traçando as articulações socioambientais necessárias ao fomento de nosso objetivo.

Nessa perspectiva, a demarcação da área do sítio serviu de base para delimitar os fatores ambientais de entorno, tais como: a distância existente entre o sítio e os cursos fluviais mais significativos (rio grande, córregos e afluentes), vegetação, geomorfologia, pedologia e geologia – todos associados à captação de recursos e como topografia favorável a moradia e proteção (THOMAZ, 2002).

O Sítio Arqueológico Célia Maria está localizado em área de cultivo de cana de açúcar, em média-baixa vertente, com altitude entre 400 e 404m., próximo à cabeceira de nascente. O sítio se encontra dentro do perímetro da cidade de Marabá Paulista, extremo oeste do Estado de São Paulo. O pequeno córrego que corta a cabeceira de drenagem a leste do sítio – córrego do Itapiranga – é afluente do córrego Areia Dourada, pertencente à Bacia do Rio Santo Anastácio que, por sua vez, deságua no Rio Paraná.

Existe, nas proximidades do sítio, a 41,2m, um antigo percurso de nascente. A nascente atual encontra-se a 60m. da antiga aldeia (**Foto 1**). Foram contabilizadas, aproximadamente, no compartimento de cabeceira de nascentes 15 afloramentos de água que confluem em direção a um canal formador do córrego do Itapiranga.



Foto 1 - Cabeceira de nascente do córrego Itapiranga. Percebe-se forte erosão do fundo de vale e conseqüente assoreamento do corpo fluvial, ambos provocados pela retirada da cobertura vegetal e utilização da área como bebedouro de gado.

Se seguirmos as margens do Córrego Itapiranga por cerca de seis quilômetros, encontraremos sua confluência com o Ribeirão Areia Dourada. Serão mais oito quilômetros, aproximadamente, até a foz com o Rio Santo Anastácio. Desse ponto até a confluência do Rio Santo Anastácio com o Paraná somam-se mais 24 quilômetros. Por outro lado, se formos em direção aos topos de interflúvios situados ao sul do sítio, ultrapassando-os em direção ao Rio Paranapanema, nós o encontraremos a 48 quilômetros de distância do sítio em apreço.

As distâncias do Sítio Célia Maria em relação aos principais corpos de águas fluviais do Pontal do Paranapanema nos permitem visualizar a importância da localização do assentamento em relação aos recursos hídricos disponíveis nessa região.

A caracterização do contexto geomorfológico do Sítio Célia Maria foi possível, devido às definições de classes de tipologia topomorfológica para sítios arqueológicos localizados na Bacia do Paranapanema paulista, elaborada por Moraes (1999). O autor apresenta uma série de “padrões de escolha de compartimentos para o estabelecimento de populações indígenas pré-coloniais” (MORAIS, 1999, p.80) que foram sendo delineadas pela metodológica do ProjPar, a partir da década de 1980.

Se observarmos a paisagem de entorno do Sítio Célia Maria veremos que ele está implantado na vertente média-inferior de uma colina ampla, próximo a cabeceira de nascente como observado na **Foto 2**. O sítio localizado em compartimento de colina apresenta suas estruturas antropogênicas recobertas por uma capa de colúvio arenosa pouco espessa, aflorada, por vezes, devido aos processos erosivos da ação de implementos agrícolas. As referências de nível local foram as nascentes que formam o Córrego do Itapiranga a 60 m de distância, assim como, os depósitos marginais de argila localizados a 280m. de distância do sítio.

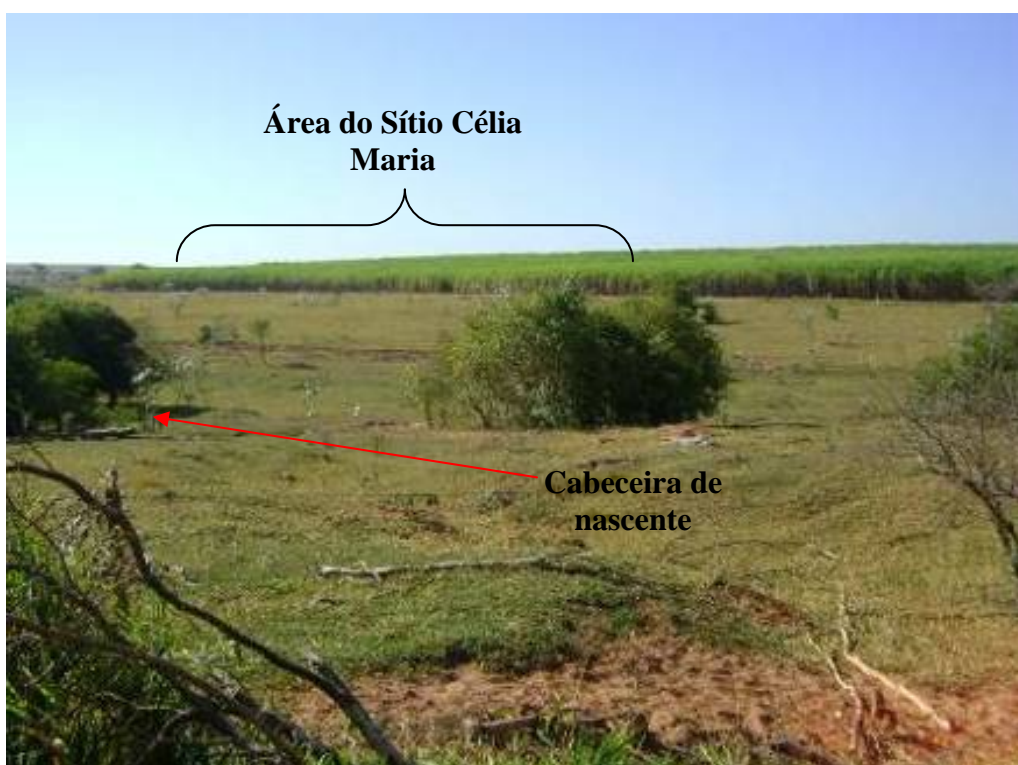


Foto 2 - A área delimitada corresponde à localização do Sítio Arqueológico Célia Maria. Apesar de situar-se no compartimento de vertente, a posição do sítio encontra-se próxima à cabeceira de nascente, localizada mais abaixo.

Apesar de o sítio estar situado quilômetros longe dos rios importantes da região, onde foram mais comuns as instalações de antigas aldeias guarani, observou-se uma preocupação de ordem locacional, quanto ao seu posicionamento. Se observarmos a paisagem do topo de sua colina, como mostrado na **Foto 3**, teremos um amplo domínio visual de todo entorno de ambientação, em um raio que pode atingir alguns quilômetros de distância.

O sítio não apresentou, em suas proximidades, fontes litológicas aptas ao lascamento como as cascalheiras, diques clásticos e pavimentos detríticos. Talvez, por essa razão, não tenham sido encontrados no perímetro do sítio nenhum resíduo ou artefato em pedra que evidenciasse o processamento de instrumentos líticos por lascamento, apenas um fragmento de *tembetá* polido.



Foto 3: Visual alcançado do topo da colina onde está situado o Sítio Célia Maria. A ampla visão da paisagem de entorno pode ter sido ponderada pelo grupo indígena pretérito.

No entanto, matérias primas, aptas à indústria lítica alienígenas foram coletadas em contexto arqueológico como os seixos de arenito silicificado, silexito, quartzo e basalto. É provável que esses seixos procedam da calha fluvial do Alto Paraná ou das cascalheiras do Baixo Paranapanema<sup>15</sup>.

As fontes de argila preta e argila branca encontradas no entorno do sítio (**Fotos 4 e 5**) foram consideradas aptas para a fabricação das vasilhas, sem que deixássemos de lado a hipótese do uso de outras fontes de argila mais afastadas. Estudos comparativos entre a argila

---

<sup>15</sup> Para uma caracterização completa dessas possíveis áreas de captação de seixos aptas ao lascamento, observar Kashimoto (1992) Capítulo 3 a respeito das cascalheiras do Baixo Paranapanema e Kashimoto (1997), Capítulo 2, a respeito dos depósitos de seixos e cascalhos do Alto Paraná.



coletada nas fontes e as utilizadas para a confecção dos vasos cerâmicos ainda não foram realizadas. Amostras de argila coletadas em algumas jazidas serão encaminhadas, no futuro, para tais pesquisas.



Foto 4 – Depósito de argila branca localizado às margens do Córrego Itapiranga, onde foram encontrados inúmeros outros depósitos de argila preta. Pela pouca distância em relação ao Sítio Célia Maria acreditamos que estes tenham sido utilizados para a confecção dos recipientes cerâmicos.



Foto 5: Boa plasticidade da argila comprovada pela formação do rolete.

Os relatos etno-históricos sobre a região do Baixo Paranapanema nos possibilitam inferir uma segunda importância para as áreas de barreiros (fontes de argila) próximas às margens de córregos e rios:

Nos barreiros, pontos da margem do rio, onde o barro é salitrado, o ajuntamento da caça em certa hora do dia é coisa extraordinária. Todos os animais aí vêm comer sua ração, desde a anta corpulenta até a pomba esquiva (SAMPAIO, 1890, p. 118).

Tratando as paisagens antigas da Bacia do Santo Anastácio e de sua cobertura vegetal primitiva como florestas densas e de mata latifoliada tropical alta (STEIN, 1999, p.107-108), não é difícil imaginar um ambiente repleto de animais corpulentos propícios à atividade da caça. Além das terras adequadas à atividade agrícola e dos terrenos suavizados da bacia, propícios ao assentamento, as nascentes e os barreiros ofereciam elementos vitais para a sobrevivência de um grupo guarani, naquela paisagem. Os trabalhos de reconhecimento geral da área de entorno do Sítio Célia Maria levantaram dados ambientais importantes para entendermos o cenário da ocupação pretérita.

#### **4- PROCEDIMIENTOS DE CAMPO**

Os trabalhos de levantamento, prospecção, coleta de superfície, escavação do sítio e aragem foram realizados no período de 2009 a 2010. Os procedimentos de campo foram cumpridos a partir de uma sequência operacional que objetivou conceber de forma coerente a natureza dos dados arqueológicos. Esses, por sua vez, forneceram os elementos essenciais para entendermos alguns padrões espaciais dos povos pretéritos.

O desenvolvimento das intervenções de campo foi realizado a partir de mecanismo de multiestágios, como proposto pelo ProjPar<sup>16</sup>, que se concretiza na efetuação das etapas a seguir.

O reconhecimento geral da área faz-se pelo “rastreamento do ambiente para a avaliação preliminar do potencial arqueológico” (MORAIS, 2006, p.204), etapa em que se reúnem os dados essenciais a respeito dos compartimentos ambientais significativos ao assentamento arqueológico, além das observações iniciais acerca do ambiente físico-biótico de paisagem. Os resultados dessa etapa foram discutidos no capítulo anterior versando sobre o “Contexto Ambiental da Bacia do Rio Santo Anastácio”.

O *levantamento* caracteriza a segunda etapa de campo vinculada ao estágio anterior, delimitando setores, detalhando o ambiente e aprofundando as observações do potencial arqueológico e do levantamento e registro de sítios (MORAIS, 1999). Foram escavadas sondagens na matriz pedológica, com o objetivo de detectar vestígios arqueológicos, que, prontamente, foram coletados por amostragem comprobatória, para a avaliação de sua filiação cultural.

O diagnóstico obtido por meio das coletas controladas de superfície, complementadas por furos de sondagens assistemáticos subsuperficiais do Sítio Célia Maria revelaram que os fragmentos de cerâmica estavam associados à subtradição cerâmica guarani. Os furos de sondagem que atingiram níveis estratigráficos máximos de 30 cm demonstraram ser um sítio raso, com a maior parte de seus vestígios localizados na superfície.

A terceira etapa de trabalho foi a *prospecção* que visou “detectar a distribuição dos vestígios arqueológicos de superfície – por meio de caminhamentos – e de profundidade, e estabelecer as diretrizes para o quadriculamento do sítio” (FACCIO, 1998, p.55). Nesta etapa, foram feitas coletas sistemáticas intensivas com o propósito de avaliar a extensão dos registros arqueológicos em superfície e subsuperfície, como demonstrados na **Foto 6**.

---

<sup>16</sup> Ver Moraes (2006) e (1999) a respeito da descrição dos procedimentos de campo realizados pelo Projpar.



Foto 6: Escavação dos furos de sondagens em áreas férteis em materiais cerâmicos

Essa terceira fase de investigação foi determinada pelos resultados das etapas anteriores da pesquisa e os resultados da coleta sistemática devem ajudar a direcionar a etapa subsequente, como a escolha de locais para a escavação e de áreas a serem escavadas dentro dos locais escolhidos (REDMAN, 1973).

No contexto do Sítio Célia Maria, buscou-se um controle superficial da dispersão dos vestígios materiais, os quais, em sua maioria, se apresentaram como fragmentos de cerâmica, o que nos permitiu ter uma noção geral da dimensão superficial do sítio.

Nessa etapa, optamos por caminhadas sistemáticas entre as ruas de canaviais, sempre na direção nordeste-noroeste e noroeste-nordeste, coletando os vestígios arqueológicos e amarrando cada ponto de coleta no Sistema de Posicionamento Global, por meio de um receptor GPS (em coordenadas UTM). Os vestígios arqueológicos foram coletados e acondicionados em saco plástico, para análise em laboratório. Essa “varredura de superfície” foi o principal indicador dos limites do Sítio Célia Maria (**Mapa 3**).

Ao realizar os trabalhos de prospecção, percebemos que os pontos de concentração de material arqueológico estavam associados aos solos antropogênicos. Essa visualização permitiu detectar as áreas de supraestruturas<sup>17</sup>, sugerindo, em fase subsequente, uma análise tridimensional de parte dessas estruturas.

---

<sup>17</sup> As estruturas arqueológicas evidenciadas pelas técnicas de campo desenvolvidas por Pallestrini no âmbito do ProjPar culminaram em uma classificação subdividida em supraestruturas e infraestruturas. No caso dos sítios litocerâmicos, as supraestruturas materializavam-se nos vestígios das cabanas ou choupanas de madeira que

Foi observado, durante as caminhadas sistemáticas, que o material arqueológico concentrava-se em superfície. Por esse motivo, a varredura de superfície foi o método mais eficaz para definir os limites do sítio e suas possíveis estruturas de habitação, como podemos identificar nas **Fotos 7 e 8**. Depois de limpa a vegetação da área, prosseguimos com o mapeamento dos vestígios arqueológicos em superfície.



Fotos 7 e 8 – (1) Coleta e agrupamento dos fragmentos cerâmicos entre as ruas dos canaviais. (2) Disposição dos fragmentos de cerâmica em superfície. Nota-se que a cerâmica se encontra muito fragmentada, devido ao uso de implementos agrícolas.

Era de nosso conhecimento que a área total do sítio já havia sido comprometida pela agricultura e de seus implementos agrícolas, como o subsolador e o arado, que deslocaram verticalmente a matriz arqueológica, misturando os vestígios em suas porções superiores e inferiores. Assim, com o revolvimento do subsolo e, conseqüentemente, dos fragmentos de cerâmica, estes se apresentaram, em grande parte, na superfície.

Nessa etapa, a realização de sondagens com uso de escavadeira manual articulada, a chamada boca de lobo, desempenhou perfurações com diâmetro aproximado de 30 cm e profundidade de 40 cm. Os cortes foram realizados, somente, nas áreas onde não foi evidenciado material arqueológico em superfície. Estes cortes não apresentaram material arqueológico, pois os limites superficiais, anteriormente estipulados com a coleta de superfície, delimitaram, de fato, a área do Sítio Célia Maria.

---

alteraram o solo, na textura e na cor enegrecida, e que nem sempre refletiam uma disposição coerente. Nesse contexto, era essencial a interpretação das infraestruturas correspondentes, materializadas por vestígios arqueológicos aparentes que surgiam nas áreas de decapagem (PALLESTRINI, 1975).

Essa etapa de trabalho contou com uma equipe de 13 pessoas, sendo quatro estagiários do Laboratório de Arqueologia Guarani (LAG), da FCT/UNESP, dois alunos de pós-graduação do MAE/USP e uma arqueóloga da FCT/UNESP. As coletas na área do Sítio Célia Maria aconteceram em outubro de 2009. Nessa primeira etapa, foram coletados 1.061 fragmentos cerâmicos.

Após a etapa de prospecção, foi sugerida a *escavação* de um setor de núcleo de solo antropogênico em área de carreador, menos alterada por atividades agrícolas, para que pudéssemos evidenciar e analisar tridimensionalmente essa antiga estrutura de habitação humana.

Os métodos de escavação vão desde a abertura de perfis, trincheiras e cortes de verificação, até a escavação por decapagem em níveis estratigráficos naturais. Um de seus objetivos primordiais é fornecer informações sobre a natureza da cultura material do assentamento, permitindo inferir sobre parte das estruturas de atividades, em seu espaço interno (CALDARELLI, 2007).

Respeitando a grande concentração de vestígios arqueológicos em superfície, correspondentes, espacialmente, ao maior núcleo de solo antropogênico prospectado, decidimos por estabelecer na coordenada UTM 404.497 E - 7.556.396 N, o ponto zero para o quadriculamento da área de decapagem

Nos alinhamentos, foram marcados pontos com piquetes de 10 metros, no sentido Nordeste-Sudoeste e de cinco metros no sentido Noroeste-Sudeste. Após essa etapa, dividiu-se essa quadra em quadriculas de 1 m<sup>2</sup>. Após o quadriculamento das áreas eleitas, foram feitas limpezas superficiais com pá de pedreiro e pincel, nos materiais que ainda afloravam em superfície.

Durante o trabalho de limpeza superficial, observou-se que a concentração de material arqueológico continuava no sentido sudoeste, optando-se por uma nova abertura de quadriculas. Assim, a área de decapagem aumentou em 12 m, no sentido Nordeste-Sudoeste. Após a limpeza superficial da área total de decapagem, visualizamos que o núcleo de solo antropogênico nessa área estava na ordem de 12x4 m. A princípio optamos pela cautela ao escavar as quadriculas por níveis naturais, acompanhando a topografia do estrato arqueológico e cartografando os conjuntos de vestígios arqueológicos aparentes como ilustrado nas **Fotos 9 e 10**.

Logo ficou evidente que o material arqueológico estava fora de sua posição vertical, devido à ação de arado e subsolador. Prontamente, a escavação passou para os níveis artificiais suprimindo os estratos fora de contexto por níveis cotados em intervalos de 10 cm

O objetivo da escavação por níveis artificiais passou a buscar uma relação estatística da área decapada com seus níveis estratigráficos, visualizando o lócus horizontal e a quantidade de peças encontradas em cada nível.

No primeiro nível de 0 a 10 cm foram coletados 2.643 fragmentos de cerâmica distribuídos entre todas as quadrículas, com maior concentração de fragmentos nas quadrículas com solos enegrecidos, contabilizando 1.085 fragmentos, como demonstra a **figura 12**. As quadrículas periféricas ao núcleo de solo antropogênico também apresentaram quantidade significativa de fragmentos cerâmicos. Quanto mais distantes as quadrículas do núcleo antropogênico, mais escassa era a coleta da cerâmica.



Foto 9 – Abertura da quadra de decapagem na área do carreador, onde houve grande afloramento de fragmentos cerâmicos em solo enegrecido.



Foto 10 - Quadriculamento de 1 x 1 m e escavação inicial por níveis naturais.



No primeiro nível, também foram coletados 18 seixos e fragmentos de sílexito, quartzo, arenito e arenito silicificado. Entre os vestígios arqueológicos coletados nesse nível, foi encontrado um fragmento de tembetá, ilustrado na **Foto 11**. Este material foi polido e apresenta formato cilíndrico, medindo 1,3 cm de comprimento.



Foto 11: Fragmento de tembetá. Detalhe que a peça foi recuperada durante os trabalhos de peneiramento da quadricula A4 no nível 1.

No nível de 10 a 20 cm, foram coletados 553 fragmentos cerâmicos concentrados, novamente, no núcleo de solo antropogênico A, com 234 fragmentos de cerâmica, na **Figura 13**. Nesse nível, também foram coletados um seixo de quartzo e um fragmento de sílexito.

O último nível, de 20 a 30 cm foi o mais escasso em material arqueológico, sendo coletados 86 fragmentos de cerâmica. Desses, 52 fragmentos estavam dentro do núcleo de solo antropogênico. Nesse nível, não foram encontrados seixos ou fragmentos de blocos em rocha.

O solo enegrecido atingiu níveis máximos de 30 cm na vertical. Após o nível três, o solo voltou a ter a coloração natural, não apresentando vestígios arqueológicos. Nessa camada estéril, foram feitos furos de sondagem em cada quadra para averiguar se havia cerâmica em maior profundidade. Os testes foram negativos e a escavação foi encerrada nessa área.

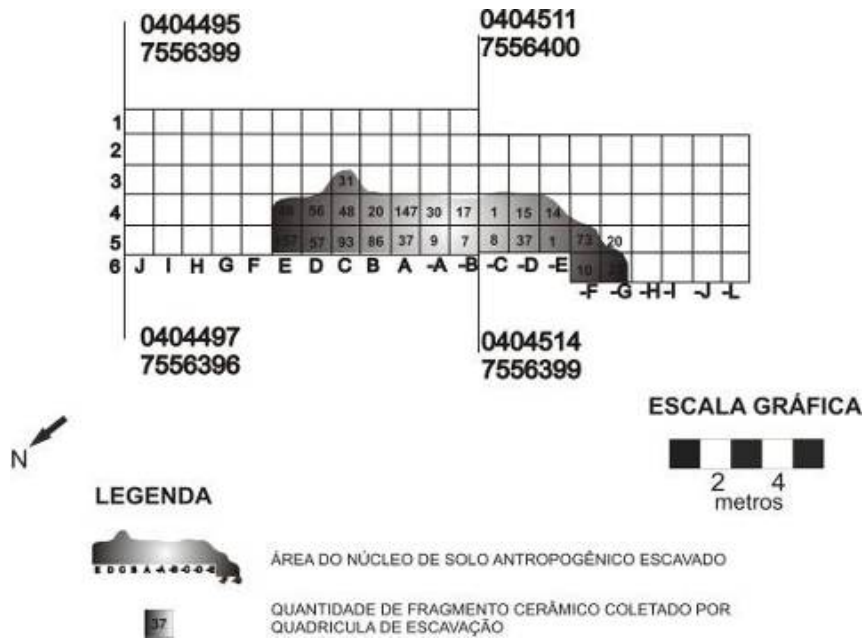


Figura 12 - Quantidade de fragmentos cerâmicos coletados na área do núcleo de solo antropogênico do nível 1. Sítio Célia Maria, Marabá Paulista, SP.

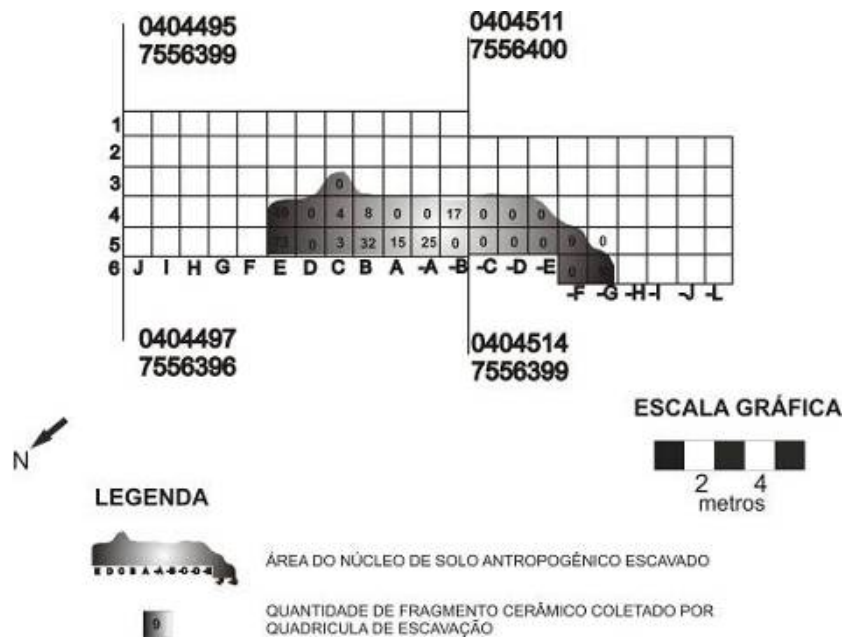


Figura 13 - Quantidade de fragmentos cerâmicos coletados na área do núcleo de solo antropogênico do nível 2. Sítio Célia Maria, Marabá Paulista, SP.

A decapagem horizontal por níveis artificiais nos mostrou que o revolvimento dos fragmentos cerâmicos por maquinário agrícola foi bastante significativo, dificultando a visualização *in locu* de conjuntos de fragmentos do mesmo vaso. Em contrapartida, foi nítida a presença dos fragmentos concentrados nos núcleos de solo antropogênico A e B, sobretudo,

nas quadriculas E4, E5 até a quadricula A4, A5, do núcleo de solo antropogênico A. Essas quadriculas não só revelaram a maior concentração de cerâmica na área de decapagem, como nos primeiros 10 cm começaram a se tornar evidentes acúmulos de partículas de carvão e terra queimada, indícios importantes de possível fogueira interna na área desse núcleo (**Fotos 12 e 13**).



Foto 12 - Acúmulos de partículas de carvão e terra queimada, havendo geralmente maior intensidade de fragmentos cerâmicos nestes conjuntos. Sítio Célia Maria, Marabá Paulista, SP.



Foto 13 - Perfil do núcleo de solo antropogênico. Nessa área foi intensa a concentração de fragmentos cerâmicos e carvão. Sítio Célia Maria, Marabá Paulista, SP.

Verticalmente, o material arqueológico evidenciado nas primeiras camadas de escavação apresentou-se muito fragmentado. Esse material foi submetido à ação do arado e subsolador que reduziram progressivamente por décadas o tamanho dos fragmentos. No entanto, nas camadas estratigráficas inferiores aos 15 cm, foram encontrados fragmentos cerâmicos em melhor estado de conservação, como parede com borda, parede angular, metade de uma vasilha e outros (**Fotos 14 e 15**).



Foto 14 - Fragmento de parede com borda evidenciada no segundo nível de escavação. Sítio Célia Maria, Marabá Paulista, SP.



Foto 15 - Visualização de fragmentos de cerâmica pertencentes ao mesmo vaso no terceiro nível. Sítio Célia Maria, Marabá Paulista, SP.

As observações feitas por Dunnel e Simek (1995) em sítios arqueológicos impactados pela ação do arado colaboraram no entendimento da fragmentação vertical da cerâmica. Os autores afirmam que os artefatos degradados distribuídos no campo de aragem, nem sempre apresentam o mesmo nível de redução, isso porque a zona de atuação do arado sobre o solo apresenta singularidades, e as camadas estratigráficas mais profundas sofrem menos impacto em relação às mais superficiais. Assim, os níveis mais profundos tendem a ter uma distribuição e tamanho de artefatos mais próximo ao original.

No caso do Sítio Célia Maria, durante as escavações (**Foto 16**), puderam ser observados, nas camadas horizontais, fragmentos de cerâmica que faziam parte de um mesmo recipiente. Dos vinte casos observados, um ocorreu na camada 1, onze na camada 2 e sete na camada 3. Comprova-se, empiricamente, que as camadas mais profundas sofreram menos perturbação e fragmentação pela ação do arado e subsolador.



Foto 16 - Trabalho de escavação por níveis artificiais realizados pela equipe do Laboratório de Arqueologia Guarani da FCT/UNESP. Sítio Célia Maria, Marabá Paulista, SP.

As etapas de campo, realizadas na área do Sítio Célia Maria, vieram a confirmar uma situação de suma importância para a arqueologia regional: a de que os sítios arqueológicos, no Estado de São Paulo, após a década de 1980, estão em péssimo estado de conservação. Com o avanço da agricultura mecanizada, torna-se cada vez mais difícil encontrar vasos cerâmicos

indígenas inteiros nas áreas dos sítios arqueológicos. “O uso do arado e do subsolador consiste, atualmente, em grande problema para a conservação de sítios arqueológicos” (FACCIO, 2011, p. 295).

O uso do arado e do subsolador, além das constantes queimadas, vem acontecendo na área de interesse por décadas. Esses implementos agrícolas “têm por função romper a camada de impedimento que existe entre 40 e 50 cm de profundidade” (MORAIS, 1999, p.143) promovendo deslocamento de porções de solo e provocando, com suas hastes cortantes, deslocamentos verticais de terra (MORAIS, 1999).

Ocorre que as áreas férteis em material arqueológico submetidas ao uso do arado e do subsolador por longos períodos de cultivo, como é o caso do sítio arqueológico em tela, passam por um processo de redução de tamanho dos artefatos. Nesse contexto, a redução de tamanho dos artefatos implica o crescimento da população de material arqueológico e na formação de novos conjuntos sobre a superfície e subsuperfície dos campos arados.

Com base no que já foi exposto, concordamos com a afirmativa de Morais (1999), quanto ao prejuízo causado no registro arqueológico pelos implementos agrícolas, sobretudo, no que diz respeito à destruição das camadas arqueológicas até 50 cm e a integridade física das peças arqueológicas.

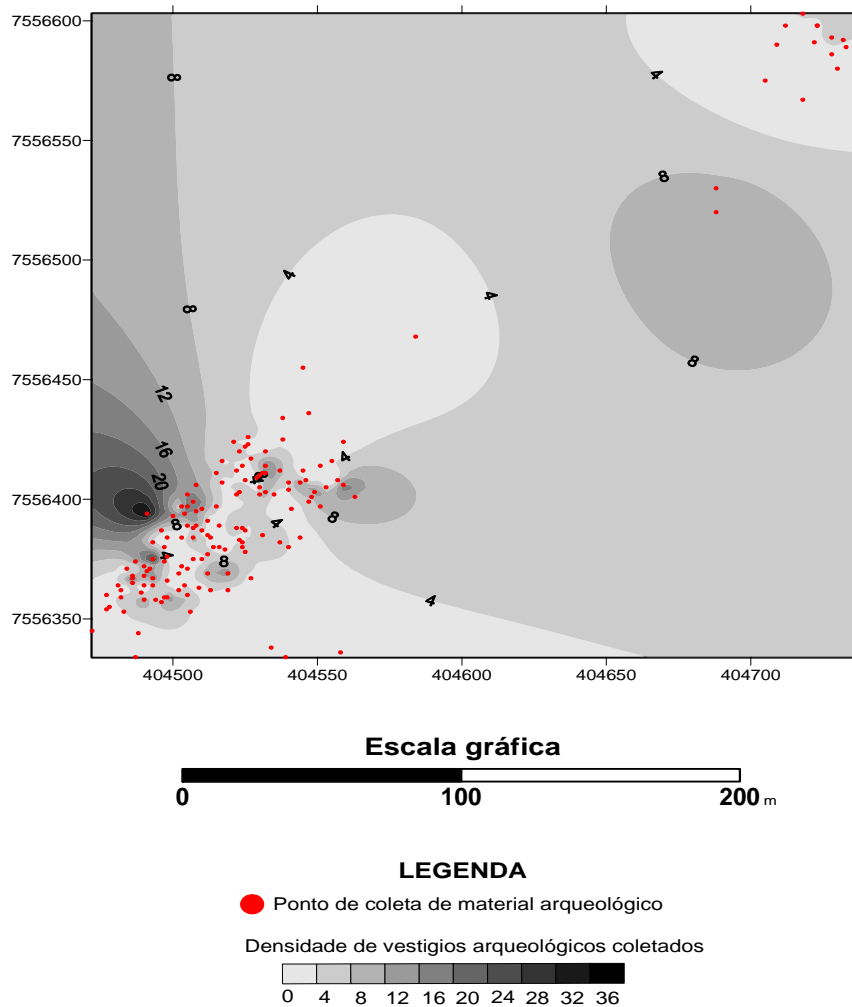
Revelado os prejuízos causados pelo avanço da agricultura mecanizada, resta-nos procurar a melhor forma de avaliação e reflexão do potencial interpretativo desses sítios. Essa investigação torna-se mais positiva, quando nos é esclarecido que o funcionamento do arado e subsolador não deslocam o solo horizontalmente, preservando, assim, o material arqueológico contido nas estruturas de habitação (MORAIS, 1999; ARAÚJO, 2002). O material contido no registro arqueológico “não forma novos arranjos em seu posicionamento a ponto de criar novos agregados de peças” (ARAÚJO, 2002, p.2).

Nota-se, então, “que o registro arqueológico pouco será alterado no sentido horizontal. Núcleos de solo antropogênico, correspondentes aos fundos de habitação, poderão ser mapeados sem muito prejuízo” (MORAIS, 1999, p. 145). Quanto à integridade física das peças arqueológicas, essas não correm o risco de desaparecer, terão apenas redução de seu tamanho a cada aragem, até atingir um tamanho mínimo estável (DUNNEL & SIMEK, 1995).

Nessas condições, foi-nos interessante examinar os padrões espaciais evidenciados pela distribuição dos artefatos remanescentes das outras etapas de intervenção de campo e a configuração dos núcleos de solo antropogênico. Anteriormente, os trabalhos de campo não puderam contemplar por completo a área de dispersão de vestígios arqueológicos, devido à intensidade e à altura da lavoura de cana-de-açúcar.

Uma nova etapa foi iniciada com o intuito de limpar superficialmente a área de dispersão dos vestígios arqueológicos, por meio do corte da cana-de-açúcar e da retirada de material orgânico em superfície. Após essa etapa, os três núcleos de solo antropogênico se tornaram aparentes, possibilitando o dimensionamento de seus perímetros.

Posteriormente, optamos pelo resgate total dos vestígios arqueológicos, na medida do possível. Para maximizar as coletas de superfície, elegemos a metodologia de aragem da área. A metodologia aplicada permitiu tratar de forma prática e eficiente um espaço relativamente extenso. A ideia foi estimular uma movimentação vertical do material arqueológico remanescente no subsolo para a superfície. O objetivo não se limitou apenas a coletar uma população maior de fragmentos cerâmicos, mas, também, a averiguar a distribuição das peças remanescentes em campo, mapeando as peças dispersas com o auxílio de uma estação total (**Mapa 4**).



Mapa 4 - Densidade dos fragmentos cerâmicos do Sítio Arqueológico Célia Maria, Marabá Paulista, SP.

A equipe responsável pelos trabalhos na área do Sítio Célia Maria considerou que o uso do arado seria válido, uma vez que possibilitaria a coleta de uma amostra mais completa de artefatos, respeitando a realidade do sítio.

Sugere-se, segundo a bibliografia, que a melhor estimativa só pode ser dada pela combinação dos dados provenientes de várias coletas. Assim, coletas sucessivas seriam um ótimo meio de garantir uma amostra significativa da população de artefatos existentes na zona do arado, definindo limites de concentrações e áreas de dispersão de material arqueológico (ARAUJO, 2001, p.124).

Seguindo o pressuposto elaborado por Araújo (2001), julgamos necessária a aragem e a coleta do material surgente, em quatro etapas sequenciais e, para tal tarefa, foi formada uma equipe responsável pelo trabalho da coleta. A cada aragem, as pessoas da equipe se movimentavam lado a lado, coletando o material e assinalando o local com as estacas. Outra equipe marcava cada ponto fértil com o GPS, organizando a espacialidade e a localização dos artefatos.

O produto final dessa etapa de campo foi a confecção de mapas que registraram as concentrações e dispersões de artefatos na paisagem do sítio, assim como, a densidade desses materiais em campo (**Mapas 5, 6, 7, 8 e 9**).

Consideramos benéfica a intervenção do arado em áreas de produção agrícola, de longa data, desde que se aplique a metodologia consagrada em trabalhos, como os aqui citados. Sabendo que a aragem não altera as movimentações horizontais, pudemos, neste trabalho, constatar a concentração de material arqueológico nas áreas de solo enegrecido, onde, provavelmente, foram as áreas de maior concentração de material orgânico no passado. Após as três etapas de campo, julgamos que cada uma complementou o trabalho anterior, possibilitando, assim, uma visualização da localização dos registros do sítio no presente.

No Capítulo 6, faremos considerações mais profundas a respeito do Sítio Arqueológico Célia Maria. Os dados serão articulados com as informações geradas pelas pesquisas arqueológicas regionais na Bacia do Paranapanema e Alto Paraná junto às informações etno-históricas e etnográficas. Faz-se necessário delinear algumas hipóteses acerca de uma ocupação guarani, numa perspectiva regional.



## **5 - METODOLOGIA PARA A ANÁLISE DOS REGISTROS ARQUEOLÓGICOS**

Os registros arqueológicos apresentados no Sítio Célia Maria constituíram-se de fragmentos de cerâmica, fragmento de *tembetá*, estrutura de combustão e núcleos de solos antropogênicos, produzidos pela sociedade do passado. Abrangem, nesse contexto, assinaturas arqueológicas evidentes e latentes, materializadas pelos artefatos cerâmicos e líticos, assim como pelas assinaturas químicas, consolidadas pelos núcleos de solos antropogênicos (MORAIS, 2006).

No Sítio Arqueológico Célia Maria, a cerâmica constituiu o registro mais significativo. No entanto, seu estado de conservação dificultou a obtenção de dados referentes ao significado funcional dos fragmentos, bem como na identificação dos elementos gráficos pintados.

O material lítico polido foi representado por apenas um fragmento de *tembetá* em quartzo. Outros testemunhos de rocha bruta foram evidenciados em contexto arqueológico. Para esses materiais, analisamos o tipo de matéria prima, o suporte, possíveis alterações naturais e/ou antrópicas e sua localização dentro do perímetro do sítio.

Os núcleos de solos antropogênicos foram registrados e apresentaram variabilidade de dimensões e densidade de material em seu interior. O núcleo “A” foi decapado e mostrou-se rico em evidências arqueológicas, principalmente fragmentos de cerâmica e estruturas de combustão. Provavelmente, a área escavada representou no passado uma habitação indígena, hoje materializada por um corpo sedimentar de coloração escura, com alto teor de materiais orgânicos que foram processados e descartados pela comunidade pré-colonial (MORAIS, 2006). A interpretação dos núcleos de solo antropogênicos far-se-á presente no Capítulo 6, quando discutiremos esse registro associado aos dados etnográficos e etno-históricos.

## **5.1 O Trabalho do Barro**

A análise dos fragmentos cerâmicos privilegiou os aspectos tecnológicos usados na confecção dos vasos, assim como, na sua distribuição espacial em sítio. Esta abordagem permeia uma metodologia de análise que permitiu “caracterizar e oferecer elementos, para discussão e compreensão, da sequência de gestos técnicos realizados para a produção dos artefatos da indústria cerâmica” (FACCIO, 1998, p.132).

Para compreender como o grupo indígena que habitou o Sítio Célia Maria desenvolveu sua tecnologia de trabalho na argila, para a fabricação de vasilhas de uso cotidiano e suas respectivas funcionalidades naquele contexto coletivo, aplicamos a metodologia de análise cerâmica, que tem como proposta identificar e estudar os vestígios arqueológicos por meio da sequência operatória, visando, assim, evidenciar as diferentes etapas de produção dos artefatos (FACCIO, 1992).

Para Roger Grace (1996) a sequência operatória constitui os diferentes estágios da produção de ferramentas, desde a aquisição de matérias primas, até o abandono final dos objetos não desejados e/ou usados. Dessa forma, os estudos dos materiais coletados estiveram sobre o enfoque de cadeia operatória.

O objetivo da análise metodológica da cerâmica pelo conceito de cadeia operatória “é de permitir uma maior compreensão do comportamento humano complexo que está por trás dos dados arqueológicos, bem como entender as tradições técnicas do grupo social (GRACE, 1996) guarani que habitou em tempos pretéritos o local, onde hoje se encontra o Sítio Arqueológico Célia Maria.”

Esta análise resume-se no registro, classificação e cruzamento dos atributos tecnomorfológicos e estilísticos da cerâmica. A terminologia arqueológica brasileira, criada por Chmyz (1966), foi suporte na classificação dos artefatos e nos auxiliou na padronização dos termos empregados nesse registro. A metodologia para análise da cerâmica foi desenvolvida por Robrahn (1991) e por Faccio (1992) para atender às necessidades da análise cerâmica guarani da área do ProjPar.

Partindo para a classificação dos atributos tecno-estilístico-morfológicos de cada um dos 4.715 fragmentos de cerâmicas coletados, apresentamos as suas classes e seus atributos, assim como a importância de cada análise, na compreensão das fases de fabrico de um vaso de cerâmica. Para facilitar o registro das peças e os cruzamentos dos dados, foi utilizada a ficha de análise elaborada por Robrahn (1991) e adaptada por Faccio (1998) (**Anexo 1**).

As primeiras informações da ficha de análise referem-se ao número da peça em estudo e o setor ou a localização da coleta do material. Essas informações tiveram importância na segunda etapa de abordagem do material cerâmico, que se referiu à distribuição intrassítio desses fragmentos.

A primeira classe de atributos refere-se ao tipo da peça, ou seja, qual foi a parte fragmentada do antigo vaso que chegou às nossas mãos.

A segunda classe de atributos considera os tipos de antiplásticos associados aos fragmentos cerâmicos. Para Faccio esse material foi:

Utilizado para neutralizar a plasticidade da argila, dar condições para boa secagem e queima, aumentar ou diminuir a resistência do choque térmico ou mecânico, diminuir ou aumentar a porosidade ou permeabilidade (FACCIO, 1998, p.134).

No Médio Vale do Rio Santo Anastácio, o antiplástico utilizado foi o caco moído e também o mineral. Acreditamos que os dados estatísticos, acerca da quantidade e da qualidade do antiplástico, acrescentado intencionalmente ou não na massa de argila, estejam associados às tendências e aos gestos técnicos do artesanato.

Os antiplásticos classificados como caco moído nos mostraram que os recipientes cerâmicos inutilizados pelo grupo indígena eram reciclados e reutilizados na produção de novos vasos e artigos de cerâmica, enquanto os antiplásticos classificados como mineral, podem ter sido acrescentados na preparação da pasta ou encontrados naturalmente nas jazidas de argila.

Algumas escolhas técnicas como a inserção de diversos tipos de antiplástico e a quantidade de seu acréscimo têm efeitos concretos sobre as propriedades formais de um artefato, e esses efeitos podem persistir durante subseqüentes atividades (SKIBO & SCHIFFER, 1997).

No caso das vasilhas que apresentaram antiplástico mineral (grãos de quartzo), estas se caracterizam por ser mais porosas e leves em relação às vasilhas com antiplástico composto por cacos moídos. Isto porque o “quartzo sofre uma grande variação de tamanho devido à expansão térmica durante a queima” (JACOME, 2006, p.124). “As cerâmicas feitas de quartzo apresentam fragilidade para o cozimento, sendo reservadas ao armazenamento de líquidos” (Ibidem, p.125) ou, então, para servir bebidas e alimentos.

A inserção intencional do caco moído, por outro lado, pode diminuir a plasticidade da argila e dar maior consistência para vasos cerâmicos de espessuras e tamanhos maiores. Essa tendência foi observada nos fragmentos cerâmicos analisados para o sítio arqueológico em apreço. Em geral, as paredes de maior espessura necessitaram de maior quantidade de caco moído para se manterem de pé e no formato desejável.

O caco moído pode também ter outro desempenho funcional na confecção de algumas vasilhas. Além de dar melhor suporte na confecção das paredes mais grossas, uma pasta que apresente uma alta taxa de secagem ou dureza, implica uma maior resistência ao choque térmico (SCHIFFER & SKIBO, 1997). Preferencialmente, os vasos onde foram

acrescidas quantidades significativas de antiplástico caco moído podem ter tido uma função ligada ao cozimento ou à fervura de alimentos.

A terceira classe refere-se ao tamanho do antiplástico. Nessa proposta de análise, foi considerado apenas o antiplástico de maior tamanho. A análise particular de seu tamanho pode também nos mostrar certas características na atividade de confecção da cerâmica.

Sabemos que nas antigas oficinas cerâmicas do Sítio Célia Maria, o uso do caco moído era corriqueiro. Nessa análise, observamos a variação granulométrica desse antiplástico em cada fragmento coletado, o que nos forneceu dados a respeito da moagem e da reutilização do produto.

A quarta classe refere-se à espessura da peça. Julgamos oportuno nessa etapa o cruzamento dos dados relacionando à quantidade de antiplástico disposto na argila com a espessura das paredes dos fragmentos, procurando estabelecer uma relação entre a pasta, mistura de argila ao antiplástico e espessura do vaso.

Com base nos estudos de Brochado e La Salvia (1989), classificamos a pasta em três tipos (**Figura 14**): 1-) plástica, existiu o predomínio da argila sobre o antiplástico; 2-) intermediária apresentou certa equivalência entre o antiplástico, geralmente o caco moído, e a argila; 3-) dura, houve o predomínio do antiplástico em relação à argila. A análise da relação entre a quantidade de antiplástico e argila foi feita a partir da quebra de parte dos fragmentos cerâmicos em pedaços de aproximadamente 1 cm, sendo feito a visualização espacial da presença de argila em relação ao antiplástico.

O entendimento da relação entre tipo de pasta e espessura da parede pode nos mostrar as preferências de confecção das vasilhas por parte do grupo que as criou, em uma primeira etapa, podendo evoluir para um melhor entendimento da relação do projeto de confecção de uma vasilha com seu desempenho funcional.

A quinta classe analisa o tipo da queima dos fragmentos cerâmicos. “Os estudos dos tipos de queima em vasos inteiros da área do ProjPar, têm demonstrado, desde a década de 1960, que as vasilhas guarani foram queimadas em fogueiras a céu aberto” (FACCIO, 2011, p.108), ocorrendo em uma mesma peça alterações na cor que indicam diferenças de ventilação e temperatura dentro da estrutura de combustão.

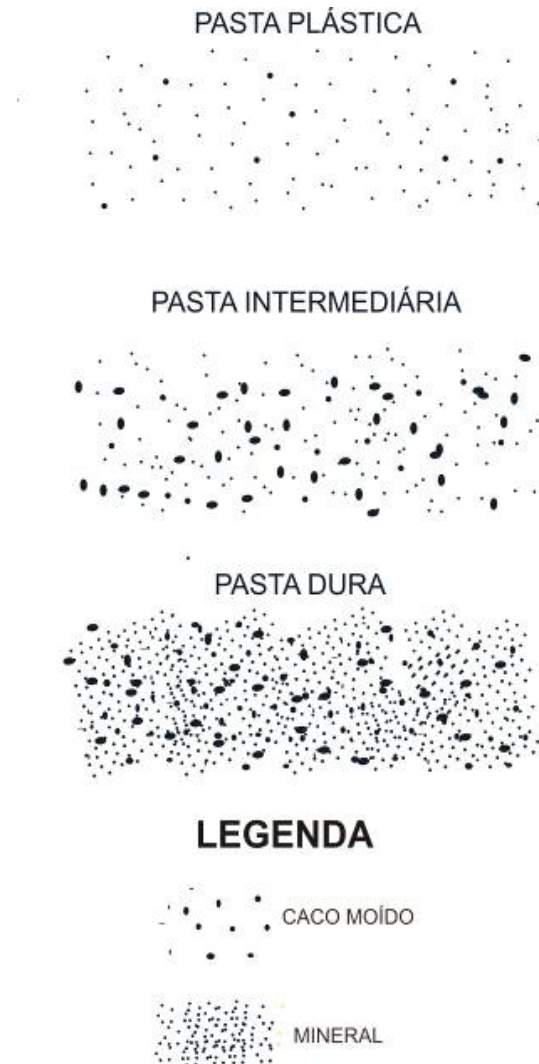


Figura 14: - Tipo de pastas de cerâmica do Sítio Arqueológico Célia Maria.

Em fogueiras a céu aberto, o controle da temperatura e da atmosfera é mais difícil, pois se torna dependente tanto da quantidade e controle de combustível quanto de condições climáticas. Em alguns casos, a cerâmica apresenta coloração mais escura, por ter sido queimada em ambiente redutor, onde há uma atmosfera com menor quantidade de oxigênio e, em outros casos, num ambiente mais oxidante, com maior circulação de oxigênio, a cerâmica apresenta coloração mais clara ou avermelhada (CEREZER, 2009).

Diversos tipos de combustível são usados por oleiros para acender o fogo e eles estão relacionados com as estratégias de queima. O período de tempo que um combustível vai queimar depende de certos fatores como: proporção do material volátil que ele contém, a densidade do carbono e o tipo de cinza que ele forma. Assim, a utilização de diferentes tipos de combustíveis, o tempo de combustão e a circulação de ar possibilitam o desenvolvimento de cerâmicas mais ou menos oxidadas (SHEPARD, 1980).

A estrutura de combustão Assurini, por exemplo, é confeccionada a partir de um círculo de tijolos, blocos de argila, pedra e vasos quebrados, o qual é preenchido com cinzas. Cada vaso é colocado sobre essa estrutura, com a boca virada para cima ou para o lado, cobrindo os recipientes com folhas de árvores secas ou casca de babaçu. A boa cerâmica, nesse contexto, deve apresentar-se completamente leve e clara (SILVA, 2008).

Por meio das análises estatísticas dos fragmentos cerâmicos, não podemos inferir, com segurança, o tipo de combustível utilizado nas estruturas de combustão, ou se o aproveitamento do espaço e o gerenciamento do calor foram bem empregados no vaso como um todo. Isso porque, analisados isoladamente, os fragmentos não representaram a queima dominante do recipiente.

Sendo a queima nas vasilhas cerâmicas feitas em ambientes abertos, optamos por classificar os fragmentos cerâmicos em queimados em fogueiras com irregularidades na oxidação. O manejo da cerâmica nessas estruturas, o tempo de queima e o método de abastecimento de combustível são ordenados por padrões culturais e escolhas técnicas não identificáveis em fragmentos isolados.

A sexta classe refere-se à inserção ou não do banho por barbotina na pasta. O banho de barbotina “é um revestimento superficial de argila mais refinada, aplicado a cerâmica antes da queima” (LA SALVIA & BROCHADO, 1989, p.17). Sua função dentro do projeto de confecção das vasilhas pode estar relacionada a um elemento corretivo, eliminando rugosidades persistentes as atividades de alisamento, fechando as lacunas entre os roletes.

O uso da barbotina também implica o aumento da espessura das paredes, dando maior resistência ao vaso. A barbotina, em alguns casos, principalmente aplicada na face externa do vaso, pode estar relacionada a um acabamento diferenciado para uma possível decoração plástica ou por pintura (LA SALVIA & BROCHADO, 1989).

Nesse trabalho, nos limitamos a identificar a utilização da barbotina, sem analisar sua posição ou finalidade em sua utilização, fato que se explica pela fragmentação intensiva das peças e a impossibilidade, naquele momento, da formação de conjuntos dos fragmentos. Sem uma visão global do pote, não podemos inferir sobre a posição que a barbotina ocupou na vasilha, tampouco se, em algum setor do recipiente, houve decorações. Assim, todos os fragmentos apresentaram as seguintes variáveis:

- 1- Face interna e externa com a utilização da barbotina;
- 2- Face interna com barbotina e externa natural produtiva;
- 3- Face interna natural produtiva e externa com o uso da barbotina;
- 4- Face interna e externa com acabamento natural produtivos.

Como a barbotina é obtida através de uma argila mais plástica e mais homogênea há uma diferença em relação à pasta produtiva. Essa pasta mais refinada poderá ser identificada nas análises dos fragmentos, “através do processo de queima, onde pastas de argilas diferentes apresentarão coloração diversa, ou argilas com tratamentos diferenciados terão não só texturas, como estruturas alteradas” (LA SALVIA & BROCHADO, 1989, p.19). Na análise da coloração e texturas diferenciadas entre a pasta de barbotina e a pasta produtiva tivemos o auxílio do microscópio com lente de aumento de 40 vezes.

A análise por microscópio nos auxiliou na identificação da inserção de barbotina de baixa intensidade, ou seja, quando a espessura do revestimento esteve entre 1 mm e 3 mm, sendo impossível sua identificação precisa, a olho nu. Nos outros casos, quando a intensidade do revestimento foi maior, sua identificação pôde ser feita a olho nu, nitidamente, pela presença de uma camada de argila que muitas vezes estava se desprendendo da parte produtiva, devido ao intemperismo causado aos cacos cerâmicos.

A sétima classe aborda o tratamento de superfície do lado interno e externo dos fragmentos cerâmicos. Nessa categoria, foram observadas e descritas as seguintes variáveis: alisado interno/externo, alisado interno/engobo externo, engobo interno/externo, engobo interno/pintura externa, pintura interna/engobo externo, alisado interno/pintura externa, pintura interna/alisado externo, pintura interna/externa, alisado interno/inciso externo, inciso interno/alisado externo (FACCIO, 1992).

O termo liso, empregado na classificação dos fragmentos de cerâmica que não apresentaram nenhum tipo de tratamento plástico ou decoração cromática, constitui a variável mais abundante em, praticamente, todos os sítios filiados ao sistema regional guarani. Esse dado, se analisado isoladamente, pode nos induzir a pensar que a maior parte dos potes cerâmicos guarani recebeu apenas esse tipo de acabamento de superfície. Esse possível erro nos levaria a considerar que a maior parte das vasilhas resgatadas em sítios arqueológicos guarani possuía uma função de uso comum<sup>18</sup>.

É pouco provável que os fragmentos que apresentaram tratamento liso estejam vinculados apenas a uma função comum, de necessidades mais gerais e simples, uma vez que

---

<sup>18</sup> Entre as vasilhas guarani, Brochado e La Salvia (1989) dividiram sua utilização em três grupos. As utilitárias, que atendem às necessidades mais gerais, sendo de uso comum. As especiais que, por se apresentarem mais rebuscadas quanto à sua produção, implicam a guarda de elementos de difícil reposição, apresentando forma e decoração especial. E as de usos exclusivos, para uso extremamente definido em ritos, não podendo ser utilizadas para outros fins.



ele pode ter tido uma função especial e uma decoração, a qual não se faz presente em todos os fragmentos de um mesmo pote. Neste sentido, Soares observa que:

Se o tratamento liso é comum a diversos fragmentos, deve-se atentar que, em formas inteiras, o liso está geralmente associado à pintura, como uma etapa da produção [...] Se, por um lado, a contagem de fragmentos lisos pode ser significativa em um sítio, por outro, pode-se estar referindo a parte inferior das vasilhas carenadas que, conhecidamente, não levam pintura (SOARES, 2004, p. 65).

Também deve ser ponderada, durante a análise do tratamento de superfície dos fragmentos, a questão da contagem dos cacos. Nesse sentido, é muito difícil estabelecer um critério que viabilize inferir sobre a real quantidade de vasos inteiros que receberam apenas tratamento liso, plástico, liso e plástico, ou liso e decorado com pintura. Fica, nessa afirmação, a cautela em se estabelecer porcentagens aos fragmentos de determinado tipo de tratamento superficial como se assim fosse a totalidade da parede de um vaso..

As análises estatísticas dos fragmentos, em sua maior parte, não consideram a vida útil do antigo vaso ao qual ele pertenceu. Não tomam por base que, muitas vezes, vasilhas de uso contínuo sobre o fogo, que servem alimentos, que mudam de local constantemente (SOARES, 2004) e que apresentam uma pasta mais plástica e uma parede mais fina, podem quebrar com maior frequência e, portanto, são mais expressivas quantitativamente do que outras “de menor presença fragmentária, devido à sua durabilidade maior em função de seu próprio uso, a guarda dos alimentos” (LA SALVIA & BROCHADO, 1989, p.123).

Concluimos que o tratamento de superfície deve ser sempre avaliado com base nas questões levantadas acima e que dentro do processo de produção de uma vasilha a 1-)técnica, o 2-) tempo e a 3-) função correspondem a três fatores que devem ser considerados. Os vasos que apresentam maior fragilidade, menor tempo de confecção, emprego de técnica menos apurada e maior intensidade de uso em sua vida útil, conseqüentemente serão confeccionados mais vezes, e sempre apresentarão maior número de fragmentos em sítios arqueológicos. Uma breve ilustração etnográfica acerca dos Assurini do Xingu pode sintetizar o que estamos expondo:

Os vasos de uso diário são intensamente utilizados, frequentemente quebrados, reutilizados e reciclados. Vasos danificados não são descartados, eles permanecem na aldeia para ser reutilizados em uma variedade de funções e são frequentemente armazenados em uma estrutura anexa a própria casa (SILVA, 2008, p.243).

Esse pequeno trecho não só nos mostra a facilidade com que os vasos de uso diário são quebrados e, provavelmente, repostos, como expõe a permanência de seus fragmentos no contexto da aldeia, para serem posteriormente reutilizados em outras funções.

Na análise das categorias e dos atributos de um fragmento cerâmico, deve-se buscar uma articulação que os torne documento confiável, no que diz respeito à vida do recipiente que, segundo Schiffer, (1972) pode ser dividida em cinco processos: aquisição de matéria prima, fabricação, utilização, manutenção e descarte.

Decidimos implantar nas análises quantitativas a respeito do tratamento de superfície dos fragmentos cerâmicos, a articulação entre as categorias tratamento de superfície com o tipo de pasta. Com essa análise, poderemos inferir sobre as etapas de confecção da cerâmica, associadas aos fragmentos que receberam tratamento de superfície alisado, plástico ou cromático.

No que se refere ao tratamento de superfície cromático, o Sítio Arqueológico Célia Maria mostrou certa peculiaridade. Isso porque, quando os fragmentos não se apresentaram na categoria liso, formaram um grande conjunto de fragmentos com engobo, pintura, ou engobo associado com pintura.

Uma ocorrência pouco comum no Sítio Célia Maria foi a presença do tratamento de superfície plástico, tão corriqueiro em outros sítios arqueológicos guarani, como é o caso do corrugado ou ungulado, por exemplo. Essa ausência parcial do tratamento plástico nas superfícies dos fragmentos analisados reflete a pouca variabilidade do tratamento de superfície das antigas vasilhas desse sítio.

Estando os fragmentos cerâmicos do sítio em apreço, restritos, em sua grande maioria, ao tratamento de superfície alisado e cromático, foi-nos oportuno estabelecer um quadro de análise daqueles fragmentos que receberam tratamentos com tintas e engobos em sua superfície.

Vale esclarecer que o engobo consiste em um banho por argila; no entanto, essa argila sempre se apresenta com pigmentação vegetal ou mineral, que pode ter sido adicionada ou encontrada em estado natural. Assim, o engobo poderia ser definido como uma fina

camada de argila branca ou de outra coloração diluída em água e colocada na(s) faces(s) da cerâmica, pela técnica do banho (MAUSS, 1972; LIMA, 1989; MORAES, 2003).

O engobo pode ser uma técnica precedente à pintura; ela parece formar um fundo, sobre o qual a pintura se concretizaria. No Sítio Célia Maria, a maior parte das pinturas feitas nos fragmentos está associada ao engobo branco ou ao vermelho.

Sendo assim, neste trabalho consideramos o engobo como um acabamento superficial de cunho artístico, pois busca dar ao recipiente uma melhor aparência, sendo uma técnica específica em superfície preparada, previamente alisada ou com revestimento de barbotina.

As tintas foram usadas para pintura de partes selecionadas da superfície cerâmica e representam diversos motivos peculiares à cultura guarani. A maior parte dos pesquisadores acredita que os motivos pintados nas faces cerâmicas formam símbolos que manifestam uma atividade artística e religiosa dentro do sistema cultural desses povos, sobretudo desempenhando visualmente valores simbólicos ligados a atividades sociais e rituais em espaços sagrados.

Partiremos, nesta análise, para uma classificação que objetiva caracterizar a variabilidade dos banhos por engobo e da tintura empregada nos fragmentos em sua face interna e externa. Por meio desse caminho, acreditamos que toda manifestação artístico-religiosa deva estar sempre à mostra para o observador, em campo visível, o que pode nos ajudar a classificar as antigas vasilhas, por meio de seus fragmentos. Por exemplo, pinturas e banhos por engobo localizados na face interna de certos fragmentos indicariam, por suposição/comparação com vasilhas inteiras, que a antiga vasilha possuía uma forma aberta. Por outro lado, fragmentos que apresentam tratamento cromático em sua face externa indicariam formas mais fechadas, infletidas e/ou carenadas (SOARES, 2004)<sup>19</sup>.

A oitava classe considera e examina a forma das bordas. Foram identificadas as seguintes formas de bordas para o Sítio Célia Maria: borda direta, extrovertida, contraída, cambada, carenada e introvertida.

A nona classe analisa a forma e a possível função das antigas vasilhas. É nessa etapa que ocorrem as reconstituições de bordas dos recipientes cerâmicos, utilizando o método gráfico a partir dos fragmentos mensuráveis.

Dentro desse contexto, o estudo do material cerâmico toma como “unidade básica o recipiente cerâmico enquanto artefato, fonte de informação que conduz o olhar do pesquisador

---

<sup>19</sup> Observar Soares (2004, p.72) sobre a diferença das formas das vasilhas em relação às pinturas em sua face interna ou externa.

às atividades cotidianas do grupo indígena pretérito” (ROBRAHN, 1996, p.78). A ideia é reconstituir as bordas de dimensões apropriadas aliada a leitura de seus atributos tecnológicos, morfológicos e estilísticos.

Os aspectos morfológicos das vasilhas foram obtidos pelas reconstruções gráficas das bordas. Vale ressaltar que essas reconstruções servem para indicar algumas possibilidades de forma e dimensões dentro de cada categoria, não sugerindo a exatidão da forma que as vasilhas teriam tido (BROCHADO; MONTICELLI, 1994), o que, segundo os autores, não prejudica esse tipo de classificação, pois a preocupação é “com a reconstrução da funcionalidade das vasilhas” (Ibidem, 1994, p.109).

Neste trabalho, não adotaremos os critérios de análise da forma das vasilhas, como expostos por Chmyz (1976), Robrahn (1989) e Faccio (1998), pelo fato de acharmos pouco provável que consigamos estabelecer padrões de altura para os recipientes, através do diâmetro da boca. Acreditamos que ocorram variações nos estilos regionais das vasilhas guarani e essa classificação deve obedecer, necessariamente, a essas formas regionais (SOARES, 2004). Ainda não foi delineado um catálogo regional com as formas das vasilhas depositadas no Baixo Vale do Paranapanema, assim como no Alto Paraná, que permitissem tal correlação.

Observaremos nas reconstituições parciais das bordas mensuráveis as características morfológicas que se enquadrem nos critérios estabelecidos por Brochado e Monticelli (1994) e que nos possibilitem inferir sobre as principais formas das vasilhas cerâmicas guarani (**Figura 15**): panela (*yapepó*), caçarola (*ñæetá*), jarra para bebida (*cambuchí*), prato para comer (*ñæembé*) e tigela para beber (*cambuchí caguabá*).

Através do ábaco, encontramos o diâmetro da boca das antigas vasilhas, o que nos permitiu averiguar suas possíveis dimensões. A dimensão das vasilhas, por sua vez, pode estar atrelada ao tamanho do grupo residencial e a função que exerciam nas atividades do cotidiano.

Levando em conta características como a variação no tamanho dos grupos familiares e quantidade de alimento a ser preparado e consumido, pude concluir que as *ogpe guara* (famílias nucleares) utilizavam as vasilhas de tamanho pequeno. A mesma relação foi estabelecida para as famílias extensas, formadoras dos *teii*, que utilizariam vasilhas de tamanho médio, podendo atingir os recipientes de tamanho grande (SIMÃO, 2002, p.221).

Pode-se inferir, com certa segurança, que os recipientes que apresentam diâmetros grandes estariam destinados às atividades de transformação de alimentos sobre o fogo, estocagem de alimentos/bebidas e preparo de líquidos para um grupo extenso de pessoas, enquanto “os recipientes menores de todas as formas, por seu lado, apontariam para o consumo individual de alimentos e/ou estocagem de pequenas quantidades de alimentos” (WUST, 1990, p.424 - 425).

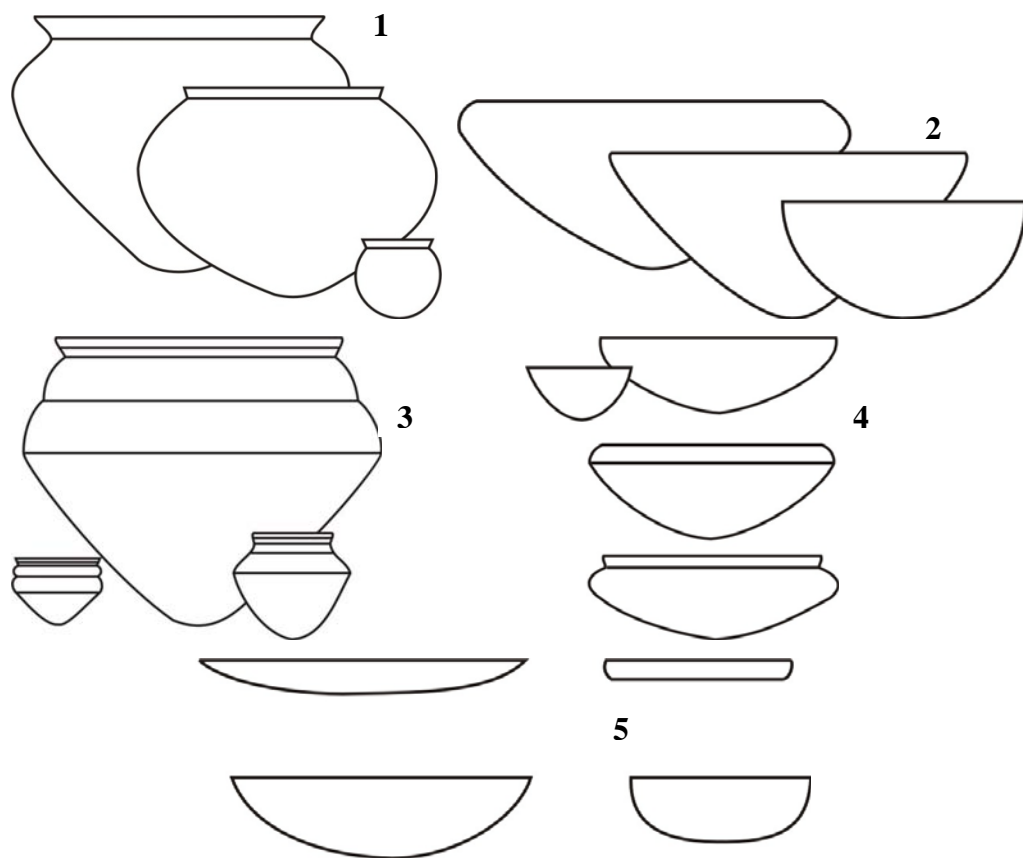


Figura 15 - Formas dos recipientes cerâmicos guarani: 1- Panela ou *Yapepó*; 2- Caçarola ou *Naetã*; 3- Talha ou *Cambuchi*; 4- Tigela para beber ou *Cambuchi Caguaba*; 5- Prato ou *Ñaembé*.  
Fonte: Faccio, 2011.

Parece evidente que as dimensões das vasilhas, recuperadas por meio da reconstrução gráfica da borda, possam nos auxiliar, com certa segurança, na compreensão do

tipo de uso que se fez dela, se individual ou coletivo e, daí, a presença no assentamento de grupos grandes ou pequenos de pessoas.

A décima classe descreve os motivos do tratamento de superfície pintado. Esses tipos decorativos, inseridos em fragmentos de cerâmica foram apresentados em pranchas para uma melhor visualização e comparação de parte de seus motivos.

Primeiramente, os fragmentos cerâmicos decorados por pintura foram escaneados, sendo digitalizadas as suas imagens. A partir dessa etapa foram sendo reconstituídos, graficamente, a partir do programa Corel Draw 12.

A metodologia de análise das pinturas seguiu as diretrizes dos trabalhos de La Salvia e Brochado (1989), Faccio (2011) e Prous (2009). Um primeiro quadro foi elaborado para este trabalho, visando perceber os elementos estéticos e sua localização no vaso, para que futuras comparações e interpretações pudessem ser realizadas.

A descrição sumária da pintura cerâmica do Sítio Célia Maria inaugura-se na descrição dos elementos gráficos ou da expressão decorativa que constituem as partículas decodificadas do motivo. São formados por linhas onduladas ou retas, pontos, triângulos, traços e faixas. Esses elementos irão compor os temas ou os motivos da cerâmica, que é a representação tradicional do grupo e está vinculado à forma e à utilização da vasilha (LA SALVIA; BROCHADO, 1989).

A interpretação dos motivos será bastante limitada, devido às condições das pinturas, que, em muitos dos casos, apresentou-se desgastada, devido a fatores naturais e antrópicos, já mencionados para a área do Sítio Célia Maria, além de uma fragmentação muito acentuada que impossibilitou, praticamente em todos os casos, a visualização completa de seus motivos.

Utilizaremos em nossa terminologia as seguintes expressões: decoração secundária, quando ela se constituir por elementos simples como bastonetes, ondas ou triângulos formando figuras, como triângulos hachurados ou linhas onduladas paralelas entre si localizadas na borda da vasilha; decoração principal será a formada por desenhos geométricos modulados e repetidos, localizados nos flancos da vasilha de formas fechadas, como os *cambuchi* e na parte interna do bojo e do fundo, no caso das formas abertas como as tigelas (PROUS, 2009).

Acreditamos que o reconhecimento das expressões decorativas decodificadas nos motivos, assim como os arranjos que elas produzem na decoração das vasilhas e fragmentos, conduzam, numa primeira instância, ao reconhecimento de alteridades entre a produção de vasilhas em diferentes assentamentos guarani. Assim, mesmo que de forma simplificada, a

descrição das expressões decorativas será importante, quando comparada aos demais estilos regionais guarani.

### 5.1.1 Análise dos fragmentos cerâmicos

Trabalhando com um total de 4715 peças, após análise, foram distribuídas por classe de fragmento ou seção de vaso, conforme mostra a **Tabela 1**:

Tabela 1: Classe dos fragmentos cerâmicos do Sítio Arqueológico Célia Maria

<b>Classe do Fragmento</b>	<b>Número de Ocorrências</b>	<b>Frequência</b>
Parede	4038	85,64%
Borda	468	9,92%
Base	13	0,27%
Parede Angular	159	3,37%
Parede e Base	4	0,08%
Bolota de Argila	6	0,12%
Borda com Suporte para Tampa	6	0,12%
Polidor de Sulco	2	0,04%
Borda com Parede Angular	18	0,38%
Base, Parede e Borda	1	0,02
<b>TOTAL</b>	<b>4.715</b>	<b>100%</b>

O número reduzido de bases apresentadas deve-se ao estado de fragmentação das peças que, muitas vezes, nos impossibilitaram averiguar com precisão essa seção do antigo vaso. Quanto às paredes, elas foram predominantes na classificação dos fragmentos analisados (com 85,64% dos casos) seguidas dos fragmentos de borda (com 9,92% dos casos).

A **Tabela 2** mostra os tipos e o número de ocorrências de antiplásticos contidos nos fragmentos cerâmicos. A frequência do antiplástico mineral foi de 29,20%, enquanto a do mineral associado ao caco moído foi de 70,79%. Esses números indicam que, além da reciclagem dos vasos cerâmicos, a cerâmica moída era muito popular na confecção desses recipientes sendo, no caso do Sítio Célia Maria, essencial para obter uma massa de argila adequada no manuseio.

Tabela 2: Tipo de antiplástico dos fragmentos cerâmicos do Sítio Arqueológico Célia Maria

<b>Tipo de Antiplástico</b>	<b>Nº. De Ocorrência</b>	<b>Frequência</b>
Mineral	1.377	29,20%
Mineral associado ao Caco Moído	3.338	70,79%
<b>TOTAL</b>	<b>4.715</b>	<b>100%</b>

Na **Tabela 3**, optamos por isolar o antiplástico mineral, medindo a espessura dos maiores grãos de quartzo encontrados na pasta de todos os fragmentos de cerâmica analisados. A espessura fina foi predominante, se apresentando em 99,05% dos casos.

Ainda não foram feitos testes físicos e químicos que possam associar esse mineral às jazidas de argila encontradas próximas ao perímetro do sítio, ou se foram intencionalmente acrescentados na massa de argila para seu melhor manuseio e plasticidade. Por outro lado, percebemos que a retirada de grãos minerais maiores que 0,2 cm foi intencional, pois a pasta apresenta granulometria padrão e uniforme.

Tabela 3: Variações granulométricas do antiplástico mineral dos fragmentos cerâmicos do Sítio Arqueológico Célia Maria

<b>Categorias</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Frequência</b>
- de 0,1 a 0,2 cm (fina)	1364	99,05%
- de 0,21 a 0,4 cm (média)	12	0,87%
- de 0,41 a 0,9 cm (grossa)	1	0,07%
<b>TOTAL</b>	<b>1377</b>	<b>100%</b>

Na **Tabela 4**, optamos por isolar o antiplástico caco moído, associando-o à sua categoria de variação granulométrica. Nesse teste, verificamos que a maior parte dos cacos de cerâmica foram bem triturados e se apresentaram em 79,74% dos casos, na categoria finos, tendo a espessura do seu maior grão variando de 0,1 a 0,2 cm, como podemos visualizar a seguir.



Tabela 4: Variações granulométricas do antiplástico caco moído dos fragmentos cerâmicos do Sítio Arqueológico Célia Maria

<b>Categorias</b>	<b>Número de ocorrências</b>	<b>Frequência</b>
- de 0,1 a 0,2 cm (fina)	2.662	79,74%
- de 0,21 a 0,4 cm (média)	648	19,41%
- de 0,41 a 0,9 cm (grossa)	28	0,83%
<b>TOTAL</b>	<b>3.338</b>	<b>100%</b>

Essa breve avaliação nos mostra que o antiplástico preferido para a confecção dos vasos foi o caco moído, bem triturado, de granulação fina que, misturado à argila, formou a pasta predominante no Sítio Célia Maria.

A **Tabela 5** apresenta a relação entre a espessura da parede e o tipo de pasta como já mencionado. Sobre a pasta, classificamo-la em três tipos, relacionando a quantidade de argila com a de antiplástico.

Tabela 5: Relação entre espessura da parede com o tipo de pasta dos fragmentos cerâmicos do Sítio Célia Maria

<b>Categorias</b>	<b>Número de Ocorrências</b>	<b>Frequência</b>
<b>PAREDE FINA:</b>		
- de 0,15 a 0,8 cm com pasta plástica	918	19,46%
- de 0,15 a 0,8 cm com pasta intermediária	320	6,78%
- de 0,15 a 0,8 cm com pasta dura	70	1,48%
<b>TOTAL PAREDE FINA</b>	<b>1.308</b>	<b>27,72%</b>
<b>PAREDE MÉDIA</b>		
- de 0,81 a 1,5 cm com pasta plástica	1532	32,49%
- de 0,81 a 1,5 cm com pasta intermediária	1216	25,79%
- de 0,81 a 1,5 cm com pasta dura	154	3,26%
<b>TOTAL PAREDE MÉDIA</b>	<b>2902</b>	<b>61,54%</b>
<b>PAREDE GROSSA</b>		
- de 1,51 a 3,5 cm com pasta plástica	162	3,43%
- de 1,51 a 3,5 cm com pasta intermediária	289	6,12%
- de 1,51 a 3,5 cm com pasta grossa	54	1,14%
<b>TOTAL PAREDE GROSSA</b>	<b>505</b>	<b>10,69%</b>
<b>TOTAL</b>	<b>4.715</b>	<b>100%</b>

Na categoria parede fina, com espessura dos cacos cerâmicos variando de 0,15 a 0,8 cm, a pasta plástica esteve presente em 918 casos ou 19,46%, sendo predominante nessa categoria. A pasta intermediária se apresentou em 320 casos ou 6,78% e a pasta dura, em apenas, 70 ocorrências ou 1,48%.

Na categoria parede média, com variáveis de 0,81 a 1,5 cm de espessura, a pasta intermediária apresentou-se em 1.216 casos ou 25,79%, aproximando-se numericamente da porcentagem com pasta plástica, com 1.532 casos ou 32,49%. Nota-se, também, que a pasta dura subiu de produção, apresentando nessa categoria 154 casos ou 3,2%. Essa observação nos indica que conforme a espessura da parede aumenta, ocorre maior acréscimo de antiplástico na massa de argila.

Na última categoria, parede grossa com variantes de 1,51 a 3,5 cm, a predominância foi da pasta de tipo intermediário, com 289 casos ou 6,1%. A pasta grossa apresentou 54 casos ou 1,14% e, em relação ao número dos outros tipos de pasta dentro dessa categoria, apresentou crescimento percentual. A pasta plástica declinou em porcentagem e esteve presente em 162 casos.

A parede grossa foi confeccionada, predominantemente, com o antiplástico caco moído, evidenciando a tendência das artesãs em acrescentar esse “tempero” às paredes médias e grossas, enquanto nas paredes finas predominou o acréscimo do antiplástico mineral, se é que ele foi acrescido intencionalmente.

Essa classificação teve por objetivo registrar as tendências dos artesãos na produção da massa de argila e sua relação com a espessura das paredes. Observamos que as paredes finas podiam sustentar-se sem o acréscimo de quantidades significativas de caco moído. No entanto, a habilidade do artesão em confeccionar paredes de mínima espessura com uma argila tão plástica era de muita destreza. Essa destreza observada nas paredes finas mostrou-se quase impossível de ser mantida nas paredes mais grossas. Assim, as paredes de maior espessura necessitaram de maior quantidade de caco moído para se manterem de pé e em formato desejável.

Quanto à eficiência do fogo e do manuseio dos vasos cerâmicos durante sua queima, registramos, anteriormente, que os grupos guarani não usavam fornos para a queima de seus vasos cerâmicos, e que esse processo era feito em uma fogueira com certo controle térmico por parte dos artesãos. No entanto, esse controle não poderia ser uniforme em todos os lados e cantos do vaso. Assim, um único vaso pode ter diversos tipos de queima, ora completo ou parcialmente completo de um lado, ora incompleto de outro.

Nas últimas etapas de acabamento da pasta de argila, acrescenta-se ou não o banho por barbotina. Nosso objetivo nessa etapa foi averiguar o número de ocorrências da barbotina nas duas faces dos fragmentos. As análises quantitativas são apresentadas na **Tabela 6**.

Tabela 6: Tratamento por barbotina dos fragmentos cerâmicos do Sítio Célia Maria

<b>TRATAMENTO POR BARBOTINA</b>	<b>Nº DE OCORRÊNCIAS</b>	<b>FREQUÊNCIA</b>
Sem Barbotina Interna/Externa	1693	35,90%
Sem Barbotina Interna/Com Barbotina Externa	417	8,84%
Com Barbotina Interna/Sem Barbotina Externa	784	16,62%
Com Barbotina Interna/Externa	1821	38,62%
<b>TOTAL</b>	<b>4.715</b>	<b>100%</b>

Observamos que foi comum a inserção da barbotina nas duas faces dos recipientes cerâmicos com 38,62% dos casos analisados. No entanto, a não inserção da barbotina nas duas faces também atingiu um alto nível de porcentagem, com 35,90% dos casos. Parte dessa observação pode encontrar relevância no fato da má conservação dos fragmentos cerâmicos, principalmente de sua superfície, que ocasionou, em vários casos, o registro do desprendimento da barbotina em relação à pasta produtiva.

Na **Tabela 7**, realizamos o registro do tratamento de superfície de ambos os lados dos fragmentos cerâmicos. A análise dos dados nos mostra que 79,59% dos fragmentos foram analisados interna e externamente, fato esse que não esclarece a realidade dos vasos, quando inteiros. O engobo esteve presente em 11,85% das peças, enquanto a pintura esteve presente em 8,14% dos casos. Dos 4.715 fragmentos cerâmicos analisados, 926 deles apresentaram engobo, pintura ou a associação de ambos.

Entre os fragmentos analisados quantitativamente, percebemos que tanto o engobo quanto a pintura foram majoritárias nas faces internas. Dos 4.715 fragmentos cerâmicos do Sítio Célia Maria, apresentaram pintura e/ou engobo em sua parte interna e 222 fragmentos apresentaram pintura e/ou engobo em sua face externa. Esse número, por dedução, pode sugerir que o sítio apresentou, no passado, grande número de pratos ou de vasilhas para servir alimentos ou bebidas com formas abertas, onde as pinturas ou os revestimentos de cor pudessem ser notados.

Tabela 7: Tratamento de superfície do lado interno e externo dos fragmentos cerâmicos do Sítio Arqueológico Célia Maria

<b>Tratamento</b>	<b>Nº. de Ocorrência</b>	<b>Frequência</b>
Alisado Interno/Externo	3753	79,59%
Alisado Interno/Engobo Externo	121	2,56%
Engobo Interno/Alisado Externo	328	6,95%
Engobo Interno/Externo	87	1,84%
Engobo Interno/Pintura Externa	22	0,46%
Pintura Interna/Engobo Externo	24	0,50%
Alisado Interno/Pintura Externa	119	2,52%
Pintura Interna/Alisado Externo	204	4,32%
Pintura Interna/Externa	18	0,38%
Alisado Interno/ Decoração Plástica Externa	36	0,76%
Decoração Plástica Externa/Alisado Interno	3	0,06%
<b>TOTAL</b>	<b>4.715</b>	<b>100%</b>

A rara presença da decoração plástica foi registrada em 39 fragmentos. A **Foto 17** mostra peças incisadas do Sítio Célia Maria.



Foto 17: Representações dos motivos incisados. As representações parecem estar associadas aos motivos pintados.

A maior parte das peças com decoração plástica apresentou incisão com representações de motivos associados à pintura ou incisões isoladas paralelas aos lábios das bordas.

Na **Tabela 8**, isolamos o tipo de tratamento pintado e/ou com a presença de engobo nas superfícies interna e externa dos fragmentos cerâmicos coletados no Sítio Célia Maria.

A grande maioria dos fragmentos dos tipos com engobo, pintura, ou engobo e pintura apresentaram essa característica em sua parte interna. Partindo da premissa de que a pintura é uma manifestação artística e religiosa, usada, sobretudo em atividades sociais e ritualísticas, reforçamos mais uma vez a tese de que ela deveria estar sempre à mostra para o observador, em campo visível, dentro do recipiente. Assim, pinturas e tratamentos decorativos, localizados na parte interna da cerâmica, poderiam significar vasilhas abertas ou muito abertas.

Tabela 8: Tratamento de superfície do lado interno e externo dos fragmentos cerâmicos com decoração pintada e/ou com banho de engobo do Sítio Célia Maria

TRATAMENTO	Nº DE CORRÊNCIAS	FREQUÊNCIA
Alisado Interno/Engobo Vermelho Externo	35	3,77%
Alisado Interno/Engobo Branco Externo	68	7,34%
Alisado Interno/Engobo Laranja Externo	17	1,83%
Alisado Interno/Pintura Externa	46	4,96%
Alisado Interno/Engobo Preto Externo	1	0,10%
Alisado Interno/Pintura Associada ao Engobo Branco Externa	72	7,77%
Engobo Preto Interno/Alisado Externo	8	0,86%
Engobo Preto Interno/ Engobo Preto Externo	5	0,53%
Engobo Vermelho Interno/Alisado Externo	46	4,96%
Engobo Vermelho Interno/ Engobo Vermelho Externo	5	0,53%
Engobo Vermelho Interno/ Engobo Branco Externo	5	0,53%
Engobo Vermelho Interno/Pintura Associada ao Engobo Branco Externo	9	0,97%
Engobo Branco Interno/Alisado	254	27,42%

Externo					
Engobo Branco Interno/ Engobo Branco Externo				62	6,69%
Engobo Branco Interno/ Engobo Vermelho Externo				1	0,10%
Engobo Branco Interno/ Pintura Associada ao Engobo Branco Externa				13	1,40%
Engobo Laranja Interno/Alisado Externo				20	2,15%
Engobo Laranja Interno/ Engobo Laranja Externo				13	1,40%
Engobo Laranja Interno/ Pintura Associada ao Engobo Branco Externa				1	0,10%
Pintura Interna/Alisado Externo				55	5,93%
Pintura Interna/Engobo Vermelho Externo				5	0,53%
Pintura Interna/Pintura Externa				10	1,07%
Pintura Associada ao Engobo Branco Interna/Alisado Externo				148	15,98%
Pintura Associada ao Engobo Branco Interna/Engobo Branco Externo				19	2,05%
Pintura Associada ao Engobo Branco Interna/ Pintura Associada ao Engobo Branco Externa				8	0,86%
<b>TOTAL</b>				<b>926</b>	<b>100%</b>

Em termos quantitativos, 687 fragmentos de cerâmica apresentaram algum tipo de tratamento decorativo em sua superfície interna. É provável que tais fragmentos sejam os resquícios de antigos *ñaembés* ou *cambuchis caguâbás*, que se somavam neste antigo espaço habitacional. Mesmo que não haja forma para eles, a própria pintura pode especular suas funções, em vista da inexistência de reconstituições gráficas que remetesse à vasilha *cambuchi*<sup>20</sup>, estando a pintura particularmente reservada nesse sítio a pratos e tigelas de usos especiais, provavelmente servindo a propósitos ritualísticos ou especiais.

Por outro lado, 395 fragmentos de cerâmica apresentaram tratamento decorativo em sua face externa. Estes remeteriam a formas de tigelas com bordas mais convexizadas, ou até mesmo carenadas, nas quais a face externa fosse privilegiada na observação. Cabe lembrar que, dentro do número apresentado, 160 fragmentos mostravam tratamento decorativo em

<sup>20</sup> Como veremos adiante, não foi reconstituída graficamente nenhuma borda que apresentasse “contorno complexo, segmentado, como vasilhas sobrepostas, com vários pontos de ângulos [...]” (BROCHADO & MONTICELLI, 1994, p.112).

ambas as faces, talvez implicando formas mais equilibradas, quanto ao campo visual, que pudessem ser visualizadas em suas duas faces ao mesmo tempo.

Na **Tabela 9**, podem-se verificar as classes de ocorrência das 238 bordas classificadas.

Tabela 9: Ocorrência das classes de borda dos fragmentos cerâmicos do Sítio Arqueológico Célia Maria

<b>CLASSE DE BORDAS</b>	<b>Nº DE</b>	<b>FREQUÊNCIA</b>
Borda Direta	81	34,03%
Borda Direta Inclinada Interna	6	2,52%
Borda Direta Inclinada Externa	65	27,31%
Borda Extrovertida Inclinada Interna	13	5,46%
Borda Extrovertida Inclina Externa	38	15,96%
Borda Extrovertida Vertical	9	3,78%
Borda Introvertida Interna	14	5,88%
Borda Carenada	11	4,62%
Borda Cambada	1	0,42%
<b>TOTAL</b>	<b>238</b>	<b>100%</b>

Fica registrado que 230 bordas não foram colocadas na tabela, porque se apresentaram muito fragmentadas e/ou impossíveis de ser classificadas. Assim, das 238 bordas classificadas, apenas 42 apresentaram condições seguras para sua reconstituição gráfica.

As 42 reconstituições de bordas foram agrupadas em conjuntos funcionais estabelecidos pela sua forma. Na categoria panelas pequenas, foram reconstituídas a forma de sete vasos e na categoria panelas médias, onze vasos. Na categoria caçarolas médias, foram reconstituídas duas formas de vasos. Na categoria tigelas abertas foram reconstituídas cinco formas de vasilhas, na categoria tigelas infletidas duas formas, na categoria pratos cinco formas, na categoria tigelas carenadas quatro formas e na categoria tigelas com borda vertical seis formas.

As panelas foram usadas para cozinhar os alimentos, aquecê-los ao fogo e estão sempre relacionadas à preparação por fervura (BROCHADO; MONTICELLI, 1994; LA SALVIA; BROCHADO, 1989). Possuem bordas verticais ou inclinadas para fora, formando paredes infletidas. Nessa categoria, foram consideradas 18 bordas, todas lisas, sem a presença de tratamento de superfície plástico. As bordas das panelas possuem dimensões que variam de 12 a 28 cm de diâmetro da boca.

Nessa pesquisa, consideramos pertinente uma divisão do conjunto de vasilhas, segundo seu tamanho e possível função, como o adotado por Brochado e Monticelli (1994), dividindo-as em: pequenas, aquelas com diâmetro de boca entre 12 e 16 cm e médias com diâmetro de boca entre 18 e 30 cm. As panelas grandes com dimensões maiores que 32 cm não tiveram representação no contexto do Sítio Célia Maria.

Entre os fragmentos de bordas com diâmetro de boca pequeno foram quantificados dois com 12 cm de diâmetro, um com 14 cm de diâmetro e quatro com 16 cm de diâmetro. Entre os fragmentos de bordas com diâmetro de boca médio foram quantificados cinco com 18 cm de diâmetro, um com 20 cm de diâmetro, um com 22 cm de diâmetro, dois com 24 cm de diâmetro e dois com 28 cm de diâmetro.

Por meio dos dados quantitativos, podemos observar que a maior parte dos fragmentos de bordas de antigas panelas varia de 16 cm a 18 cm de diâmetro de boca, faixa de medida que ocorre entre as panelas pequenas e as panelas médias. Como já exposto anteriormente, acreditamos que as vasilhas, no caso contextual as panelas, de pequenas e médias dimensões podem ter sido utilizadas por grupo ou grupos de famílias nucleares de número restrito de pessoas (**Figuras 16 e 17**).

Provavelmente, os fragmentos de bordas infletidos, se caracterizaram por ser os de maior capacidade de volume. No sítio Célia Maria, esses fragmentos cerâmicos, considerados como parte superior de antigas panelas, apresentaram espessura de paredes predominantemente média e grossa (72,22% dos casos). As paredes foram confeccionadas em 66,66% dos casos com o acréscimo do antiplástico caco moído. A maior parte dos tipos de queima foi parcialmente completo (50% dos casos) seguido do incompleto (33,33% dos casos). A pasta plástica foi a predominante, com 61,11% dos casos. Através dos exemplares reconstituídos, não foi possível fazer correlações seguras sobre a variabilidade técnica da confecção dos tipos de panelas para o sítio Célia Maria.

As caçarolas ou *ñaetá* são vasilhas representadas por uma “forma aproximadamente tronco-cônica, com borda direta, contínua com a parede, aproximadamente vertical ou inclinada para fora e base aplainada ou levemente arredondada” (BROCHADO; MONTICELLI, 1994, p.112). Assim como as panelas, elas estão associadas ao preparo de alimentos por fervura sobre o fogo. Nessa categoria, foram consideradas duas bordas, todas lisas, sem a presença de tratamento de superfície plástico. As bordas das caçarolas possuem dimensões de 34 cm de diâmetro da boca, para um caso e 40 cm de diâmetro da boca para o outro (**Figura 18**).



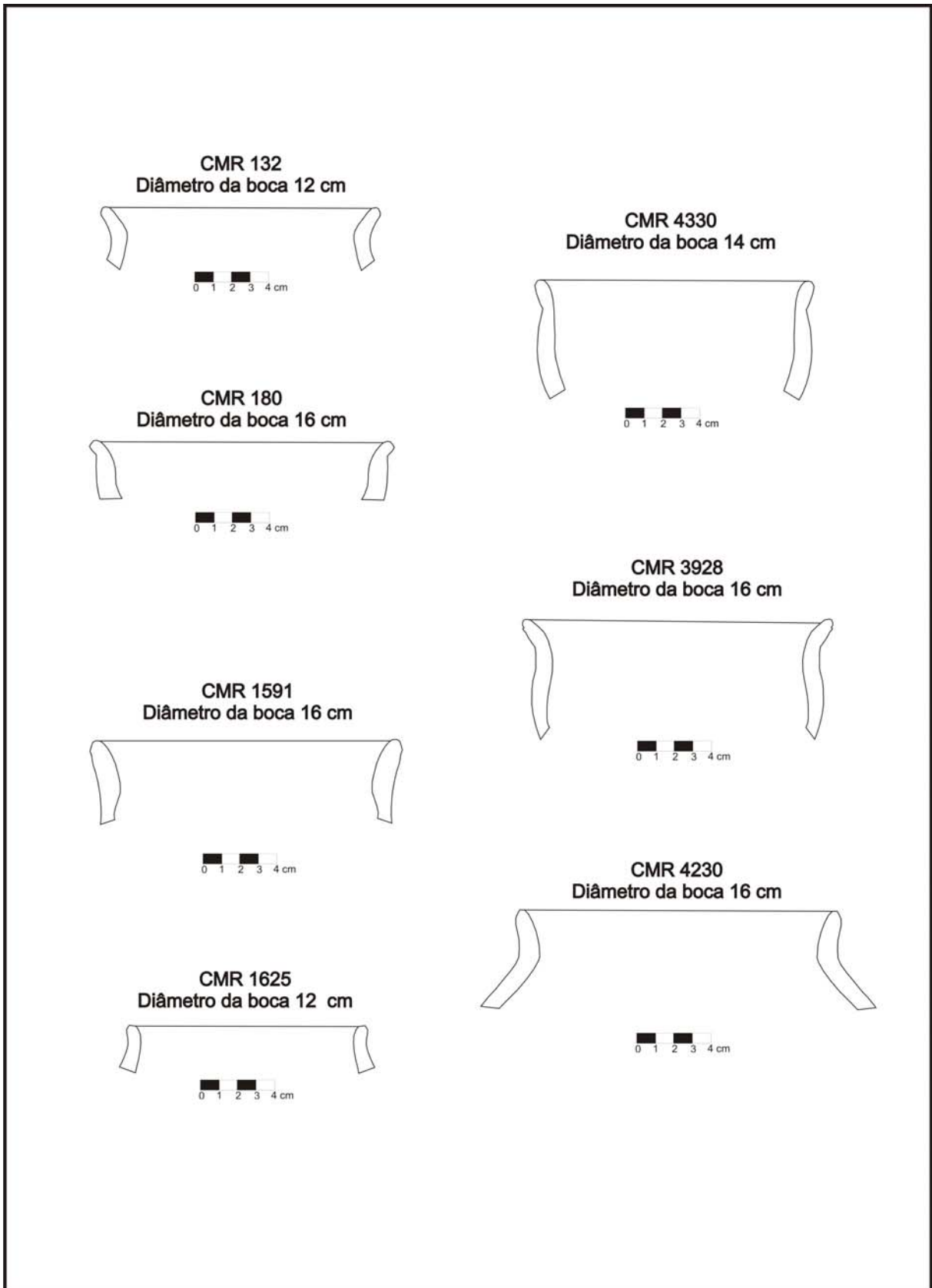


Figura 16 - Fragmentos de bordas de painéis pequenos, do Sítio Arqueológico Célia Maria Marabá Paulista, SP.

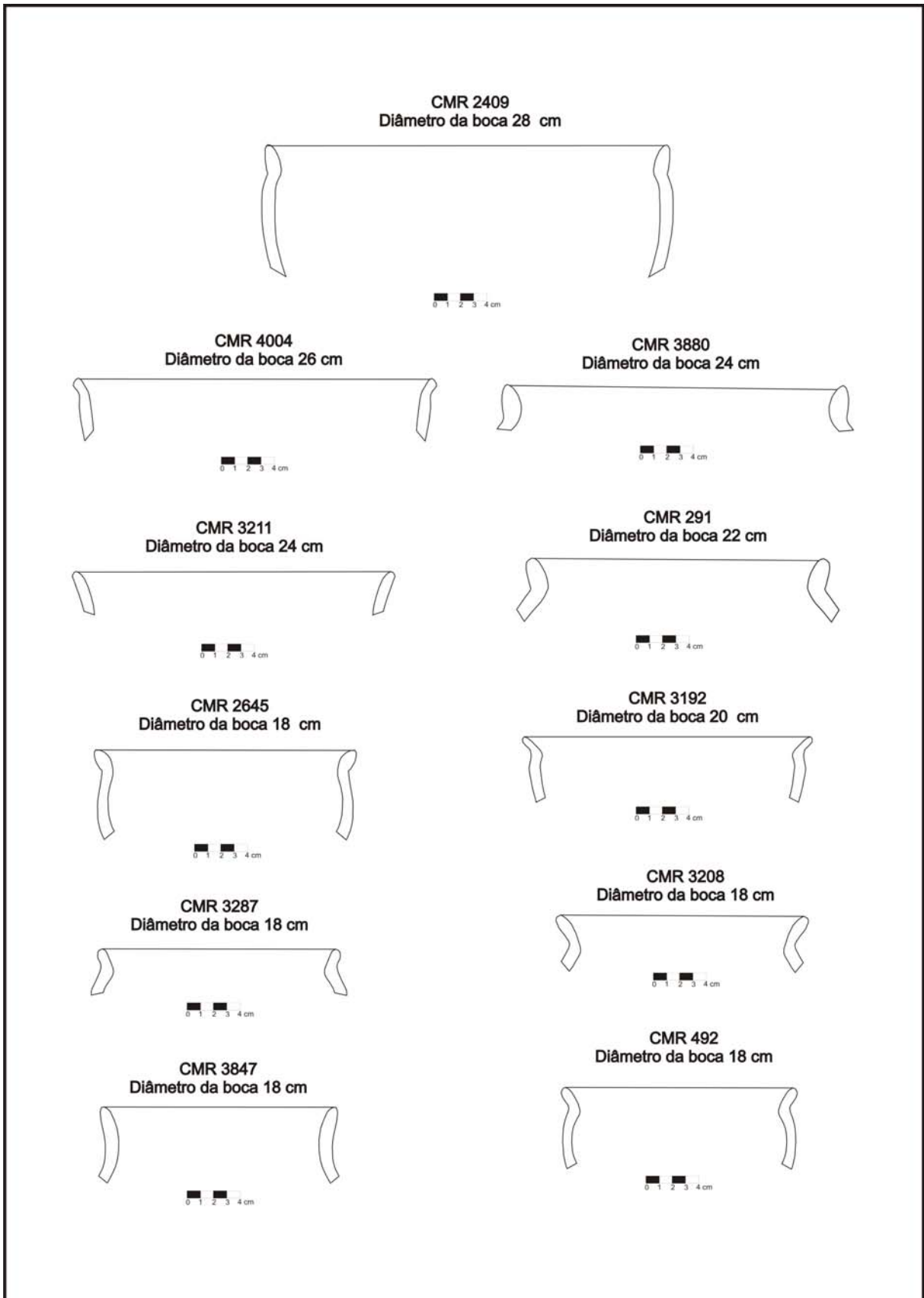


Figura 17 - Fragmentos de bordas de painéis médios, do Sítio Arqueológico Célia Maria, Marabá Paulista, SP.

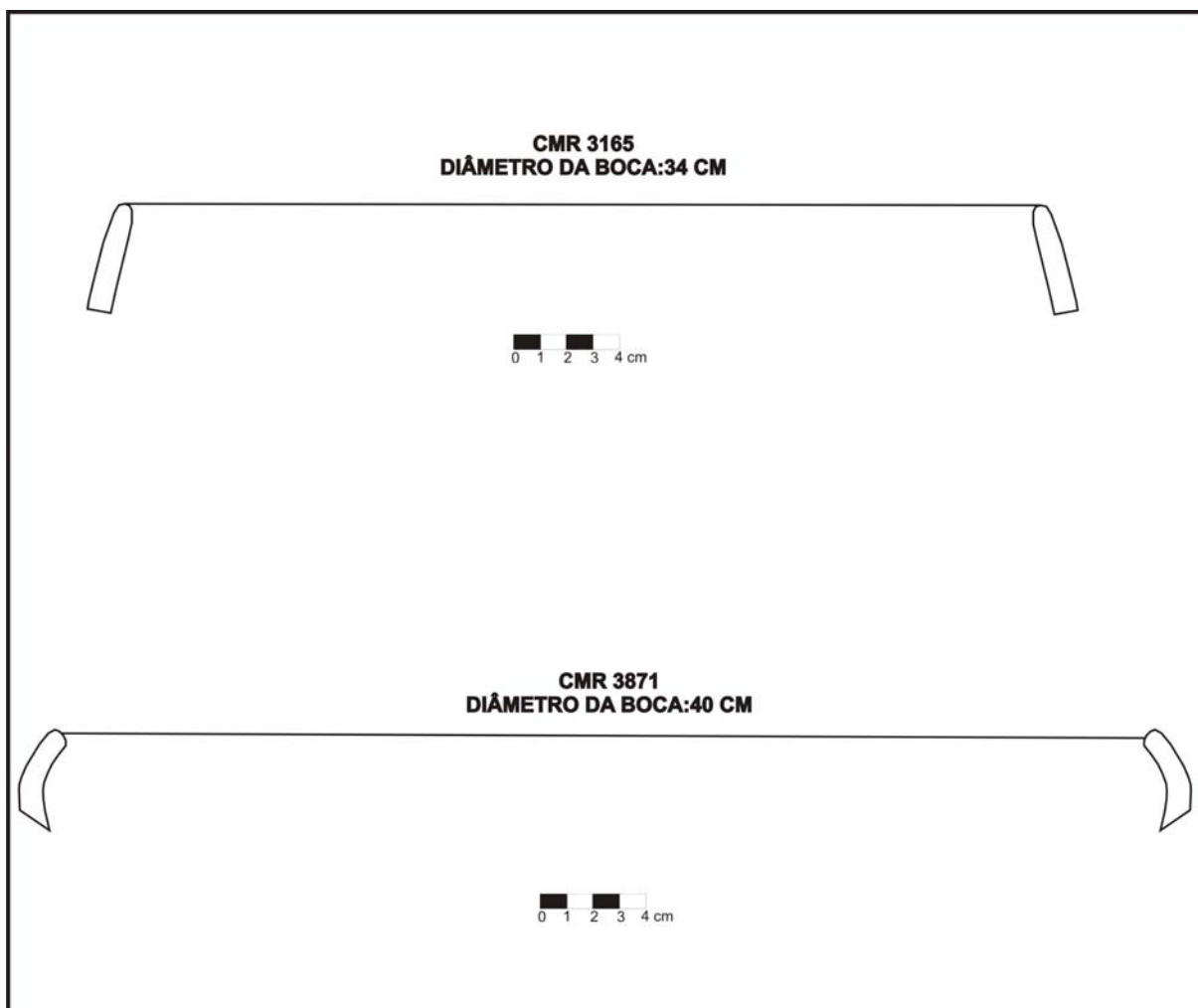


Figura 18 - Fragmentos de bordas de caçarolas, do Sítio Arqueológico Célia Maria. Marabá Paulista, SP.

Na dimensão do diâmetro de suas bocas, ambos os fragmentos de bordas de caçarolas foram classificados como medianos, não existindo representação no Sítio Célia Maria para o tipo grande, ou seja, aqueles com diâmetro maior que 50 cm. As caçarolas reforçam que o tamanho dos recipientes cerâmicos até agora reconstituídos sempre atingiram a categoria pequena e média e nunca chegaram à categoria grande.

Os dois fragmentos de bordas de antigas caçarolas não foram suficientes para entendermos o universo da variabilidade técnica de confecção desses antigos recipientes. Os dois apresentaram distinção em alguns atributos. Um apresentou antiplástico caco moído e o outro mineral, um não apresentou barbotina em suas faces enquanto o outro apresentou. No entanto, ambos apresentaram pasta plástica e paredes médias com 0,9 e 1,2 cm de espessura.

Com vinte reconstituições de bordas para vasilhas de cozinhar, não foi possível entender o conjunto de recipientes que formaram o *kit* doméstico de preparo do alimento.

nessa antiga ocupação guarani. Fica, no entanto, em evidência, que na questão do preparo de alimentos não houve reconstituições de bordas que atestassem a presença de um número grande de pessoas nesse assentamento, pelo fato de todas as vasilhas estarem classificadas como pequenas e médias. Acreditamos, a partir dos dados apresentados até agora, que o número de pessoas que habitaram esse antigo assentamento era pequeno, possivelmente, pertenciam a uma família extensa, formada por poucas famílias nucleares.

O prato de comer foi nomeado por Montoya como *tembiiru* ou *ñaembé*. Pode ser identificado por meio de suas formas muito abertas, “com a borda convexa, contínua com as paredes, aproximadamente vertical ou inclinada para fora” (BROCHADO & MONTICELLI, 1994, p. 115). Assim, as bordas reconstituídas, possuindo as características sugeridas pelos autores citados e que apresentaram uma tendência a formas mais abertas, foram consideradas, neste trabalho como pratos. Nessa categoria foi analisada a reconstituição de cinco bordas diretas inclinadas para fora ou convexas, com tratamento de superfície liso ou pintado interno ou externo. O diâmetro das bordas de prato variou de 16 cm a 36 cm como apresentados na **Figura 19**.

As dimensões do diâmetro da boca das bordas nos possibilitaram classificá-las em pequena, média e grande. Apenas um fragmento de borda com diâmetro de boca pequeno foi reconstituído e seu diâmetro foi de 16 cm. Igualmente, apenas um fragmento de borda com diâmetro de boca médio foi reconstituído apresentando diâmetro de 18 cm. Entre os fragmentos de bordas com diâmetro de boca grande foram reconstituídos três fragmentos de bordas, um com 34 cm de diâmetro e dois com 36 cm de diâmetro. A análise dos fragmentos de borda de pratos grandes sugere que algumas refeições poderiam ter sido coletivas, “uma vez que os pratos médios e grandes serviram a refeições comunais” (SOARES, 2004, p.74). No entanto, esses dados não são suficientes para alegarmos que no Sítio Célia Maria ocorressem atividades sociais de grande porte, pois foi rara a presença de recipientes cerâmicos reconstituídos de dimensões grandes, principalmente aqueles destinados ao preparo dos alimentos como as panelas e as caçarolas.

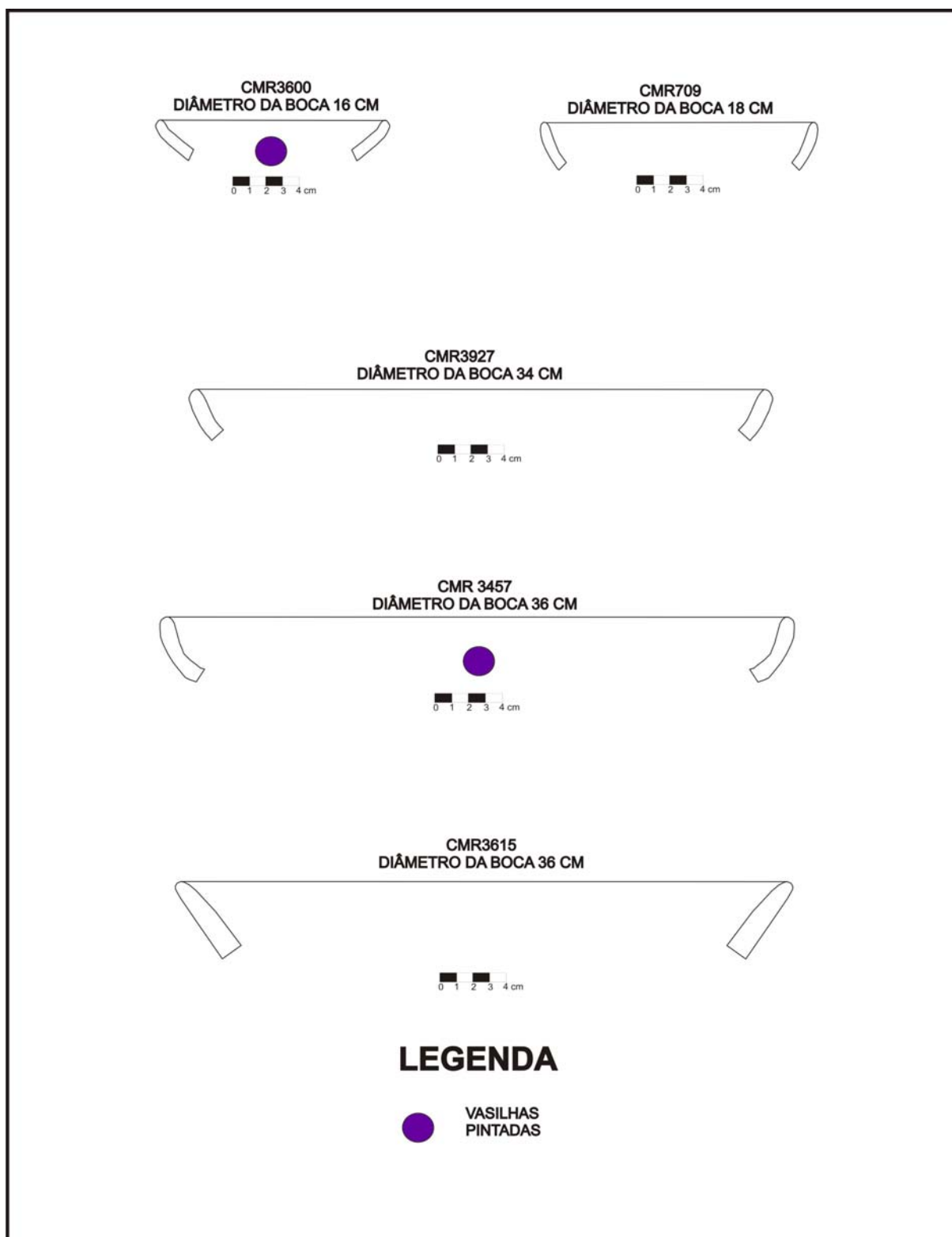


Figura 19 - Fragmentos de bordas de pratos do Sítio Arqueológico Célia Maria. Marabá Paulista, SP.

A variabilidade dos atributos tecnológicos dos fragmentos de pratos foi considerada. Dos cinco fragmentos reconstituídos, três apresentaram antiplástico caco moído e dois apresentaram antiplástico mineral. A maior parte dos fragmentos apresentou queima parcial ou totalmente completa (quatro casos). As espessuras das paredes apresentaram-se na categoria fina, em três casos e na categoria média, em dois casos. Em três casos foram detectadas paredes com pasta plástica e em dois casos paredes com pasta intermediária. Verificamos que o fragmento de borda número 3.457 apresentou pintura sobre engobo branco em sua face interna, enquanto a borda número 3.600 apresentou pintura sobre engobo branco em sua face externa. Ambas as pinturas não foram alvo de reconstrução gráfica, por apresentarem-se muito desgastadas e pouco visíveis.

Nas tigelas de beber ou *cambuchí caguaba*, consideramos as reconstituições de bordas que remetessem a formas semelhantes às tigelas com bordas introvertidas, carenadas, diretas verticais ou inclinadas externas. As reconstituições de vasilhas se apresentaram mais profundas do que a dos pratos.

Semelhante ao trabalho de Soares (2004) as tigelas que apresentaram ângulo formando carena devem ter constituído vasilhas restringidas no passado, provavelmente com base mais aplanada e pouco profunda, se comparadas às vasilhas de contorno simples, como as formadas por bordas introvertidas e diretas. No entanto, Soares afirma que essas tigelas possuíam pintura externa, fato não corroborado no Sítio Célia Maria. Dois exemplares desse tipo de vasilha possuíam pintura vermelha sobre engobo branco em sua face interna.

As tigelas de beber carenadas foram todas classificadas como médias, variando o diâmetro da boca entre 22 cm e 28 cm<sup>21</sup> (**Figura 20**).

As tigelas de beber com bordas diretas levemente inclinadas para fora apresentaram diâmetro de boca pequeno em três casos e diâmetro de boca médio em dois casos (**Figura 21**).

As tigelas de beber com bordas diretas verticais variaram o diâmetro de suas bocas entre 18 cm e 26 cm. Ressaltamos que em dois casos o diâmetro da boca apresentou 28 cm e 34 cm, dimensões que ultrapassam o limite imposto como tigelas medianas por Brochado e Monticelli (1994, p.116). Consideraremos essas duas tigelas que extrapolam tais dimensões como grandes. Na **Figura 22**, temos as representações gráficas das bordas de tigelas de beber diretas verticais.

---

<sup>21</sup> Nota-se na indicação de Brochado & Monticelli (1994, p.116) que as dimensões do diâmetro da boca para as *cambuchis caguabas* (tigelas de beber) foram classificadas em pequenas (12 a 16 cm) e médias (18 a 26 cm) sem que se faça referência às grandes, possivelmente maiores que 28 cm de diâmetro.

As tigelas de beber com bordas introvertidas apresentaram diâmetro de boca pequeno, com um exemplar de 14 cm, e diâmetro de boca médio, com um exemplar de 22 cm, são apresentados na **Figura 23**.

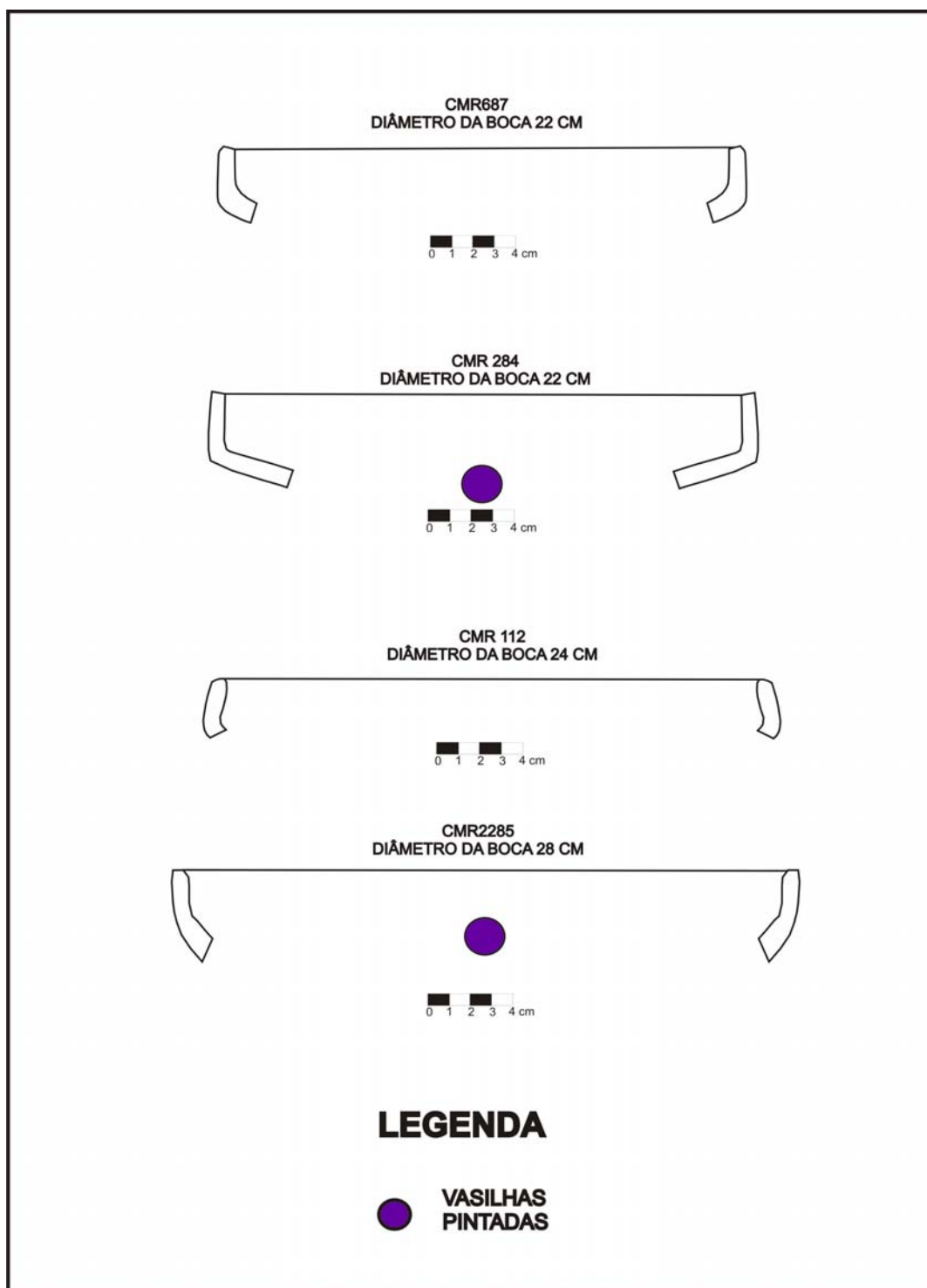


Figura 20 - Fragmentos de bordas de tigelas carenadas, do Sítio Arqueológico Célia Maria, Marabá Paulista, SP.

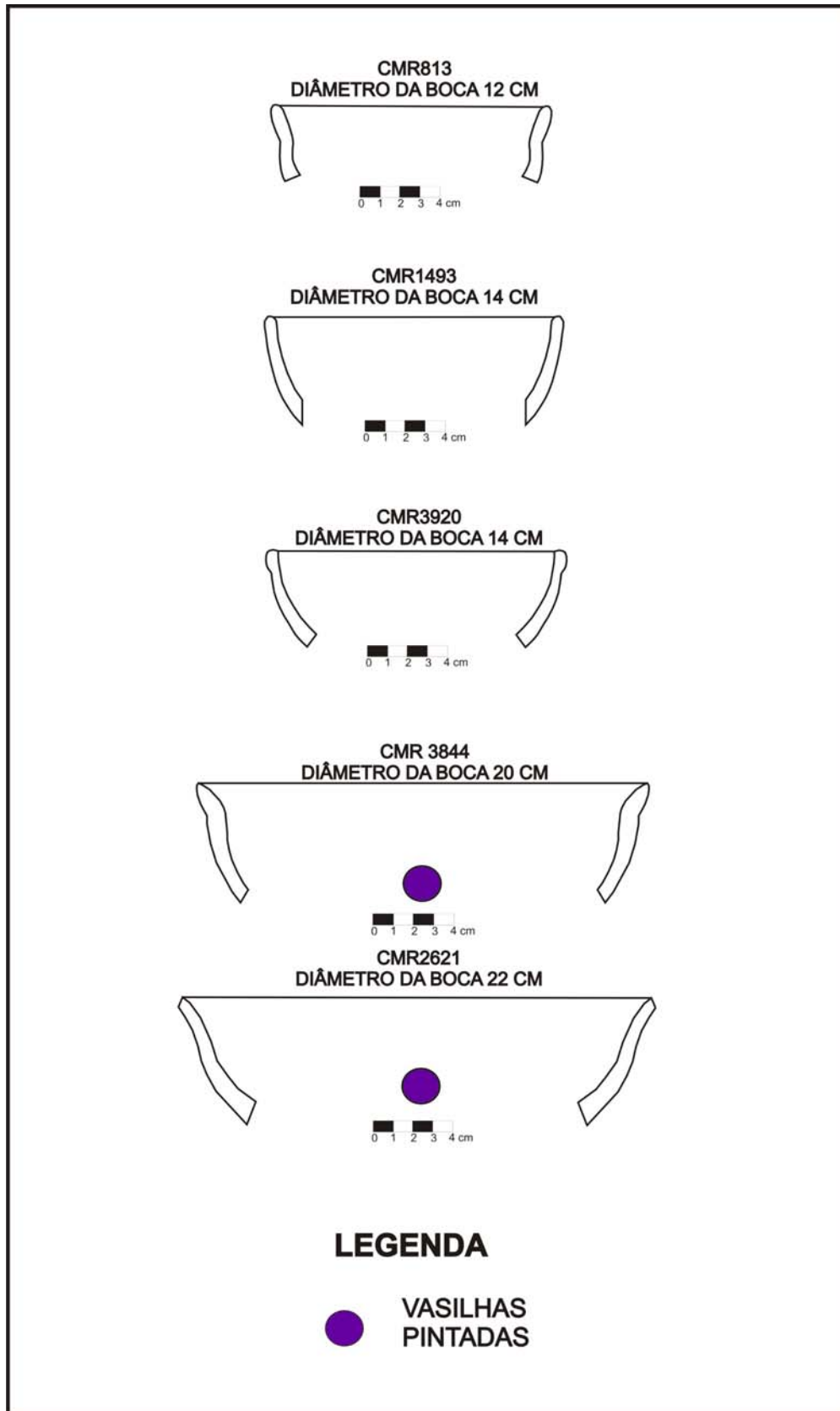


Figura 21 - Fragmentos de bordas de tigelas abertas, do Sítio Arqueológico Célia Maria. Marabá Paulista, SP.



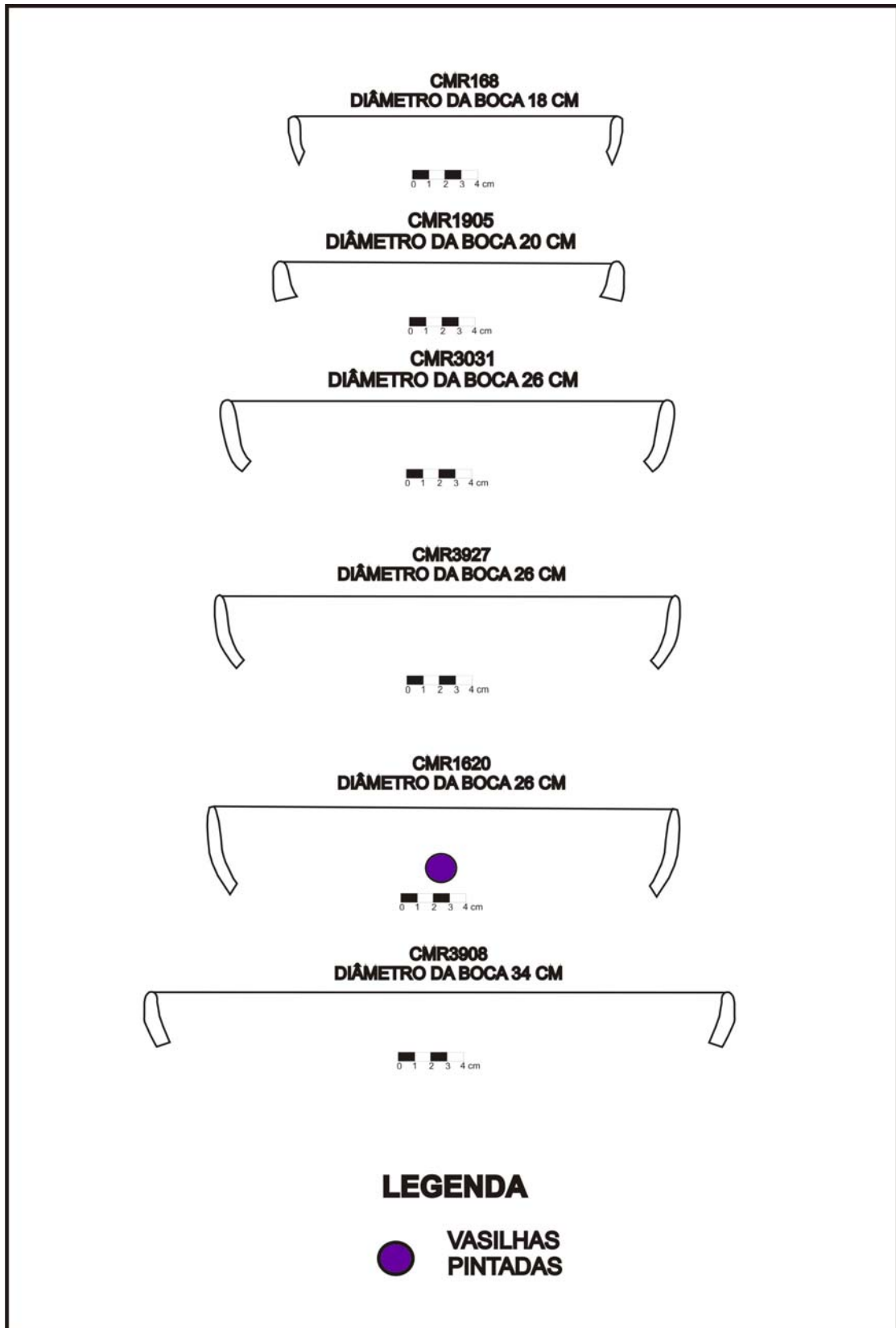


Figura 22 - Fragmentos de bordas de tigelas verticais, do Sítio Arqueológico Célia Maria. Marabá Paulista, SP.

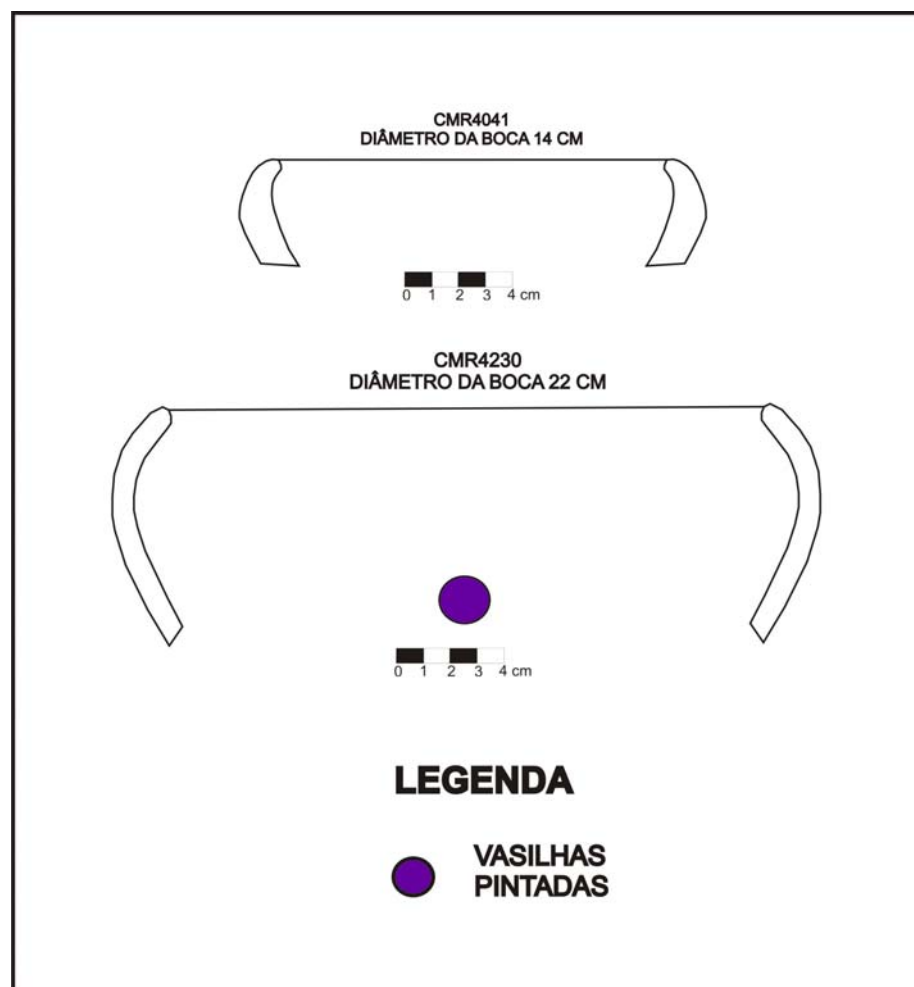


Figura 23 - Fragmentos de bordas de tigelas infléticas, do Sítio Arqueológico Célia Maria. Marabá Paulista, SP.

Em números gerais, as tigelas para beber, de tamanho pequeno, representaram 23,52% dos casos, as de tamanho médio representaram 58,82% dos casos e as de tamanho grande 17,64% dos casos. Considerando o uso destas tigelas para o consumo de alimentos e bebidas e que a maioria delas possui o tamanho médio, seguido pelas pequenas e depois pelas grandes, colocamos a hipótese do uso desses recipientes individualmente ou por pequenos grupos, não justificando atividades coletivas nas quais grandes recipientes fossem usados para beber coletivamente.

Quanto aos dados dos atributos tecnológicos dos fragmentos de cerâmica considerados, podemos destacar alguns aspectos. Aqueles que apresentaram carenas em suas bordas tiveram em 100% dos casos o acréscimo de antiplástico caco moído. A pasta intermediária foi totalitária nessa categoria e a queima completa aconteceu em três dos quatro fragmentos reconstituídos. Houve também a aplicação de barbotina em 100% dos casos, nas

duas faces. Sem dúvida, o conjunto das tigelas de beber, carenadas, foi o mais homogêneo, no que concerne aos atributos tecnológicos, dos estudados no contexto do Sítio Célia Maria.

As tigelas de beber com bordas diretas inclinadas externas apresentaram o acréscimo do antiplástico caco moído em três dos cinco fragmentos de borda. As espessuras das paredes foram 100% médias, enquanto a pasta plástica aconteceu em três casos e a pasta média em dois casos. A queima predominante foi a parcialmente completa, acontecendo em três casos, seguida pela incompleta, que aconteceu em dois casos. Nessa categoria as bordas de número 2.621, 3.844 e 3.920 apresentaram pintura sobre engobo branco em sua face interna. Esses três fragmentos reforçam a tese de que as pinturas nas faces internas, geralmente, estão associadas a tigelas de forma aberta, com borda inclinada externamente.

As tigelas de beber que apresentaram contorno introvertido e formato fechado tiveram espessura de parede média, queima parcialmente completa e pasta plástica. Na pasta de um fragmento, foi acrescentado o caco moído enquanto no outro houve apenas a presença do mineral. A borda número 4.230 foi pintada em sua face externa por tinta vermelha.

As tigelas de beber com borda direta vertical apresentaram o acréscimo de antiplástico caco moído em quatro dos seis fragmentos de borda. As espessuras de paredes foram predominantemente médias, enquanto 50% da pasta foram plásticas e os outros 50% intermediárias. A queima predominante foi a completa, ocorrendo em quatro dos seis fragmentos reconstituídos. A borda número 1.620 apresentou pintura vermelha em sua face interna.

A metodologia de análise do tratamento decorativo feito por pinturas nas superfícies cerâmicas seguiu as diretrizes dos trabalhos de La Salvia e Brochado (1989), Prous (2009) e Faccio (2011). Um primeiro quadro foi elaborado para este trabalho, visando perceber os elementos estéticos e sua localização no vaso, para que futuras comparações e interpretações pudessem ser realizadas.

Para melhor visualização dos elementos gráficos nos fragmentos cerâmicos, eles serão apresentados por pranchas que reúnem um conjunto de fragmentos e suas decorações.

Na **Prancha 1**, todas as peças possuem a decoração localizada em sua face interna. Os elementos decorativos desse conjunto são comuns, formados por curvilíneas ou linhas onduladas e pontos. As linhas onduladas formam feixes paralelos denominados por Prous (2009) de fitas. Essas fitas, em alguns casos, foram preenchidas pelos pontos e em outros casos os pontos foram externos a elas.

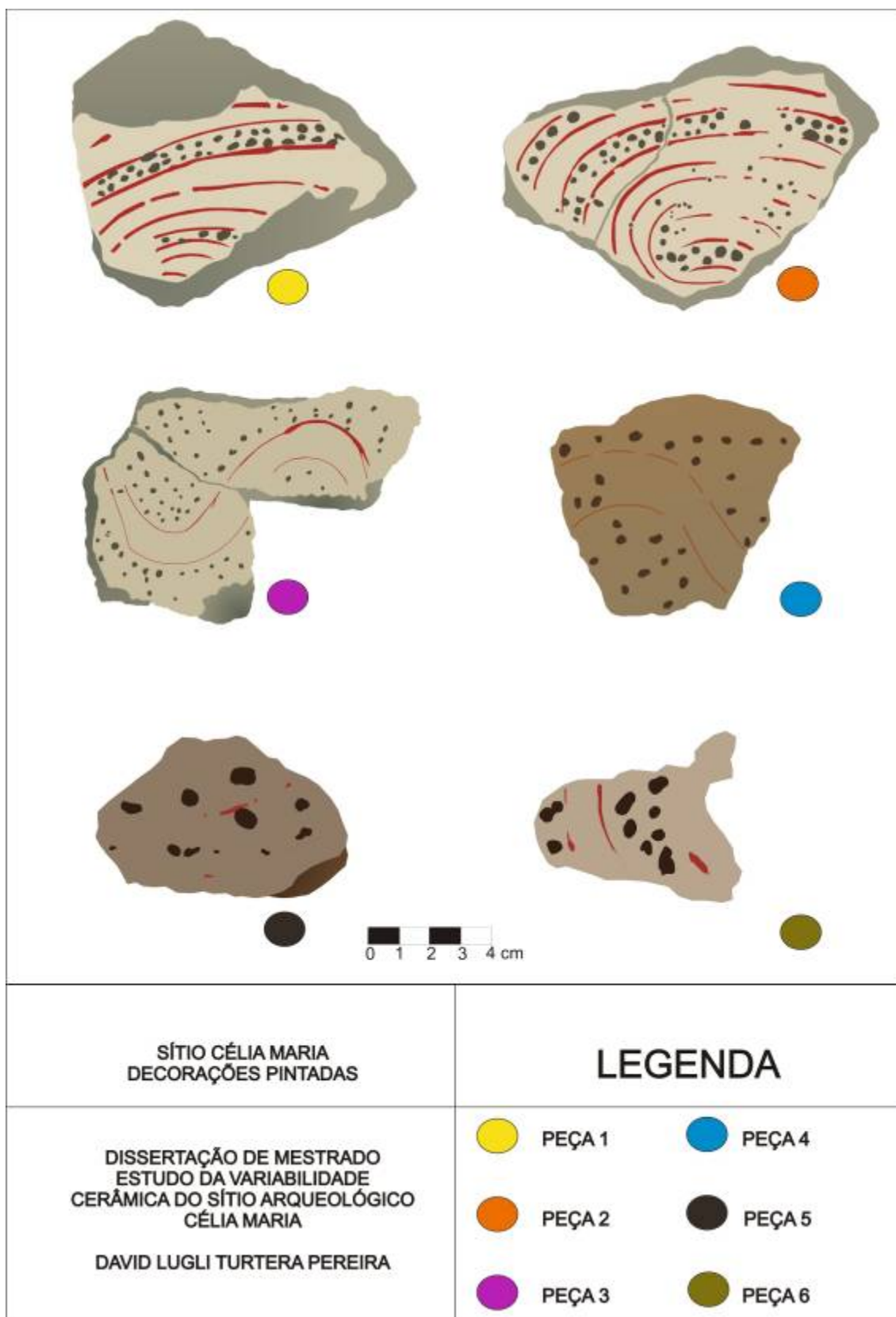
Na **Prancha 2**, as peças número um e três apresentam pintura localizada na face externa, enquanto as peças dois, quatro e cinco na face interna. A peça um apresenta

decoração em sua parte exterior próxima à borda, onde podemos notar, de cima para baixo, uma faixa espessa vermelha, seguida de uma faixa marrom menos espessa e o campo principal formado por linhas diagonais, paralelas umas às outras, com intersecções de pontos. A peça dois possui linhas diagonais paralelas, preenchidas por pontos de cor marrom. A peça três é formada, genericamente, por linhas retilíneas concêntricas, parecendo compor o motivo apelidado de grega. Apresenta uma faixa vermelha perpendicular ao lábio que parece dividir a decoração primária (abaixo da faixa) da decoração secundária (acima da faixa). A peça quatro apresenta três faixas em seu lábio, uma superior vermelha, uma intermediária marrom e uma inferior vermelha. Logo abaixo, está o motivo principal, formado por linhas verticais paralelas que acolhem em seu interior pontos marrons.

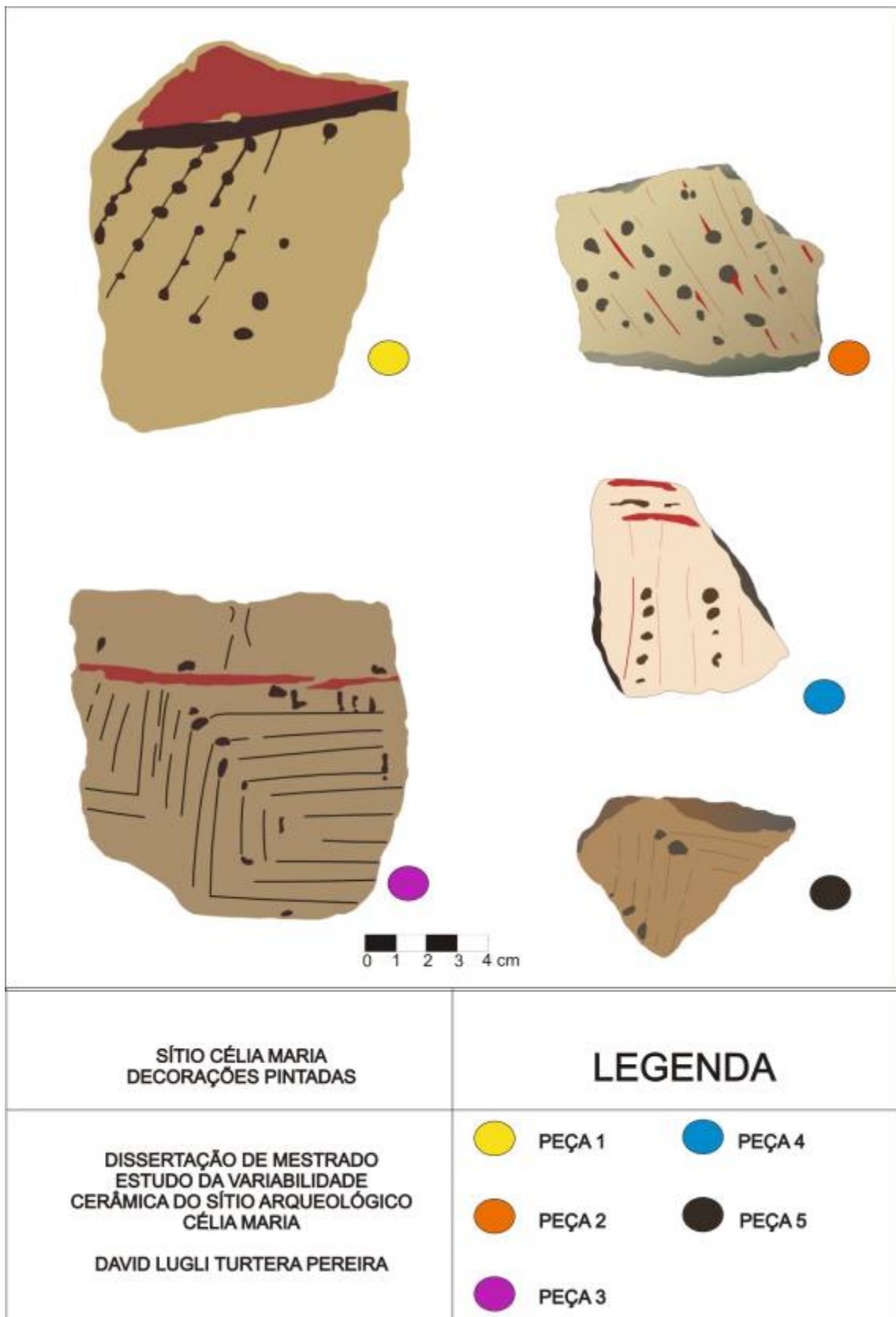
A **Prancha 3** possui elementos gráficos em sua face externa e a cor da pintura foi sempre feita em vermelho. A decoração desses fragmentos foi constituída por linhas retilíneas que, em alguns casos, foram concêntricas umas às outras, compondo o motivo em grega. A peça um e dois apresentam faixa vermelha espessa em seus lábios.

Enquanto a decoração principal configurada em fitas preenchidas ou não por pontos em seu interior foi identificada na face interna dos fragmentos de cerâmica, o motivo quadrangular concêntrico, as gregas, foi identificado na face externa dos fragmentos, havendo um significado simbólico diferenciado em ambas as faces.

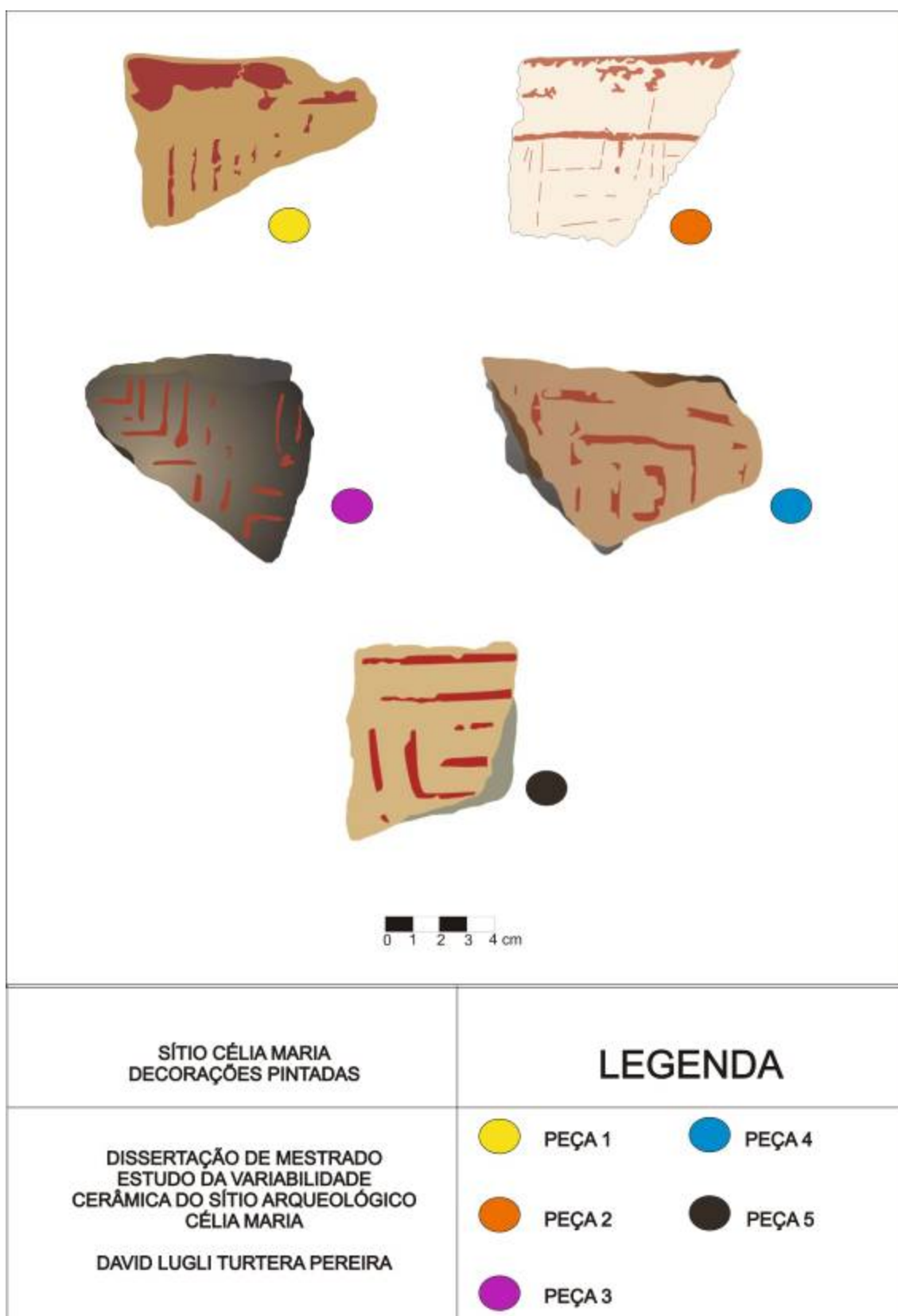
A **Prancha 4** possui um conjunto decorativo mais heterogêneo, tanto em seus elementos como em seus arranjos que formam os temas ou os motivos. A peça número um é formada por linhas horizontais e paralelas na parte superior da peça e linhas verticais e paralelas na sua parte inferior. Algumas linhas verticais paralelas foram preenchidas com a cor marrom. Essa decoração aconteceu na face interna do fragmento. A peça de número dois possui linhas retilíneas e curvilíneas além de um resquício de faixa, possivelmente, de cor marrom. A faixa parece separar o campo primário do campo secundário, sem, no entanto, haver a possibilidade de definir os motivos, os quais acontecem na face interna do fragmento, cuja decoração possui duas faixas marrons que são intercaladas por uma vermelha em seu interior. A peça número três apresenta linhas finas concêntricas, com motivos desconhecidos em seu interior, de cor marrom, e esse tipo de decoração encontra-se na face interna da peça.



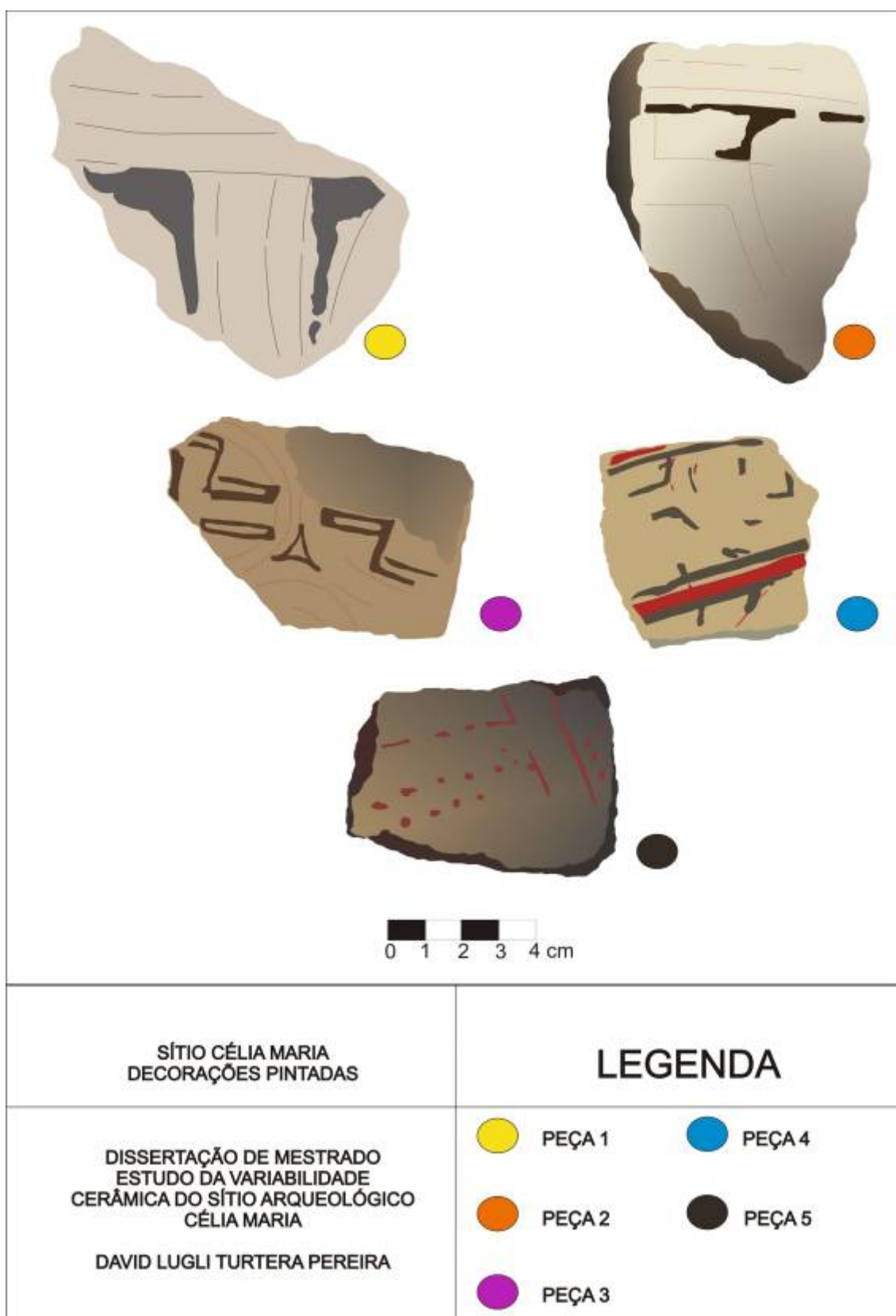
Prancha 1 - Tratamento decorativo por pintura na superfície dos fragmentos cerâmicos do Sítio Célia Maria. Marabá Paulista, SP.  
Desenho: Marcel Ribeiro.



Prancha 2 - Tratamento decorativo por pintura na superfície dos fragmentos cerâmicos do Sítio Célia Maria. Marabá Paulista, SP.  
Desenho: Marcel Ribeiro.



Prancha 3 - Tratamento decorativo por pintura na superfície dos fragmentos cerâmicos do Sítio Célia Maria. Marabá Paulista, SP.  
Desenho: Marcel Ribeiro.



Prancha 4 - Tratamento decorativo por pintura na superfície dos fragmentos cerâmicos do Sítio Célia Maria. Marabá Paulista, SP.  
Desenho: Marcel Ribeiro.



Os motivos descritos apresentam um universo muito pequeno das pinturas feitas nos recipientes cerâmicos do Sítio Célia Maria. No entanto, elas servirão como base para comparação entre os motivos mínimos apresentados nas cerâmicas dos sítios guarani, localizados na região do Baixo Paranapanema e Alto Paraná.

## 5.2 O Trabalho da Rocha

Em grande parte dos sítios arqueológicos localizados na Bacia do Paranapanema e Alto Paraná, houve o aproveitamento das rochas por populações pretéritas que deixaram “como vestígios, artefatos diversos representativos de suas indústrias líticas” (MORAIS, 1983, p.35).

No Alto-Médio Paranapanema, ocorreu intenso aproveitamento dos afloramentos de arenito silicificado, diques clásticos e seixos carregados pelas correntes fluviais delimitantes dos sítios (MORAIS, 1983), para obtenção de matéria prima ideal para indústria lítica e produção de artefatos.

Nos terraços do Baixo Paranapanema e Alto Paraná, a ocorrência de cascalheiras constituídas por seixos de arenito silicificado, quartzo e quartzito foram amplamente exploradas pelos homens pré-coloniais.

Sítios do Baixo Paranapanema, trabalhados por Faccio (1998), apresentaram reservas litológicas para obtenção de matéria prima, sempre próximas a esses assentamentos arqueológicos, sendo, geralmente, seixos provenientes do leito do Rio Paranapanema ou de cascalheiras do entorno. Kashimoto (1997), analisando as variáveis ambientais na área do Alto Paraná, propícias para a instalação humana pretérita, registra que os níveis de cascalho depositados no ambiente da calha fluvial do Rio Paraná constituíram importantes fontes de matéria prima para a indústria lítica local.

[...] Na base do terraço colúvio-aluvial com grandes seixos de quartzo, quartzitos, sílex e calcedônia. [...] Em sobreposição a camada anterior, um nível de seixos de quartzo e quartzito, com raras ocorrências de calcedônia e sílex. [...] Na base do terraço aluvial e na planície aluvial, nível com grandes seixos de calcedônia, ágata, quartzo e quartzito. [...] Os depósitos de cascalho constituem potencial fonte de matéria prima para a indústria sobre seixo (KASHIMOTO, 1997, 49-50).

O intenso aproveitamento das reservas líticas no entorno ambiental de sítios arqueológicos pré-coloniais do Paranapanema levou Morais (1983) a ponderar que “a distribuição das reservas petrográficas foi fator básico para a fixação de populações e na conformação dos decorrentes espaços habitacionais” (MORAIS, 1983, p. 36).

No caso do Sítio Arqueológico Célia Maria, notou-se, primeiramente, durante as prospecções de campo, a presença de rochas areníticas no perímetro do sítio arqueológico. Tais rochas, em formato de blocos ou fragmentos de blocos, posteriormente coletadas nas etapas de escavação e aragem, sugeriam que elas tivessem sido transportadas de algum outro lugar para a área do sítio. Essa afirmação se fez pelo fato de não haver nenhum afloramento de arenito nas proximidades do sítio em tela.

Após consulta à bibliografia referente à Bacia do Rio Santo Anastácio, compreendemos que em sua área ocorre o afloramento litológico de arenito esparsos, em locais de solo pouco desenvolvido. Essas áreas se localizam em boa parte no Alto e no Médio Vale do Santo Anastácio e estão relacionadas às áreas de maior declividade das formas de relevo. Esses afloramentos areníticos “são comuns nas formas residuais resistentes à erosão, em encostas mais íngremes de anfiteatros de cabeceiras e nas porções declivosas das encostas” (STEIN, 1999, p.100).

Os solos litológicos aflorantes foram, provavelmente, os locais que forneceram a matéria prima encontrada no contexto do Sítio Célia Maria. No entanto, a matéria prima citada, apresenta-se extremamente friável, o que impossibilitaria a produção de material lítico por lascamento. Tal recurso natural poderia ter sido utilizado como pedra de amolar ou amolador, mas esse artefato não foi encontrado durante as etapas de resgate do material arqueológico.

No contexto arqueológico, também foram encontrados seixos de sílexito, quartzo, arenito silicificado e basalto que não são compatíveis com as características geológicas da Bacia do Rio Santo Anastácio, sendo provavelmente coletados em outros ambientes geográficos. No **Quadro 3**, expomos as informações básicas a respeito do material rochoso encontrado na superfície e subsuperfície do Sítio Arqueológico Célia Maria.

Quadro 3 - Características das matérias primas em rocha encontradas no Sítio Arqueológico Célia Maria<sup>22</sup>. Marabá Paulista, SP.

Numero das	Matéria Prima	Suporte	Alteração de	Localização
1	Arenito Silicificado	Seixo	Não há	131 A
2	Quartzo	Seixo	Não há	-B5N2
3	Silexito	Seixo	Não há	25 A
4	Arenito Silicificado	Seixo	Não há	49 A
5	Quartzo	Não identificado	Não há	24 A
6	Silexito	Não identificado	Ação térmica	69 A
7	Silexito	Não identificado	Ação térmica	24 A
8	Silexito	Não identificado	Não há	H5 N2
9	Silexito	Fragmento de nódulo	Não há	24 A
10	Silexito	Não identificado	Pátina	L5
11	Silexito	Fragmento de seixo	Ação térmica	49 A
12	Quartzo	Fragmento de seixo	Não há	-
13	Basalto	Fragmento de seixo	Não há	-
14	Basalto	Fragmento de seixo	Não há	-
15	Arenito	Fragmento de bloco	Não há	-
16	Arenito	Fragmento de bloco	Não há	-
17	Arenito	Fragmento de bloco	Não há	1 A
18	Arenito	Fragmento de bloco	Não há	24 A
19	Arenito	Fragmento de bloco	Não há	1 A
20	Arenito	Fragmento de bloco	Não há	G4
21	Arenito	Fragmento de bloco	Não há	-
22	Arenito	Fragmento de bloco	Não há	E2
23	Arenito	Fragmento de bloco	Não há	E2
24	Arenito	Fragmento de bloco	Pátina	62 A
25	Arenito	Fragmento de bloco	Não há	-A5
26	Arenito	Bloco	Não há	R7P8
27	Arenito	Bloco	Não há	R7P8
28	Arenito	Bloco	Não há	-
29	Quartzo	Não identificado	Polimento	A4

<sup>22</sup> A localização dos testemunhos está relacionada às três etapas de trabalho de campo realizadas no sítio. A localização que apresenta um número qualquer, acompanhado de A condiz ao objeto que foi coletado durante a etapa de aragem (exemplo 62 A). A que apresenta a letra R e a letra P referem-se à rua e ao ponto em que o objeto foi tirado na etapa de coleta superficial (exemplo R7P8). E o testemunho que apresenta localização com uma letra acompanha de um número faz referência ao número da quadra em que foi escavado (exemplo A4).

Sabendo que os seixos exógenos encontrados na área do Sítio Célia Maria não são provenientes da bacia hidrográfica local, que está assentada sobre pacote sedimentar formado por solos arenosos e afloramento de arenito friável, acreditamos que essa matéria prima tenha sido trazida dos terraços fluviais do Rio Paraná, onde se encontram os depósitos de cascalho.

[...] os baixos terraços do Vale do Paraná, via de regra são mantidos por cascalheiras [...] Os seixos destes depósitos estão relacionados quase sempre a um transporte relativamente curto, predominando distancias que vão de 15 a 50 km (AB SABER, 1969, 23-24).

Provavelmente, a população guarani que habitou nossa área de estudo partiu Rio Santo Anastácio abaixo, chegando às margens do Rio Paraná, de onde, provavelmente, é originária procurando as áreas de cascalheiras de sua preferência e conhecimento. Outra hipótese é a de que esse grupo seria originário da Bacia do Rio Paranapanema, de onde também poderia trazer seixos.

O Sítio Célia Maria apresentou apenas um objeto manufaturado sobre quartzo representado por um fragmento de *tembetá*. Este material está polido, tendo formato cilíndrico e medindo 2 cm de comprimento. É o único artefato arqueológico feito sobre rocha, encontrado no sítio, e que podemos afirmar, com toda certeza, ter sido confeccionado pelas mãos do artesão indígena. Faccio (1992, 1998, 2011) relata a presença de *tembetás* em quartzo, em sítios guarani da área do Baixo Paranapanema. Da mesma forma, Kashimoto e Martins (2008) relatam a presença de *tembetás* em resina ou em quartzo dentro de urnas funerárias guarani.

Em suma, o *tembetá* é um adorno labial em forma de “T”, destinado a ter uma parte que fica interna à boca, a mais larga, e uma parte mais estreita externa à boca (SOUZA, 2008, p.112). Indicado no dicionário de Montoya (1639) como o buraco onde se mete a pedra do beijo, o termo *tembetá* faz referência ao termo *tembé*, que significa o lábio de baixo. A expressão contida no mesmo dicionário exemplifica a questão: *Oi quiti y yurú rembé* (MONTROYA 1639, p. 364) que significa literalmente cortam-lhe da boca, o beijo de baixo, assim explicando que o nome dado ao objeto lítico é referência direta ao ato de cortar o lábio inferior.

As tecnologias envolvidas para a produção do *tembetá* estariam atreladas ao lascamento, picoteamento e polimento. “Como partir para o polimento diretamente tornaria o trabalho excessivo, utilizavam-se do picoteamento para ajudar a formatar as peças, mesmo correndo o risco de perdê-las pela quebra” (SOUZA, 2008, p.113). O polimento utilizado no fragmento de *tembetá*, possivelmente, foi resultante da regularização de suas superfícies por meio do atrito auxiliado por água e areia. O brilho evidenciado no material é resultante de um polimento fino “provocado pelo uso de argila no polimento ou com o passar de água e microgrãos de areia” (Ibidem, p.33).

A atribuição cultural dos *tembetás* parece estar associada a grupos tupi-guarani e ao sexo masculino que, segundo os relatos de cronistas, “estariam ainda associados ao prestígio, relativos à matéria prima” (SOUZA, 2008, p.114) e a um ritual de iniciação com a entrada dos jovens no mundo adulto (BORBA, 1908; BORGES, 2002).

O restante dos objetos rochosos evidenciados em sítio foi classificado como testemunhos brutos, por não apresentarem transformação de sua matéria prima por estratégias de confecção lítica, como lascamento por percussão ou por pressão.

Por exemplo, se tivéssemos identificado uma lasca, ela apresentaria tecnologia de lascamento representada por atributos como dimensões do talão, posição relativa numa diacronia de gestos técnicos, impressão das ondas de percussão, entre outras (FOGAÇA, 2001). De fato, essas características não foram identificadas em nenhum objeto de rocha.

Também não foram identificados, no sítio em tela, núcleos ou suportes predeterminados, com faces modificadas, que sugerissem exploração e aproveitamento da matéria prima. Detritos de lascamento que são resultantes dos processos de transformação dos suportes, durante a fabricação dos instrumentos também não foram recuperados na área do sítio, nem mesmo durante os trabalhos de decapagem e peneiramento dos sedimentos escavados.

Não havendo vestígios arqueológicos sobre pedra que remetessem a uma ou a várias etapas da confecção de uma indústria lítica, assim como de nenhum instrumento lascado sobre pedra, acreditamos que oficinas líticas, se existentes nesse contexto arqueológico, não estavam presentes no núcleo habitacional do Sítio Célia Maria, sendo reservada a áreas mais distantes e especializadas.

**6- OCUPAÇÃO REGIONAL GUARANI: INTERFACE ENTRE  
ARQUEOLOGIA, ETNOGRAFIA E ETNOHISTÓRIA**

Pensamos a ocupação indígena guarani na região da Bacia do Paraná e Paranapanema como uma história de grande amplitude cronológica, que abrange uma faixa temporal iniciada em torno do século IV (Sítio Ragil) até o século XIX, quando se deu a colonização do Oeste Paulista e a destruição paulatina das matas tropicais e de cerrado, assim como a eliminação brutal das sociedades indígenas (SAMPAIO, 1890; MORAIS, 1999-2000). No entanto, o processo de colonização regional não aconteceu apenas no século XIX, pois se iniciou nos aldeamentos Jesuítas, no período de 1613 (aldeamento Araraá) e nas investidas dos bandeirantes nessa região, ainda no século XVII (FACCIO, 2011).

Buscaremos articular as informações arqueológicas, suscitadas pelas diversas etapas de campo, laboratório, leitura bibliográfica, discussões com colegas e arqueólogos, objetivando relacionar o material arqueológico com possíveis analogias etnográficas e etno-históricas. Acreditamos que a interpretação arqueológica feita à luz das evidências do comportamento cultural guarani, visualizado por diversos observadores, possa fornecer quadros conceituais que permitam melhor caracterizar os modelos de ocupação regional (MORAIS, 1999-2000).

Podemos afirmar que o primeiro arqueólogo a perceber a importância de abordar um sítio arqueológico pela perspectiva de “sistema regional”, correlacionando as manifestações espaciais e culturais, em São Paulo, foi Moraes (1999-2000) que, por meio de publicações, chamou a atenção para a importância da compreensão dos registros arqueológicos, a partir de uma boa arqueografia, análise do padrão de assentamento e suas possíveis correlações com os dados etnográficos.

Moraes (1999-2000), no artigo intitulado “Arqueologia da Região Sudeste”, afirma que a invenção do rótulo tupiguarani para separar materiais arqueológicos de um lado e grupo linguístico de outro não foi pertinente. Arremata, dizendo ser desnecessário separar o que é arqueológico daquilo que é etnográfico, como foi proposto pelo PRONAPA, em 1970. Mais adiante, Moraes (1999-2000) afirma que prefere reconhecer o que foi chamado de “subtradição guarani” como “sistema regional guarani”, considerando que suas manifestações podem ser agregadas em vasto arranjo territorial que, de fato, forma um inteligente sistema de uso e ocupação do solo (MORAIS, 1999-2000). O autor completa que o termo “sistema regional” não foi empregado simplesmente para substituir o termo “tradição”, mas sim para correlacionar manifestações espaciais (sítios arqueológicos, artefatos, ecofatos etc) e padrão

de assentamento que demonstrem relações culturais e temporais importantes (MORAIS, 1999-2000:202) definindo assim um sistema regional de povoamento<sup>23</sup>.

Por meio do conceito de sistema regional guarani, Morais (1999-2000) procura correlacionar alguns achados arqueológicos às informações etnográficas, como a *tapy'iguassu* (SCHADEN, 1962), ou cabana grande guarani e ao conjunto desses núcleos à aldeia, como já era colocado por Pallestrini (1975). Essas interpretações estão embasadas no fato de que o registro arqueológico demonstra muito bem a situação etnográfica (MORAIS, 1999-2000).

Pontuando a interface entre arqueologia e a etnologia, incitado, sobretudo, pelas observações de Schaden (1962, 1974), Morais (1999-2000) e Pallestrini (1975) também correlacionam dados relativos à aldeia guarani. Nesse aspecto, a aldeia guarani descrita por Schaden (1962) caracteriza-se por se situarem,

No seio da mata, as suas aldeias, longe de constituírem conglomerados compactos de habitações, consistem em casas isoladas, mais ou menos distantes umas das outras, espalhando-se pelas clareiras abertas na floresta [...] Não é possível determinar um centro da aldeia, a não ser que se considere como tal a habitação do *nanderú*, médico-feiticeiro, ou o *oýguatsú*, casa de festas religiosas. A construção em que se realizam as cerimônias é ponto de convergência das atividades sociais e religiosas do grupo, de modo que as aldeias maiores, em que haja dois ou mais chefes religiosos, tendem a decompor-se em outros tantos *núcleos bastante independentes*, cada qual com sua vida própria. Na maioria dos casos, essas unidades sociais constituem parentelas sob a direção de um chefe de família-grande. (SCHADEN, 1962, p.33).

A situação etnográfica observada pelo autor corresponde ao registro arqueológico no contexto das escavações realizadas no Paranapanema. Nos estudos de Pallestrini (1975), podemos perceber que os Sítios Arqueológicos Fonseca, Jango Luiz, Alves e Almeida que são, na verdade, os resíduos de antigas aldeias de cultura guarani pré-coloniais possuem cada um deles em média oito manchas pretas (solos antropogênicos) e foram interpretados pela autora como restos das antigas habitações. Em média, esses sítios apresentavam uma abrangência territorial de 200 x 200 m e as manchas pretas, um eixo máximo de 10 m a 20 m (PALLESTRINI, 1975). A disposição das casas em relação à aldeia não assumia nenhum padrão de organização territorial; em cada sítio analisado e escavado pela autora, as manchas

<sup>23</sup> Para uma definição ampla do termo Sistema Regional de Povoamento ver Morais (1999-2000).



pretas se encontravam em arranjo sempre diferente, embora as estruturas básicas que compunham um sítio residencial fossem sempre análogas.

Sobre as *tapy'iguassu* guarani sabe-se que, no passado, albergava a família-grande que morava junto nessa habitação, suficientemente espaçosa para abrigar várias dezenas de pessoas. A casa *Kayová*, nome dado a uma parcialidade guarani identificada por Schaden, satisfazia uma série de requisitos da organização social e religiosa, constituindo abrigo ideal para o conjunto de famílias nucleares que, congregadas sob a égide de um chefe único, formavam uma célula econômica, religiosa e política (SCHADEN, 1962).

A dinâmica de uma residência guarani também pode ser apreciada por meio dos relatos de Telêmaco Borba (1908) sobre a parcialidade *cayguás* que, para Schaden, seriam os *mbyás* guarani, instalados no município de Tibagy, no Paraná. Descreve que suas casas abrigavam um número grande de habitantes, na qual cada família nuclear, ou casal, possuía seu fogo para cozinhar. Fato típico do modo de vida guarani etno-histórico, constituído por famílias extensas, abrigando em casas grandes dezenas de famílias nucleares.

As analogias sobre as casas guarani são interessantes para entendermos a configuração de seu espaço habitacional, que parece se estender para outros povos de origem tupi, como aqueles descritos por Staden (2008[1524]), cronista e escritor alemão do épico “Duas Viagens ao Brasil”, original do século XVI. Descreve o autor que:

Eram redondas como abóboda de porão, no topo, e cobertas com uma espessa camada de folhas de palmeira. No interior não são subdivididas por paredes. Ninguém tem quarto próprio, no entanto, cada núcleo, marido e mulher, dispõem de um espaço de 12 pés (aproximadamente quatro metros) no sentido longitudinal, no qual é tomado por outro núcleo familiar. Assim as cabanas ficam cheias. Cada núcleo tem seu próprio fogo. O chefe da cabana recebe um lugar no centro. Poucas aldeias contam mais de sete cabanas (STADEN, 2008, p.136).

Algumas constantes etnográficas são percebidas no registro arqueológico. Pallestrini (1975), analisando o Sítio Arqueológico Fonseca, interpreta que as manchas pretas seriam correspondentes aos restos das antigas cabanas, em número de oito, distribuídas pelo ápice da colina e representariam a configuração espacial da aldeia pré-histórica de 1.000 anos. A autora reuniu os vestígios de fogueiras internas às manchas pretas, como acúmulos de cinzas, carvão e terra queimada, com cerâmica e indústria lítica em seu interior. Interpretou-as como instrumento de atividades cotidianas como cozimentos rápidos e salientou que, dentro das

habitações, havia várias fogueiras de dimensões variáveis e em lugares diversos. Talvez as disposições dessas antigas fogueiras possam estar relacionadas à afirmativa de Staden (2008:136) “cada núcleo tem seu próprio fogo”. Com isso, talvez possamos saber, ou inferir a respeito de quantas famílias nucleares viviam em cada habitação do sítio, chegando de forma aproximada ao número de habitantes por cabana e, conseqüentemente, por aldeia. Esse exemplo resume como os relatos históricos, aliados a uma boa pesquisa de campo podem colaborar nas interpretações e estimativas a cerca da população pré-colonial guarani.

A tecnologia de construção habitacional dos guarani foi amplamente discutida por Noelli (1993). Sobre “a planta baixa de habitação guarani temos a forma alongada elipsoidal e alongada retangular com extremidades arredondadas” (NOELLI, 1993, p.82). Os esteios eram fñcados em buracos próprios que apoiavam varas flexíveis fñcadas também no chão e vergadas para serem amarradas em uma cumeeira localizada sobre os esteios, dando cobertura em forma de arco (NOELLI, 1993). Os esteios eram peças de madeira fñcadas de forma vertical no solo para sustentar a cumeeira que, por sua vez é uma trave no alto do telhado, a parte mais alta do telhado. Faz-se a ressalva de que as *tapy'iguassu* descritas por Schaden (1962) não possuíam linha central de cumeeira, sendo constituída por cobertura e parede como um único elemento. O fato é corroborado por Pallestrini e Morais nas escavações de núcleos de solo antropogênico das aldeias guarani do Paranapanema pré-colonial, onde nunca foram encontrados buracos de esteios centrais (MORAIS, 1999-2000).

Para a cobertura da casa, após a construção da estrutura principal ou planta baixa eram instaladas varas longas e flexíveis para servir de base a cobertura. Elas eram fletidas e fixadas entre as diversas cumeeiras. Ripas de pau eram colocadas transversalmente sobre as varas, formando uma espécie de grade, onde eram fixadas a cobertura de folhas de palmeiras ou outro material. Tudo era amarrado com cipó (NOELLI, 1993). Todo material utilizado na construção das casas tinha origem vegetal, ou seja, de procedência orgânica, que não duravam por muito tempo, sendo necessário ao grupo fazer reparos esporádicos e pequenos deslocamentos para construir novas habitações. Para Noelli (1993), o período máximo de ocupação dessas casas era de seis anos.

Após a queda dessas casas o material orgânico se decompunha, deixando como resíduo o carbono puro, enegrecido, originando o que Pallestrini (1968-69; 1972-73; 1975) em vários artigos chamou de manchas de solo enegrecido, ou remanescentes de habitação, que constituíam a antiga aldeia pré-colonial. Essas “manchas de terra preta”, assim denominadas pela pesquisadora em apreço, apresentavam-se como uma zona de grande fertilidade arqueológica. No contexto das antigas aldeias escavadas, elas se caracterizavam por ser

ovaladas e apresentarem camadas férteis, sempre em terra preta, nunca alcançando uma espessura superior a 40 cm sobre o solo básico.

As manchas pretas ou núcleos de solo antropogênico que apresentem tamanhos semelhantes a uma *tapy'iguassu* com dezoito metros de comprimento por oito de largura (SCHADEN, 1962), vestígios de fogueiras usadas por cada família nuclear e grande quantidade de vestígios arqueológicos utilitários no dia a dia de uma casa, podem ser considerados como habitação. No entanto, as manchas pretas que apresentam tamanho muito reduzido para uma habitação, assim como, reduzida frequência de material arqueológico deve ser ponderada no sentido de, provavelmente, possuir uma função diferente daquela de moradia.

Buscamos, por meio do exame das aldeias estudadas no Paranapanema, identificar os núcleos de solo antropogênico que pudessem ter funcionalidade distinta de habitações. Na aldeia do Sítio Jango Luiz, além dos núcleos que remetem, inegavelmente, às antigas habitações, ocorrem também outros que sugerem função distinta pela sua dimensão inferior as áreas de moradia. Nesse sítio, pelo menos dois dos dez núcleos sugerem tratar de estruturas anexas às casas, com funções distintas, mas que compõem o espaço e organização da aldeia. A dimensão desses dois núcleos está em torno de 5m de diâmetro ficando difícil imaginar que uma casa poderia ter uma dimensão espacial tão limitada (MILHEIRA, 2010). Nesse contexto, tais áreas estariam destinadas a ser utilizadas para trabalhos executados externamente a área de moradia, como processar alimentos, cozinhar, depositar gêneros, instalar o tipiti, produzir objetos diversos, lazer entre outros. (NOELLI, 1993, p.100).

Em nosso trabalho, no Sítio Arqueológico Célia Maria, Marabá Paulista/SP, foram prospectadas três manchas de terra preta, sendo que uma foi escavada. Os vestígios arqueológicos evidenciados nos forneceram dados importantes a respeito da organização sócio-espacial dessa antiga aldeia. O sítio apresentou três manchas pretas, denominadas mancha A, B e C, com grande variabilidade de dimensões e densidade de material. A mancha A apresentou dimensões de 16 x 8 metros, a mancha B de 10 x 8 metros e a C de 5 x 4,5 metros. A mancha A apresentou grande quantidade de fragmentos cerâmicos, sobretudo do tipo tratamento de superfície liso e pintado, fragmento de tembetá em quartzo, seixos, fragmentos de rocha bruta e possível resquício de fogueira com partículas de carvão e terra queimada. Os demais núcleos apresentaram concentração e frequência de fragmentos cerâmicos bem menores, sem resquícios de atividades de combustão.

Segundo os levantamentos arqueológicos associados às pesquisas bibliográficas que tratam das fontes etnohistóricas e etnográficas guarani, sugerimos que o núcleo A apresentou a configuração de uma *tapy iguassu*, abrigando uma provável família extensa guarani.

Na **Figura 24** observamos o setor de escavação A na mancha preta A com cinco reconstituições gráficas de fragmentos de bordas, sugerindo formas e funções aos recipientes, um fragmento de tembetá e uma possível estrutura de combustão que apresentou carvão e terra queimada em seu interior. Foram evidenciadas, nesse setor, quatro panelas de tamanhos diferentes, que se associadas à estrutura de combustão, formariam nesse conjunto espacial vestígios de atividades de preparo e consumo do alimento.

No setor A evidenciamos ainda uma possível *cambuchi caguabá*, com diâmetro de boca de 26 cm. Com bordas diretas em possível formato de cuia. Essa antiga tigela pode ter sido usada em ocasiões especiais, por apresentar pintura. Considera-se que, por seu tamanho, o uso que se fez desse recipiente estaria associado ao consumo de bebida ou comida por um pequeno grupo em forma coletiva.

A estrutura de combustão indicaria segundo os relatos etno-históricos, o número de famílias nucleares de uma casa. No Núcleo A, apenas uma estrutura de combustão com concentração bastante acentuada de carvão foi decapada em contexto amplamente perturbado pela ação do arado e outros maquinários agrícolas. Outros fragmentos dispersos de carvão foram igualmente prospectados em outras quadrículas, sem que pudéssemos atribuir a esses vestígios, com o mínimo de certeza, uma possível estrutura de combustão.

O fragmento de *tembetá* foi o único material confeccionado sobre rocha, encontrado, na área do Sítio Célia Maria. Feito sobre quartzo polido esse adorno costumeiramente era utilizado no beijo inferior dos homens. Além de adorno era também um objeto especial por estar associado a ritos de passagem ou de iniciação dos jovens para a fase adulta (BORBA, 1908; BORGES, 2002).

No **Figura 25**, observamos o setor B, com oito reconstituições gráficas de fragmentos de bordas. Foram reconstituídas, nesse setor, três panelas, duas tigelas pintadas e três tigelas simples.

As tigelas que apresentaram dimensões de 28 e 34 cm de diâmetro de boca devem ter sido utilizadas de forma comunal. Seria nesses espaços, dentro da residência, que a família nuclear se alimentava de forma coletiva, reforçando seus laços afetivos e a reciprocidade com a família extensa.

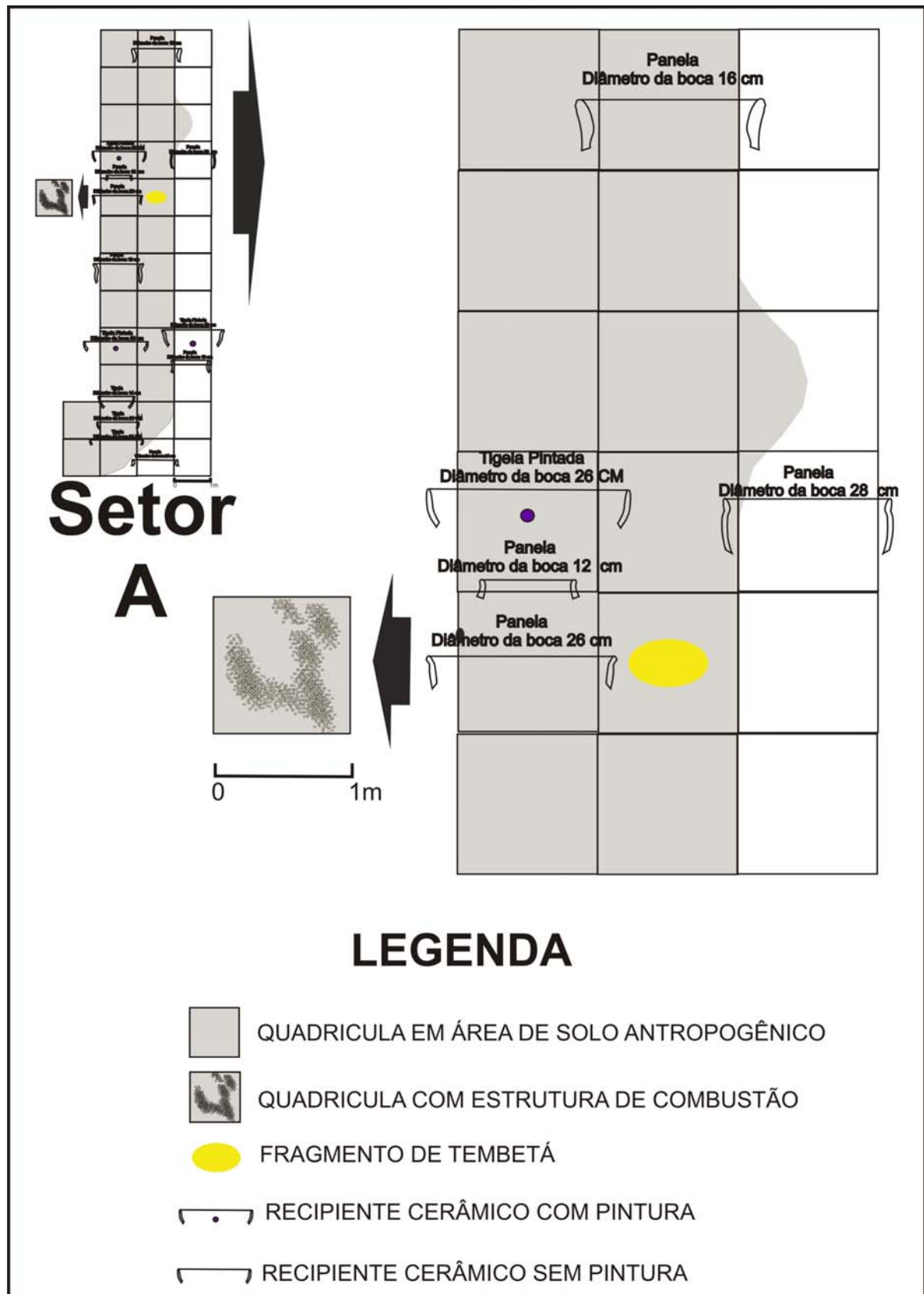


Figura 24 - Decapagem do núcleo de solo antropogênico A – Setor A. Sítio Arqueológico Célia Maria, Marabá Paulista, SP.

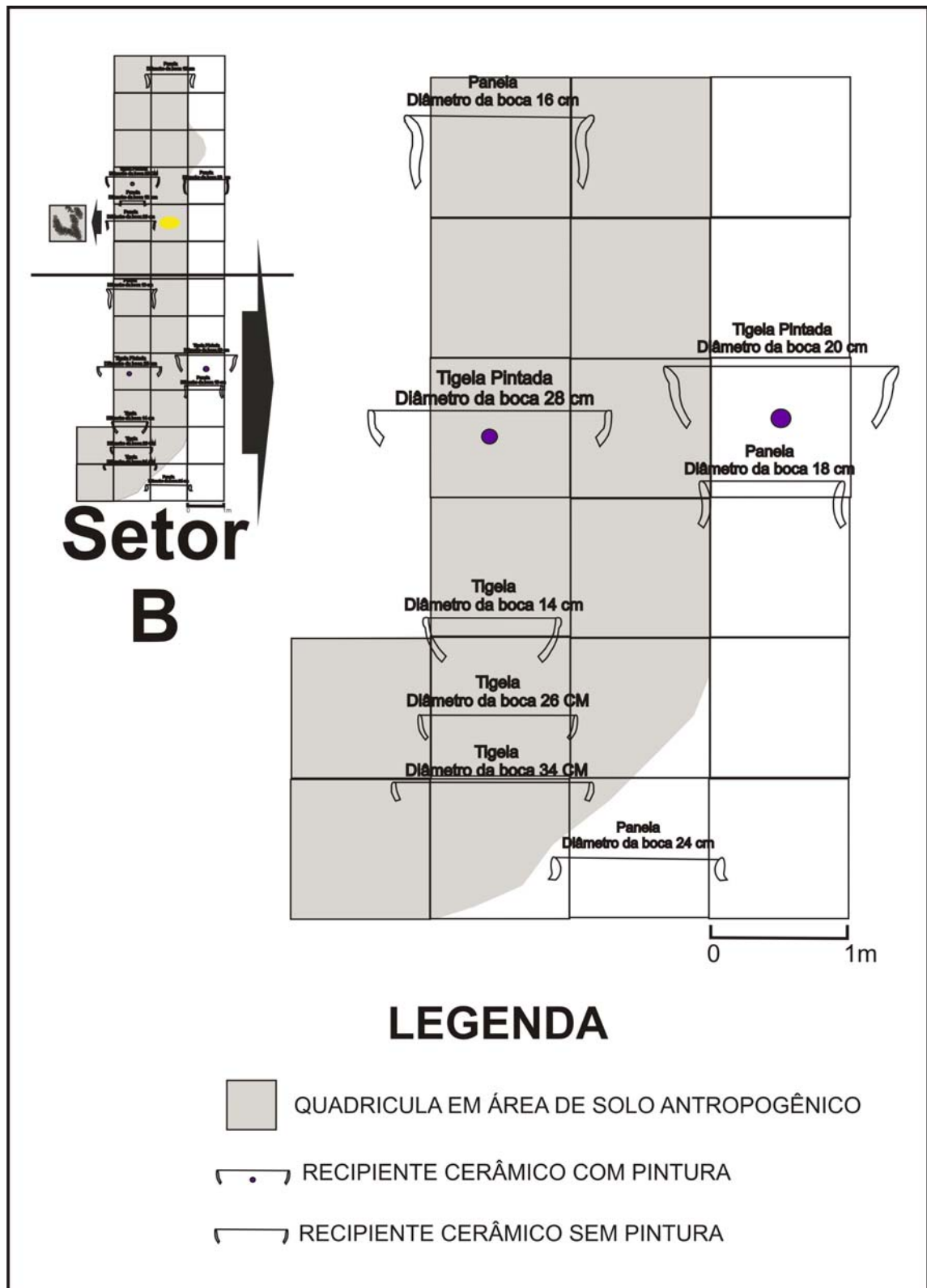


Figura 25 - Decapagem do núcleo de solo antropogênico A – Setor B. Sítio Arqueológico Célia Maria, Marabá Paulista, SP.

Para os demais núcleos, duas sugestões podem ser apresentadas: 1-) tratava-se de nucleações menores, com família nuclear, onde viviam de quatro a cinco pessoas (SOARES, 1997), ou 2-) formavam locais multifuncionais, dentro da aldeia, que poderiam ser como estruturas anexas. O núcleo C por tratar-se de pequeno núcleo antropogênico, se comparado ao núcleo A, apresentou uma frequência de material cerâmico pequena, sugerindo que essa estrutura pode ter tido uma função distinta dentro da configuração da aldeia.

Por meio do cálculo de densidade demográfica dos fragmentos cerâmicos ( $Dd=Pa/A$ )<sup>24</sup> de cada mancha preta, pôde-se fazer uma análise comparativa do aproveitamento desses antigos recipientes em cada estrutura. A mancha A, classificada como núcleo habitacional, apresentou densidade demográfica de 11,18 fragmentos de cerâmica por m<sup>2</sup>, enquanto a mancha B apresentou densidade de 0,33 fragmentos de cerâmica por m<sup>2</sup> e a C densidade de 0,22 fragmentos de cerâmica por m<sup>2</sup>.

Empiricamente, constatamos que as atividades cotidianas estavam concentradas no Núcleo A, o qual, além de possuir maiores dimensões, também apresentou frequência de material muito superior à dos demais núcleos de solos antropogênicos. Registramos, também, que grande quantidade de fragmentos cerâmicos foram recuperados fora da área de mancha preta, em áreas externas, muitas vezes, adjacentes a ela. A partir dessa breve explanação, uma pergunta deve ser levantada: 1- quais processos do sistema comportamental pretérito atuaram no sistema de descarte de material arqueológico no Sítio Célia Maria?

Acreditamos que boa parte do registro arqueológico (principalmente os fragmentos de cerâmica) tenha sido abandonada em seu local de uso, sem que tenha havido remoção e transporte para outros locais. Essa afirmativa explicaria a alta concentração de fragmentos de cerâmica na área do núcleo A, provável núcleo de habitação, sobretudo os fragmentos localizados próximos à área de combustão. No entanto, a complexidade do comportamento cultural pretérito não pode ser sintetizada pelo registro arqueológico. Além do descarte primário (material descartado em seu local de uso), observou-se, nas análises de laboratório, a reciclagem de antigos vasos cerâmicos em atividades de fabrico de outro recipiente, como os utilizados por meio do antiplástico caco moído (SCHIFFER, 1972).

Outra hipótese contundente seria a remoção do excesso de recipientes cerâmicos inutilizados, ou não aproveitados em outras funções para as áreas adjacentes ao local de moradia e/ou de atividade cotidiana. Essa possibilidade foi observada durante a etapa de escavação, onde as quadrículas periféricas ao solo antropogênico da mancha A foram

---

<sup>24</sup> Dd = Densidade demográfica; Pa = População absoluta; A = Área.

apresentando, gradativamente, das mais próximas às mais distantes, uma redução na quantidade de fragmentos cerâmicos.

As aldeias estudadas em nossa pesquisa situam-se, predominantemente, em grandes rios ou tributários, localizando-se em terraços e vertentes com estratégias específicas de moradia, com ampla visão paisagística, próximo a fontes de recursos naturais como os afloramentos líticos e barreiros, além de situarem em antigas áreas de floresta tropical. As aldeias guarani de Iepê (FACCIO, 2011), Baixo Vale do Paranapanema, distam em torno de 1 km umas das outras formando um grande adensamento distribuído na paisagem dos terraços marginais do Rio Paranapanema, que representa o padrão de ocupação guarani que se reproduziu por vários séculos. As aldeias guarani do antigo Guará de Guairá (KASHIMOTO; MARTINS, 2009) parecem reproduzir no Alto Paraná o mesmo padrão de distribuição.

Os dados fornecidos pelas pesquisas de campo e plotagem dos sítios arqueológicos, em mapas que mostram o adensamento das antigas aldeias guarani, podem ser enriquecidos pelos testemunhos dos padres jesuítas que entraram em contato com os guarani do Paranapanema, no século XVII. Narra Montoya que os padres seguiram até o Rio Paranapanema, após dias de viagem, chegando ao braço do Rio Pirapó, onde encontraram pequena povoação, contando com 200 pessoas, sendo fundada ali a Igreja Nossa Senhora de Loreto. Nas vizinhanças, os padres registraram 26 arraiais pequenos, considerados como aldeias e outros tantos um pouco maior (MANUSCRITO, 1879).

A organização social e o modo de ser guarani estariam ligados, essencialmente, ao modo como eles reproduziam suas aldeias no espaço geográfico. Não podemos nos esquecer de que, apesar de uma unidade linguística e da cultura material guarani, registradas por linguistas e arqueólogos, eles se apresentavam divididos em nucleações independentes, “circunstancialmente inimigas, conceituadas pelos espanhóis como “províncias”, identificadas às vezes com um cacique principal e compostas de comunidades aldeãs de estrutura e dimensões variáveis” (MELIÁ, 1981, p.158).

Soares (1997) sustenta a tese de que a formação da aldeia guarani por uma ou mais famílias extensas acontecia pelo agrupamento de pessoas ligadas por laços sanguíneos ou afinidade que demonstrassem parentesco e estivessem em torno de uma pessoa de prestígio ou chefe da casa. Nesse aspecto, a chefia teria importância fundamental na capacidade de manter agregados seus parentes, determinando as regras da residência. A família extensa tratada por Soares (1997) como Kindred (sentimento de pertença ou unidade social) poderia ter tamanhos diversos dependendo do prestígio pessoal do líder político e/ou religioso que habitava a casa grande (SOARES, 1997). Assim, cremos que, tanto a morfologia da aldeia quanto o tamanho



de suas habitações, estavam ligados ao sistema Kindred e ao prestígio do chefe. Nossa suspeita também se sustenta nos documentos do século XVII, escritos pelo padre Jesuíta Montoya nos quais pontua o poder dos chefes de aldeia que, com sua bonita fala juntavam as pessoas, tornando-as suas vassalãs, preparando-lhe a roça, a casa, “e se o principal desejar suas filhas o pai lhes dá, relatam-se chefes com 15, 20 e outros 30 mulheres” (MANUSCRITO, 1879, p.107).

Em nossas pesquisas, notamos variações na morfologia dos assentamentos guarani, onde os tamanhos vão de 100 x 50 m (Sítio Nunes) a 400 x 200 m (Sítio Prassévichus) e no número de manchas pretas identificadas, com o mínimo de 3 manchas (Sítio Célia Maria e Nunes) e o máximo de 17 manchas (Sítio Lagoa São Paulo 02). O tamanho das manchas pretas dentro dos sítios também varia. O Sítio Arqueológico Alves, escavado por Pallestrini (1975), mostrou em sua área sete manchas de terra preta com tamanhos variados, sendo que um dos núcleos apresentou diâmetro de quase 30 metros sendo, em alguns casos, três vezes maior que as demais manchas escuras. A variação da dimensão da aldeia e das habitações guarani observadas podem estar atreladas à própria constituição espacial de uma família extensa e o prestígio dos chefes familiares.

A variabilidade da configuração espacial das manchas pretas dentro dos sítios sugere certo individualismo entre as famílias ou parcialidades guarani que compõem uma aldeia. Isso porque o primeiro nível de organização social guarani é a casa comunal que é a célula econômica e religiosa de vida. A aldeia, em contrapartida, se caracterizava por uma flexibilidade organizacional, que poderia dividir ou integrar o corpo social, associada a um complexo de relações individualizadas entre cada casa de família extensa. Assim, considera Castro (1986) que o individualismo que marca a formação social desses grupos é um produto agregado de relações individualmente negociadas que, a nosso ver, é o motor do desmembramento e aglomeração de aldeias.

Esse complexo sistema social não só resultaria em uma configuração aldeã muito plástica e fluídica, como o fracionamento de uma aldeia poderia implicar a fundação de outro agrupamento próximo, colaborando com o adensamento guarani. O registro arqueológico materializa essa plasticidade na organização socioespacial de aldeias guarani, cuja falta de padrão parece caracterizar os conjuntos habitacionais cartografados. O Sítio Fonseca forma um semicírculo de manchas espaçadas, com a parte aberta da circunferência voltada ao eixo leste, o Sítio Jango Luiz parece formar pequenos agrupamentos em trio, concentrados em uma porção do sítio e o Sítio Lagoa São Paulo 02 forma uma circunferência completa com as

manchas pretas bem espalhadas pelo terreno. Tanto no Jango Luiz quanto no Prassévichus, notamos a presença de três manchas enfileiradas, formando uma configuração alongada.

O território guarani não se encerrava no *amundá* (aldeia guarani), que formava apenas o espaço habitacional. Fora do perímetro da aldeia localizavam-se as roças e ao seu final a mata circundante ou o *ka'aguy* (mato), que englobava todo esse sistema territorial denominado *tekoá* (NOELLI, 1993). Nesse território, ocorria, em condições normais, a mudança das casas entre as áreas manejadas ou o desdobramento da aldeia em outros agrupamentos dentro desse espaço humanizado (MILHEIRA, 2010). No que se refere ao sistema agrícola de um *tekoá*, este era sustentado por três fatores principais: a disponibilidade de terra, a disponibilidade do trabalho para a produção e a sazonalidade pertinente ao crescimento da planta produzida (NOELLI, 1993).

Entre os ecossistemas situados no Vale do Paranapanema, as aldeias guarani estavam localizadas em áreas de terra fértil, algumas próximas às “manchas de solo hidromórfico de boa sustentabilidade para atividades agrícolas” (MORAIS, 1999:104). No momento da escolha de uma área para servir de moradia aos grupos guarani foi levada em consideração a escolha da cobertura vegetal e, com ela, a fertilidade do solo. Discute-se que as áreas com recursos mais abundantes eram disputadas pelas aldeias gerenciadas por um chefe de maior prestígio, com família extensa e alianças políticas mais numerosas. Zonas ecológicas menos favoráveis ao modo de produção guarani, em áreas periféricas do *tekoá* e seriam usadas por aldeias menores, devido ao menor prestígio de seu chefe (SOARES, 1997).

O caso dos sítios guarani de menor porte localizados no Alto Paraná e Baixo Paranapanema caracterizam-se por se fixar na margem de pequenos tributários da Bacia desses grandes rios. Possuem menor densidade de material e menor número de manchas pretas, se comparados aos sítios localizados nos terraços e várzeas do Vale do Paraná e Paranapanema. Supõe-se que esse padrão de ocupação territorial esteja vinculado ao modelo social guarani que tende a povoar radialmente os melhores ambientes, desmembrando suas aldeias e ocupando áreas periféricas de seu sistema espacial.

A disponibilidade do trabalho na confecção das casas e no manejo da roça também era arbitrada pelo chefe da linhagem que dividia os lotes para cada família. Projeções para uma família extensa bastante numerosa relatam que eram compartilhados pelos membros de uma casa comum 30 a 120 hectares de áreas cultivadas (NOELLI, 1993). Sabe-se que a área agricultável guarani era manejada por técnica de interligamento dos cultígenos de ciclo fenológico curto, com espécies vegetais silvestres. Essa técnica era complementada com a rotação das áreas agricultáveis, proporcionando o descanso ou pousio da terra. Esse modelo

agrícola implicava uma mobilidade bastante acentuada dentro do *tekoa* das áreas de roças e zonas de captação de alimentos (NOELLI, 1993).

A sazonalidade do crescimento da planta vinculada ao sistema de pousio das roças era imprescindível para a organização da caça e da coleta. A área agricultável dentro da aldeia era utilizada por vários anos, “na medida em que nela, além dos cultígenos de ciclo fenológico curto (dois a três anos), eram introduzidas também árvores frutíferas e plantas medicinais ou fornecedoras de matéria prima” (NOELLI, 1993, p. 262). Assim, as roças nunca se esgotavam por completo, pois, quando não estavam sendo usadas para o plantio direto, serviram como fonte secundária de alimentos, intensificando as áreas de coleta dentro do perímetro de subsistência da aldeia e, por apresentar grande quantidade de frutas e alimentos, atraíam os animais, aumentando também o rendimento da caça.

No que se refere às dimensões do *tekoá*, considera a autora que esse domínio pode chegar a 50 km, tese defendida por Noelli (1993) e Milheira (2008; 2010). Desse ponto de vista, tal espaço e todos os recursos naturais que lhe são implícitos “deveriam ser compartilhados entre várias aldeias próximas, seja de forma conflitiva ou amistosa” (MILHEIRA, 2010, p.153). Assim, esse emaranhado de aldeias que compartilhavam zona ecológica comum deveria possuir um sistema de ocupação e captação de recursos, pautado na organização das aldeias e de seus acampamentos, assegurado permanentemente em seu território um domínio de influência, limitado por uma propriedade comunal e exclusiva definida geralmente por morros, córregos e rios (MELIÁ, 1981).

Os acampamentos que complementavam a subsistência de uma aldeia guarani eram elementos da maior importância para a economia guarani, sendo que, ao longo de períodos sazonais, alguns grupos de pessoas se deslocavam de suas habitações e acampavam em regiões estratégicas para exploração de recursos distantes. A estrutura simples que os índios geralmente usavam para o controle dos recursos na paisagem, deve ter deixado poucos vestígios materiais no solo (MILHEIRA, 2010).

As aldeias no trecho médio superior da Bacia do Paranapanema se localizavam junto a pequenos tributários e seus acampamentos na calha dos grandes rios. Já no médio-inferior do Paranapanema, as aldeias e acampamentos situavam-se na calha principal. Quanto à função das aldeias, as que se localizavam em terraços e vertentes estavam ligadas às funções de moradias, e as próximas a barreiros relacionavam-se às atividades extrativas do mineral argila para confecção cerâmica. Os acampamentos que estavam associados às cascalheiras e diques relacionavam-se a função do extrativismo de rocha (lítico lascado e polido) e em corredeiras, cachoeiras e saltos na função de pesca (MORAIS, 1999).

O *tekoá*, além de espaço econômico de produção de alimentos e captação de recursos naturais, também formava conjunto de aldeias materializando a união sociopolítica das famílias extensas, termo que significa produção de relações sociais e organização político-religiosa essenciais para a vida guarani (SOARES, 1997).

Segundo Meliá (1990), o sistema *tekoá* era o lugar onde se dava as condições de exercer o modo de ser guarani, com seu sistema de lei, cultura, comportamento e costume. Ladeira nos informa que esse sistema deveria reunir “condições físicas e ambientais que lhe permitam compor, a partir de uma família extensa com chefia espiritual própria, um espaço político-social, fundamentado na religião e na agricultura de subsistência” (LADEIRA, 1992, p.161). O papel social de um *tekoá* era a base de sua formação, pois o mesmo dependia de uma chefia que integrasse as unidades familiares, assim como, a organização espacial desse território era determinada por relações de afinidade e de consanguinidade (LADEIRA, 2008). Dessa forma, os festins de cauinagens estendidos a outras aldeias, rituais antropofágicos, o comer no mesmo prato e outras atividades que implicavam a distribuição do excedente de produção agrícola eram meios que os guarani utilizavam para manter a reciprocidade, o parentesco e as alianças com outras tribos vizinhas (SOARES, 1997).

Ao que parece, pelo menos entre os guarani históricos e etnográficos, as organizações sociais e ecológicas genericamente apresentadas estavam coordenadas por fatores cosmológicos que produziam valores as práticas guarani. Nesse aspecto, consideramos a definição de espaço mítico como uma visão coletiva do mundo, ordenando as relações entre a sociedade e o ambiente, a partir de *yvy marãey* ou a terra onde nada tem fim, “composta por elementos originais que não se esgotam” (LADEIRA, 2008, p.126). Assim, as bases ecológicas e sociais guarani poderiam ser espelhadas por esse espaço mítico, sendo que a “noção de abundancia está associada à possibilidade da renovação dos ciclos, e não ao armazenamento e comprometimento das espécies naturais (LADEIRA, 1992, p.96).

Nesse sentido a territorialização guarani colonial e pré-colonial estava atrelada a noção de *yvy marãey* que, em sua acepção mais original, estava vinculada ao solo virgem, onde sua busca econômica pode ter sido um grande motivo para os muitos deslocamentos guarani (MELIÁ, 1981). As bases ecológicas guarani de rotação de cultivos em áreas sucessivas, assim como deslocamentos tribais em busca de novas áreas aptas a produção do modo de vida guarani seriam bem representadas pela crença de uma terra de abundância em que os recursos nunca se esgotam. É nessa perspectiva que o sistema cosmológico guarani funcionaria, como uma espécie de ciência prática, harmonizando as relações e práticas conhecidas.

O objetivo do estudo do padrão de assentamento visto sobre a ótica do sistema regional guarani foi delimitar alguns padrões regionais de distribuição de sítios em termos de localização, configuração da aldeia e tamanho das habitações que permitam esboçar um modelo social com associações de fontes etnográficas e etno-históricas que podem “facilitar e sugerir novos rumos à direção das pesquisas arqueológicas” (SOARES, 1997, p.63).

## **CONCLUSÃO**

Este trabalho está fundamentado em dois caminhos que se complementam: um mais amplo, que busca sistematizar as informações disponíveis sobre a ocupação ceramista dos guarani, no Vale do Paranapanema e Alto Paraná, e outro mais específico, que busca compreender a cultura material e a ocupação espacial do Sítio Arqueológico Célia Maria, relacionando-o com os demais sítios regionais.

Preocupamo-nos, primeiramente, com o contexto da expansão tupiguarani em território nacional, buscando compreender a interface entre os dados linguísticos e arqueológicos e sua repercussão para o entendimento do povoamento guarani. A associação entre subtradições cerâmicas e famílias linguísticas permitiu a um grupo de arqueólogos proporem um modelo de ocupação, que se sustentaria na origem dos tupiguarani na Amazônia, tendo os guarani se deslocado pela Bacia Platina e Costa Atlântico Sul e os tupinambá descido a Costa Atlântico Norte, desde a Foz do Amazonas, colonizando esse estreito território até o Estado de São Paulo. Esses dois grupos, pertencentes à mesma família linguística teriam se encontrado no Estado de São Paulo, aceitando sua fronteira ao norte da Bacia do Rio Paranapanema, este ocupado predominantemente pelos guarani.

No contexto do Alto Paraná e Bacia do Paranapanema teriam os grupos guarani se adensado nessa região, por volta do ano 1.000 ao ano 700 antes do presente, sem que se desconsiderem ocupações mais antigas e recentes a essa faixa cronológica. Expandiram-se pelos principais canais fluviais, ocupando toda geomorfologia local, desde os terraços e várzeas, até as colinas e relevo de Cuestas do Paranapanema. Segundo as datações obtidas para os grupos ceramistas guarani no Estado de São Paulo, supõe-se que teriam ocupado, primeiramente, as margens dos canais principais, com melhores condições de captação de alimentos, navegabilidade e aproveitamento de matéria prima, deslocando-se, expansivamente, para os tributários mais afastados, à medida que seu sistema de ocupação territorial necessitasse.

O Sistema Regional de Ocupação Guarani na Bacia do Alto Paraná e Paranapanema foi constituído por antigas aldeias que apresentaram “diferentes números de unidades residenciais e, portanto, certamente abrigando diversas famílias” (ROBRAHN-GONZÁLEZ, 2000, p.15). As unidades habitacionais mostraram variações de diferentes ordens percebidas na variabilidade da implantação dos sítios na paisagem e sua diferenciação geográfica, na morfologia dos assentamentos, na configuração espacial da aldeia, na variabilidade do material cerâmico, características e disposições das urnas funerárias, matéria prima lítica e cronologia dos assentamentos.

Os sítios arqueológicos localizados no Alto-Médio Paranapanema, junto às províncias da Depressão Periférica e das Cuestas Basálticas, em grande parte estão implantados sobre colinas suaves, no ápice da vertente, junto a um canal fluvial perene (MORAIS, 1999). Em paisagem distinta, encontram-se os sítios localizados no Baixo Paranapanema e Alto Paraná, onde estão sobre o compartimento dos terraços fluviais ou colúvio-fluviais, geralmente implantados na baixa vertente sob o substrato de basalto.

Variações na morfologia dos assentamentos foram observadas nas plantas dos sítios escavados. Os sítios arqueológicos de maiores dimensões foram o Prassévichus (Alto-Médio Paranapanema) com 80.000 m<sup>2</sup>, o Sítio Lagoa São Paulo (Alto Paraná) com 50.000 m<sup>2</sup> e o Sítio Fonseca (Alto-Médio Paranapanema) com 47.500 m<sup>2</sup>, configurando em seus domínios, respectivamente, nove, treze e oito manchas pretas. Os sítios do Baixo Paranapanema, localizados em área de depleção, não puderam ser mapeados em sua totalidade, mas, provavelmente, devem ter atingido dimensões e quantidade de manchas pretas semelhantes aos citados para o Alto-Médio Paranapanema e Alto Paraná.

Outros sítios de menor porte foram evidenciados em contexto regional. É o caso dos Sítio Alves e Almeida (Alto-Médio Paranapanema) que apresentaram respectivamente dimensões de 16.900 e 10.800 m<sup>2</sup> possuindo, em seus domínios, sete e nove manchas pretas. Outros sítios como o Nunes (Alto-Médio Paranapanema) e Célia Maria (Alto Paraná) apresentaram em seus domínios territoriais apenas três manchas de terra preta, sendo o número mínimo de manchas por sítios habitação conhecidos na região, uma vez que “os sítios com menos de três manchas pretas são pouco conhecidos dentro da arqueologia guarani” (FACCIO, 2011, p.293).

Sítios de pequeno porte com pouca densidade de registro arqueológico foram registrados por Faccio (1998) e podem estar associados a áreas de acampamento sazonal ou de atividades de roça. Essas duas áreas junto à aldeia faziam parte de um sistema de exploração ecológica, tipicamente guarani, assegurando em seu território (*tekoá*) seu domínio de influência político-espacial e o melhor aproveitamento dos recursos naturais.

A configuração das habitações variou de caso a caso. Em alguns sítios, elas se encontram dispersas e em outros as manchas se concentram em um perímetro do assentamento. No entanto, parte de todos os sítios analisados tendem a formar uma espécie de semicírculo ou dispostas em “U” (ferradura), com a parte aberta apontada para o leste. Essa tendência espacial é análoga aos relatos etnográficos que apontam os guarani modernos, configurando suas casas orientadas no espaço, a partir do eixo solar leste para oeste, situando



a praça na extremidade leste e a casa na extremidade oeste. Assim, pela manhã, a *opy* (casa de preces guarani) era irradiada pelo sol nascente (HELENE CLASTRES, 1987).

Em termos de variabilidade cerâmica dos sítios dessa região, grande parte apresentou quantidade significativa de tipos de tratamento de superfície plástico e de motivos pintados. Os sítios guarani localizados na Depressão Periférica (Alto-Médio Paranapanema) apresentaram muitas peças com o tratamento de superfície plástico, enquanto os sítios localizados nas Cuestas Basálticas (Alto-Médio Paranapanema) somente apresentaram decoração por pintura. O mesmo ocorre com o Sítio Célia Maria (Alto Paraná) que apresentou apenas decoração pintada e em menor quantidade incisa. Nesse sítio, não foi encontrado o tratamento de superfície corrugado, tão comum em sítios guarani.

Uma constante regional parece ter sido o uso de fragmentos cerâmicos moídos reutilizáveis na confecção de novos potes cerâmicos. Segundo Faccio, “na área dos sítios em análise, o antiplástico utilizado foi o mineral associado ao caco moído. O uso exclusivo do antiplástico mineral ocorre, sempre, numa porcentagem menor que 7%, em vasilhas de parede fina e de pequeno tamanho” (FACCIO, 2011, p. 295). As análises estatísticas dos fragmentos cerâmicos realizadas para o Sítio Célia Maria mostraram que o antiplástico mineral foi utilizado em vasilhas de parede fina sempre mais porosas e leves em relação às vasilhas com antiplástico caco moído, o que pode justificar usos diferentes entre elas. Acreditamos que os potes cerâmicos mais finos e porosos eram utilizados para servir e/ou armazenar líquidos, enquanto os de maior espessura, com a inserção de caco moído em sua pasta, estavam reservados a recipientes maiores e com função ligados à cocção e fervura dos alimentos.

Os tratamentos de superfície com decoração por pintura nos sítios regionais estavam, provavelmente, associados ao banho de barbotina, oferecendo uma camada lisa e sem fissura acompanhada ou não por engobo, produzindo um revestimento pigmentado a superfície cerâmica, procedido pelo desenho ou “ação de agregar pigmento colorido na superfície cerâmica, através de um objeto intermediário, produzindo elementos retilíneos e curvilíneos que se associam de diversas maneiras” (SCATAMACCHIA, 2004, p.301).

Os elementos gráficos da pintura guarani geralmente são constituídos por expressão decorativa que vão formando os motivos básicos do desenho. Nesse contexto, as linhas onduladas e retas, pontos, triângulos, traços e faixas irão compor todo o sistema de representação visual guarani. A decoração guarani apresenta-se por zonas, sendo uma secundária, formada por elementos mais simples, procedida de uma principal formada por desenhos geométricos que se repetem e preenchem parte da vasilha respeitando a sua forma.

Nos trabalhos de sítios regionais, observamos o uso de um ou mais motivos mínimos nas vasilhas guarani. Faccio (2011) comenta que a quantidade de motivos mínimos e sua forma variaram de sítio para sítio e que a opção por trabalhar com esse tipo de metodologia de análise se baseia na suposição de que esses desenhos elementares tenham significados para os índios guarani e, se bem conhecidos, poderão aprofundar sua interpretação com base nos registros etnográficos (**Figura 26**).

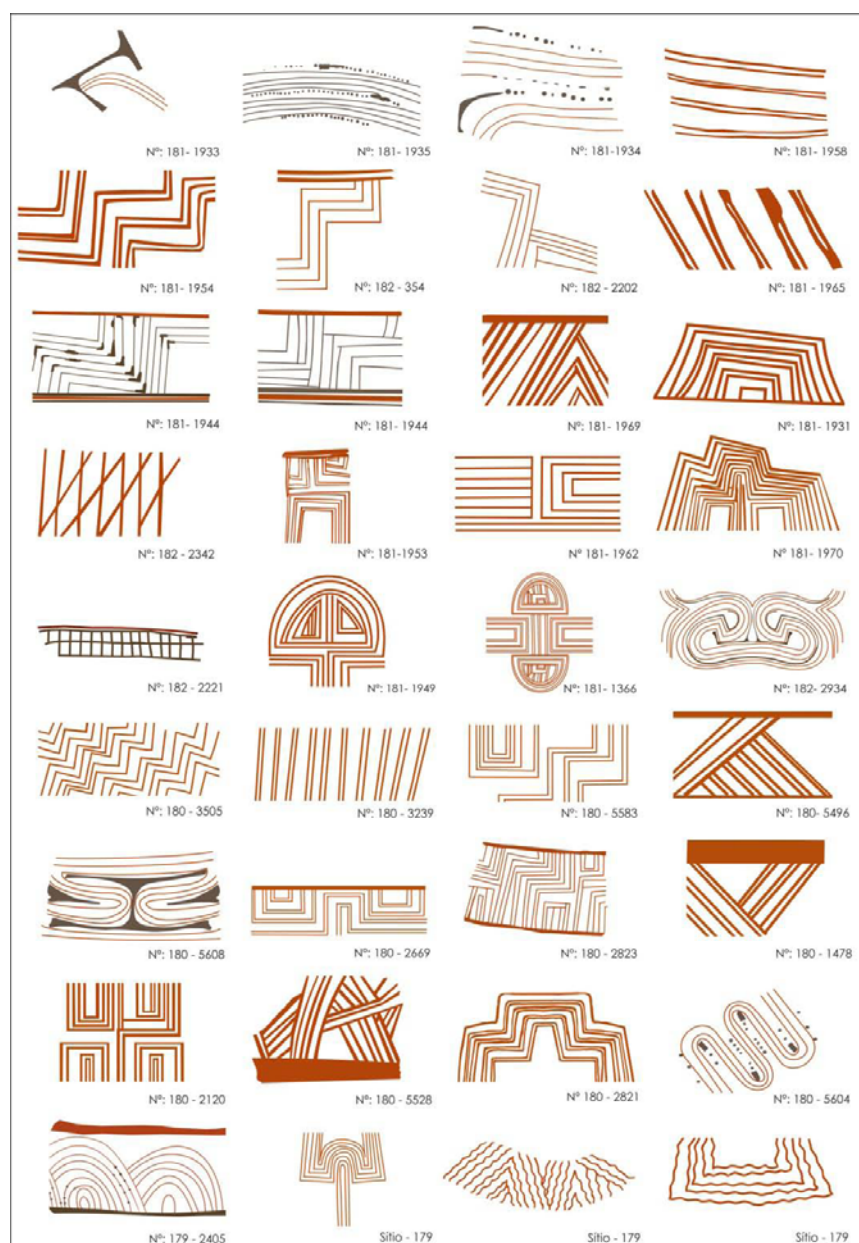


Figura 26: Motivos mínimos da cerâmica guarani dos Sítios Arqueológicos Pernilongo, Aguinha e Lagoa Seca. Iepê, SP. Código 180 – Sítio Pernilongo, Código 182 – Sítio Aguinha, Código 179 – Sítio Lagoa Seca. Fonte: FACCIO, 2011

Os motivos mínimos levantados por Faccio (2011) na cerâmica dos sítios guarani, do Baixo Vale do Paranapanema, apresentam uma variedade de desenhos que são estrutura básica para o reconhecimento cultural dessas parcialidades guarani. Apesar de semelhantes a outros sítios guarani, os desenhos sempre estão dispostos de formas características, o que deve configurar uma identificação cultural dos diferentes núcleos guarani.

No Alto Paraná, pudemos identificar alguns motivos mínimos extraídos de fotos de fragmentos cerâmicos pintados provenientes das sub-bacias do Amambaí e Ivinhema (KASHIMOTO; MARTINS, 2009). Nesse contexto, a decoração pintada predominante foi com linhas vermelhas sobre engobo branco (**Figura 27**).

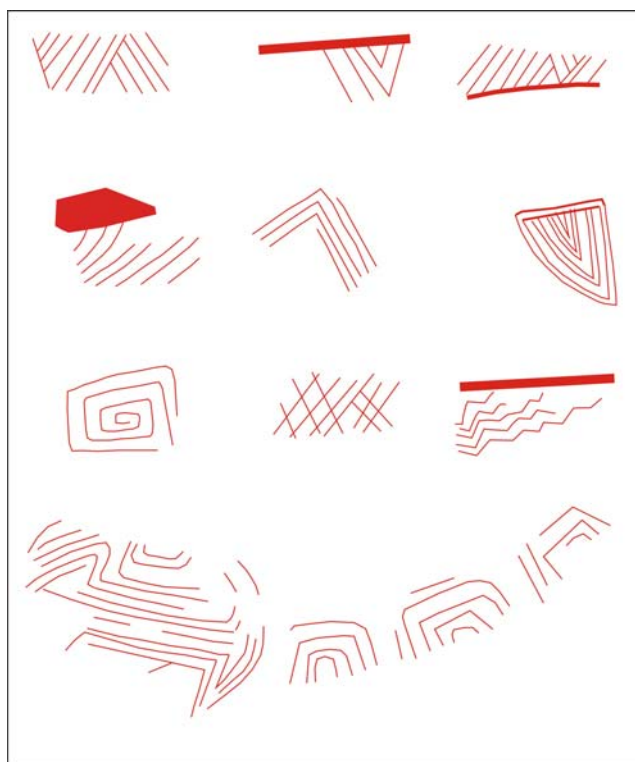


Figura 27: Motivos mínimos das sub-bacias do Amambaí e Ivinhema/MS.  
 FONTE: KASHIMOTO; MARTINS, 2009.

Na primeira fila de desenhos, observamos a decoração secundária, formada por motivos simples e constituídos por linhas e faixas vermelhas mais grossas, que dividem as zonas decorativas. A quarta e última fila de desenhos são representados por decoração principal com motivos complexos (no primeiro caso) e por linhas retas formando desenho quadrangular ou em gregas (no segundo caso).

No trabalho de análise cerâmica do Sítio Célia Maria, identificamos poucos motivos mínimos. Os motivos mínimos foram extraídos das pranchas do capítulo 5 (**Figura 28**).

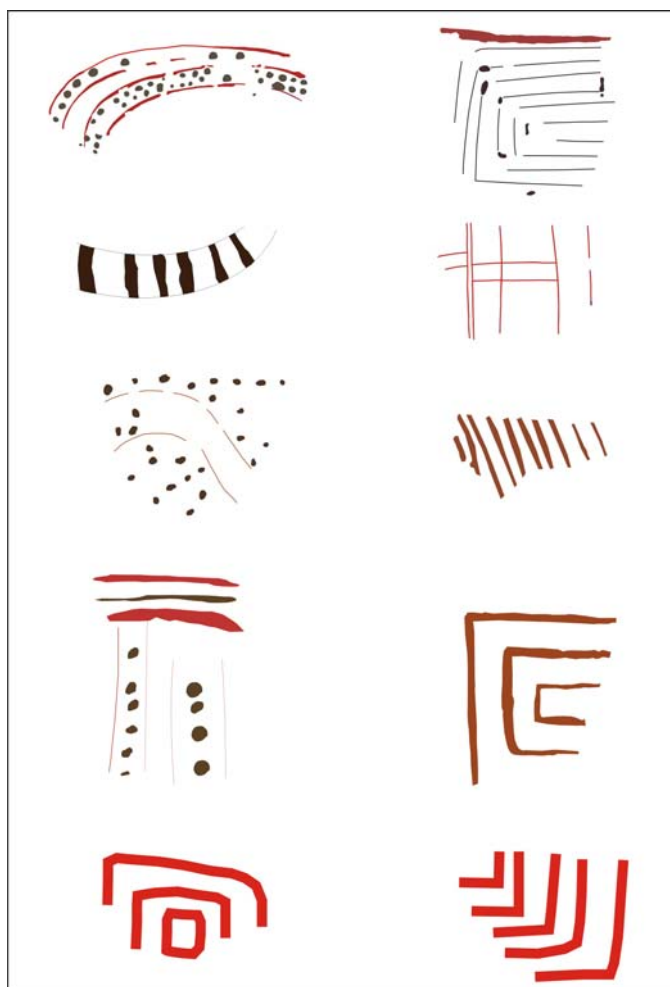


Figura 28: Motivos mínimos do Sítio Célia Maria, Marabá Paulista, SP.

As linhas curvas, formando feixes preenchidos ou não por pontos, foram os motivos mínimos mais corriqueiros para os fragmentos pintados internamente. Notou-se a presença de motivos mínimos na face externa dos fragmentos de linhas retilíneas concêntricas compondo o motivo em grega, sempre pintado na cor vermelha. Outras situações apresentaram motivos complexos não visualizados em sua totalidade, não estando representados na Figura 26. A variabilidade de formas e padrão de motivos em cerâmica pôde ser apreciada nos motivos mínimos levantados, o que formou um pequeno quadro referencial regional, mostrando as especificidades dos desenhos desses sítios.

As estruturas funerárias escavadas pelos diversos pesquisadores citados nos trabalhos regionais apontaram uma constante, urnas formadas por *yapepós* e *cambuchis* complementados por recipientes menores localizados em seu interior, assim como tampas para proteger o interior do recipiente. A estrutura funerária guarani aponta para um comportamento de longa duração, em que a tradição do grupo é mantida pelos padrões culturais pré-estabelecidos, fato esse corroborado pela citação de Montoya que, no século XVII, descreve o que vemos hoje em sítio arqueológico:

Pensam que junto ao corpo a alma do falecido jaz na sepultura. Muitos enterram os corpos dos defuntos parentes em uma grande panela (*yapepó*) e tampam-na com um prato (*naembe*) dizendo “para que tua alma defunta possa respirar com folga na largueza da panela” (MANUSCRITO, 1879, p.110).

No Sítio Aguiinha, foram escavadas três vasilhas de tamanhos e formas diferentes, sendo utilizadas como urnas funerárias. As urnas 2 e 3 apresentaram forma de *yapepó*, com o tratamento de superfície do tipo corrugado, completadas por potes em seu interior e tampa. A vasilha 1 apresentou contorno carenado em formato de *cambuchi* com pintura vermelha sobre engobo branco e tampa (FACCIO, 2011). Esse exemplo do Baixo Vale do Paranapanema resume as notificações feitas também por outros arqueólogos que escavaram e descreveram as urnas funerárias do Paranapanema e Alto Paraná.

Na indústria lítica lascada dos sítios guarani, observou-se o predomínio do arenito silicificado como matéria prima básica. A escolha do local de assentamento dessas antigas aldeias permitiu o intenso aproveitamento dos arenitos silicificados, fruto dos processos de derrame do basalto que provocou o cozimento do antigo arenito local (MORAIS, 1986; PALLESTRINI, 1975). Os seixos rolados de sílex e quartzo também foram aproveitados no lascamento, sobretudo nos sítios do Baixo Vale do Paranapanema e Alto Paraná.

No caso do Sítio Célia Maria, não houve provas que identificassem o lascamento de rocha no perímetro do assentamento. A matéria prima encontrada no local era proveniente da Bacia do Santo Anastácio (arenito friável) e, possivelmente, do Alto Paraná e Baixo Paranapanema (seixos de sílex, arenito silicificado, quartzo e basalto). Apesar de todo esse material ser classificado como testemunhos brutos, acreditamos que tenham tido alguma representação funcional ou simbólica para o grupo, uma vez que vieram de áreas distantes, a dezenas de quilômetros daquele local. O único objeto manufaturado em rocha foi polido em

quartzo e classificado como fragmento de *tembetá*, adorno labial, utilizado pelos guarani, para marcar ritos de passagem do homem e sua posição social dentro do grupo.

O quadro cronológico estabelecido para os sítios guarani ainda não permite configurar rotas de expansão seguras, que possam identificar a passagem dos grupos guarani pelos vales supracitados. No Vale do Paranapanema no sentido de leste para oeste, os sítios localizados no Alto Vale (Depressão Periférica) apresentaram datações de 1.210 e 1.076 anos antes do presente. Em direção às Cuestas Basálticas, já no Médio Vale, as datações absolutas variaram de 879 a 1.020 anos antes do presente.

A cronologia para os sítios localizados a oeste do Estado de São Paulo, no Baixo Vale, estabelece uma faixa de predomínio de ocupação que vai de 700 a 800 anos antes do presente, exceção dos Sítios Ragil e Neves, que estão situados em período mais antigo, de 1.668 a 1.806 anos antes do presente, respectivamente. Para o Alto Paraná Paulista temos apenas a datação absoluta do Sítio Lagoa São Paulo situado em 1.050 anos antes do presente. No lado Matogrossense do Sul, a faixa cronológica média dos sítios guarani esteve situada em 500 anos antes do presente, fazendo-se exceção ao Sítio Lagoa do Custódio, com datação de 1.200 anos antes do presente.

O Sítio Célia Maria, localizado no extremo oeste do Estado de São Paulo, na Bacia do Rio Santo Anastácio, encontra-se próximo do topo de interflúvios que separam as Bacias do Paraná e Paranapanema. A datação de 450 anos antes do presente aproxima-o temporalmente dos sítios localizados no Alto Paraná, MS e do Baixo Paranapanema, SP (Iepê). Acreditamos numa possível expansão guarani que levou à ocupação territorial guarani dos grandes vales fluviais a região de interflúvios próximos dos afluentes dos grandes rios. A análise feita entre as grandes aldeias do Paraná e Paranapanema com o Sítio Célia Maria permitiu afirmar que o sistema social/cultural guarani definiria hierarquias de ocupação das áreas, partindo das zonas ecológicas mais favoráveis as menos favoráveis.

O Sítio Arqueológico Célia Maria apresentou 42 reconstituições gráficas de forma de vasilhas, a partir de fragmentos de bordas, mostrando que a maior parte das vasilhas possuía dimensões pequenas e médias, sendo utilizadas, possivelmente, por um número reduzido de pessoas. A *cambuchí* utilizada como recipiente de armazenamento de líquidos, assim como na fermentação das bebidas alcoólicas, muito apreciadas nas festividades guarani, está ausente no sítio em apreço, pelo menos, no que se refere às reconstituições gráficas das formas, a partir dos fragmentos de bordas. A “ausência” desse tipo de recipiente pode representar, igualmente, a carência ou, até mesmo, a inexistência de grandes festas, como, possivelmente, acontecia nas grandes aldeias próximas ao Rio Paranapanema.

A pequena dimensão dos recipientes parece estar associada à pouca variabilidade do tratamento de superfície de sua cerâmica. A pintura associada ao engobo esteve presente em 926 fragmentos cerâmicos, de um total de 4.715. A rara presença do tratamento plástico foi contabilizada em apenas 39 fragmentos incisos. O corrugado e outros tratamentos de superfície plástica inexistiram nas análises realizadas.

Sem ser registrada nas análises de fragmentos cerâmicos do Sítio Célia Maria, a produção e o uso de grandes recipientes cerâmicos como as *cambuchis* e as grandes *yapepós*, presume-se que a tralha doméstica do grupo guarani que habitou o Sítio Célia Maria era formada por pequenas panelas, pratos (*ñambés*), e uma diversidade de tigelas de usos especiais – as que apresentaram pintura – e de uso cotidiano. Como já comentado, essa realidade da cultura material poderia expressar o baixo prestígio dessa aldeia em relação às situadas em áreas ecológicas mais favoráveis.

Levantou-se, neste trabalho, a hipótese de o Sítio Célia Maria ser composto por uma casa de família extensa (Mancha A) e duas possíveis áreas anexas com função e atividades distintas daquela de morar (Manchas B e C). A intensidade de material cerâmico entre essas três manchas, assim como suas dimensões, foram os argumentos utilizados para definir essas áreas. Infelizmente, o material cerâmico, altamente fragmentado, não nos permitiu identificar os tipos de vasilhas que predominavam em cada mancha preta. Notou-se a ausência de instrumentos líticos no perímetro da aldeia, com exceção de um fragmento de tembetá.

Finalmente, reiteramos que as áreas densamente ocupadas dos terraços e várzeas do Alto Paraná ou Baixo Paranapanema teriam sido a origem do deslocamento guarani para a região dos pequenos afluentes desses dois grandes rios, como foi o caso da cabeceira de nascente, onde se encontra o Sítio Célia Maria. No entanto, os detalhes do desmembramento das aldeias e os possíveis limites dos *tekoas* guarani só podem ser contemplados por meio das fontes etno-históricas e etnográficas. Os dados arqueológicos ainda não permitem inferir como se deu a expansão guarani em nosso cenário de estudo, e o que teria levado pequenos grupos a buscar áreas distantes daquelas de melhor representação ecológica e estratégica.

## **REFERÊNCIAS**



ALMEIDA, Fernando Osório. **O complexo Tupi na Amazônia Oriental**. Dissertação (Mestrado em Arqueologia). São Paulo, Universidade de São Paulo, 2008, 353p.

ALMEIDA, F. F. de. **Aspectos gerais da geologia da bacia do alto Paraná**. In: SIMPÓSIO SOBRE A GEOTECNIA DA BACIA DO ALTO PARANÁ, 1983, São Paulo. *Anais...* São Paulo: ABMS/ABGE/CBMR, p. 9-16.

ARAÚJO, A.G.M. **Teoria e Método em Arqueologia Regional**: um estudo no Alto Paranapanema, Estado de São Paulo. Tese (Doutorado em Arqueologia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001, 364p.

ARAÚJO, A.G.M. **Destruído pelo arado? Arqueologia de superfície e as armadilhas do senso comum**. 2002, *no prelo*.

ASSIS, V.S; GARLET, I. Subsídios Históricos e Etnográficos para uma Etnoarqueologia Mbyá-Guarani. **Revista de História Regional**, 7(1):207-213, Verão 2002.

AB'SABER, A. N. Os baixos chapadões do Oeste Paulista. **Geomorfologia**, São Paulo, nº17, p. 1-8, 1969.

AB'SABER, A. N. Um conceito de geomorfologia a serviço das pesquisas sobre o quaternário. **Geomorfologia**, São Paulo, nº18, p. 1-23, 1969.

BALÉE, William. Antiquity of Traditional Ethnobiological Knowledge in Amazonia: The Tupi-Guaraní family and time. *Ethnohistory*, 47(2), 2000, 399-422.

BALÉE, W. Sobre a Indigeneidade das Paisagens. **Revista de Arqueologia**, 21, nº 2: 09-23, 2008.

BELLWOOD, Peter. Early Agriculturalist Population Diasporas? Farming, Languages and Genes. **Annual Review of Anthropology**, 30, 2001, 181-207.

BERTRAND, Georges. **Uma Geografia Transversal e de Travessias**: o meio ambiente através dos territórios. Maringá. Ed. Massoni, 2007.

BINFORD, L.R. Willow Smoke and Dogs'Tails: Hunter-Gatherer Settlement Systems and Archaeological Site Formation Source. **American Antiquity**, Vol. 45, Nº 1 (Jan, 1980), p.4-20. Published by Society For American Archaeology Stable URL: <http://www.jstor.org/stable/279653>, Accessed: 19/11/2008.

BINFORD, L.R. **Em Busca do Passado:** a decodificação do registro arqueológico. Tradução de João Zilhão, Fórum da História, Publicações Europa-América, 1983. 304 p.

BOADO, F.C. **Del Terreno al Espacio:** planteamientos y perspectivas para la arqueología del paisaje. Grupo de Investigación em Arqueología del Paisaje, Universidade de Santiago de Compostela. Primera Edición, Abril de 1999.

BOIN, M.N. **Chuvas e Erosões no Oeste Paulista:** uma análise climatológica aplicada. (Tese de Doutorado), Universidade Estadual Paulista, 2000, 281 p.

BONNEMAISON, J. Viagem em torno do território. **Geografia cultural: um século.** Rio de Janeiro, Ed. UERJ, 2002

BORBA, Telêmaco. **Actualidade Indígena** (Paraná, Brazil). Cutitiba: Impressora Paranaense, 1908.

BORGES, P.H.P. Sonhos e nomes: as crianças guarani. **Cad. CEDES**, vol.22 nº 56, Campinas. Abr. 2002.

BORGONNOVI, Mário; CHIARINI, Jorge Vicente. **Cobertura vegetal do Estado de São Paulo: I - Levantamento por fotointerpretação das áreas cobertas com cerrado, cerradão e campo, em 1962.** *Bragantia* [online]. 1965, vol.24, n.único, pp. 159-172. ISSN 0006-8705.

BROCHADO, J. **A Expansão dos Tupi e da Cerâmica da Tradição Policrômica Amazônica.** São Paulo: Dédalo 1989. p.65-82.

BROCHADO; LA SALVIA. **Cerâmica Guarani.** Porto Alegre: Posenato Arte & Cultura, 1989.

BROCHADO, José Proenza; MONTICELLI, Gislene. Regras práticas na reconstrução gráfica das vasilhas de cerâmica Guarani por comparação com vasilhas inteiras. **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v. 20, nº 2, p. 107-118, dez. 1994.

CADOGAN, Leon. "Ayvu Rapyta: textos míticos de los Mbyá-Guarani del Guaira". **Boletim 227, Antropologia 5.** Universidade de São Paulo, 1959.

CALDARELLI, SB. Pesquisa arqueológica em projetos de infra-estrutura: a opção pela preservação. **Revista do Patrimônio**, 33: 153-174. Rio de Janeiro: IPHAN-Instituto do

Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, número especial sobre Arqueologia e Preservação, 2007.

CAVALLI-SFORZA, Luca; CAVALLI-SFORZA, Francesco. **Quem somos?** História da diversidade humana. São Paulo: Editora UNESP, 2002, 384 p.

CASSETI, Valter. **Ambiente e Apropriação do Relevo**. São Paulo: Contexto, 1991.

CEREZER, J. F. **Reverendo Problemáticas, Traçando Perspectivas:** contributo da arqueologia experimental para a cerâmica guarani. (Máster Erasmus Mundus em Quaternário e Pré-História), Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, 2008-2009.

CHMYZ, Igor. **A Tradição Tupiguarani no Litoral do Estado do Paraná**. Curitiba: Círculo de Estudos Bandeirantes, 2002, p.71-95.

CLASTRES, H. **Terra sem mal:** o profetismo tupi-guarani. São Paulo: Brasiliense, 1978

CLASTRES, P. **A Fala Sagrada:** Mitos e cantos sagrados dos índios Guarani. Campinas: Papyrus, 1990.

CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1999.

CRUZ, Daniel. **Lar, Doce lar? Arqueologia Tupi na Bacia do Ji Paraná (RO)**. Dissertação (Mestrado em Arqueologia). São Paulo, Universidade de São Paulo, 2008. 171p.

DIAS, O.; PANACHUK, L. Características da Tradição Tupiguarani no Sudeste do Brasil. In: PROUS, André ; ANDRADE LIMA, Tania. (Org.). **Os ceramistas Tupiguarani**. . Belo Horizonte: Gráfica e Editora Sigma, 2008, v. 1.

DICIONÁRIO DA LINGUA GUARANI. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Annaes, vol. VII. Rio de Janeiro, 1879-1880.

DUNNEL, R.C.; SIMEK, J.F. Artifact Size and Plowzone Processes. **Journal of Field Archaeology**, Vol. 22, Nº 3 (Autumn, 1995), p. 305-319. Published by Boston University State URL: <http://www.jstor.org/stable/530178> Accessed: 11/08/2010 07:48

FACCIO, N.B. **Estudo do Sítio Arqueológico Alvim no Contexto do Projeto Paranapanema**. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992. 154 f.

FACCIO, N.B. **Arqueologia dos Cenários das Ocupações Horticultoras da Capivara, Baixo Paranapanema - SP**. Tese (Doutoramento em Arqueologia), São Paulo, Universidade de São Paulo, 1998. 295 f.

FACCIO, N.B. **Arqueologia Guarani na Área do Projeto Paranapanema: Estudo dos Sítios de Iepê, SP**. Relatório apresentado para o concurso de Livre Docência, São Paulo, Universidade de São Paulo, 2011.

FAUSTO, C. Fragmentos de História e Cultura Toinambá: Da etnologia como instrumento crítico de conhecimento etno-histórico. In: CUNHA, M.C. (Org.). **História dos Índios no Brasil**. São Paulo, Cia. das letras/FAPESP/SMC, p. 381-396, 1998.

FELIPIM, A. P. **O Sistema Agrícola Guarani Mbyá e Seus Cultivares de Milho: um estudo de caso na aldeia guarani da Ilha do Cardoso, Município de Cananéia, SP**. Dissertação (Mestrado em Ciências Florestais), Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001. 135 f.

FERNANDES, F. **A Organização Social dos Tupinambá**. São Paulo: Hucitec, 1989.

FOGAÇA, E. **Mãos para o pensamento: a variabilidade tecnológica de indústrias líticas de caçadores-coletores holocênicos a partir de um estudo de caso: as camadas VIII e VII da Lapa do Boquete (Minas Gerais – 12.000/10.500 B.P)**. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001. 452f.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1989

GOURHAN, A.L. **O gesto e a palavra: memórias e ritmos**. Lisboa: Edições 70, 1985.

GRACE, R. The “Chaine Operatoire” approach to lithic analysis. **Archaeometry**. Publicação Eletrônica, Oslo, 1996. 24p.

GUEDES, . et al Análise de perfis longitudinais de drenagens da bacia do Rio Santo Anastácio (SP) para detecção de possíveis deformações neotectônicas. **Revista UnG – Geociências** V.5, N.1, 2006, 75-102.

HAFFER, J. **Speciation in Amazonian Forest Bird**. Hawai: Science, 1969.

HECKENBERGER, NEVES, PETERSEN, De onde surgem os modelos? As origens e expansões Tupi na Amazônia Central. **Revista de Antropologia**. São Paulo, 1998. (Vol.41 nº1).

KASHIMOTO, E. M. **Geoarqueologia no Baixo Paranapanema**: uma pesquisa geográfica de estabelecimentos humanos pré-históricos. Dissertação (Mestrado). São Paulo, Universidade de São Paulo, 1992.

KASHIMOTO, E. M. **Variáveis ambientais e arqueologia no alto Paraná**. Tese (Doutorado). São Paulo, Universidade de São Paulo, 1997.

KASHIMOTO, E. M. MARTINS, G. R. A problemática arqueológica da tradição cerâmica Tupiguarani em Mato Grosso do Sul. In: PROUS, André; ANDRADE LIMA, Tania de. (Org.). **Os Ceramistas Tupiguarani**. Belo Horizonte: Sigma, 2008, v. I, p. 149-178.

KASHIMOTO, E. M. MARTINS, G. R. **Arqueologia e Paleoambiente do Rio Paraná em Mato Grosso do Sul**. Campo Grande: Life Editora, 2009.

IBGE. **Mapa Etno-Histórico de Curt Nimuendaju**. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Rio de Janeiro, IBGE, 1987.

JACOME, C. P. **Ayquatiá da Yapepó Estudo dos Materiais Utilizados na Cerâmica Pintada Tupiguarani de Minas Gerais**. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

JUNIOR, A.T. **Agronegócio Alcoolizado e Culturas em Expansão no Pontal do Paranapanema. Legitimação das Terras Devolutas/Improdutivas e Neutralização dos Movimentos Sociais**. 2008, *No prelo*.

LADEIRA, Maria Inês. **O caminhar sob a luz**: o território mbyá à beira do oceano. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1992.

LADEIRA, Maria Inês. **Espaço geográfico Guarani-Mbyá**: significado, constituição e uso. Maringá, Pr: Eduem, 2008.

LATHRAP, D. **O Alto Amazonas**. Lisboa: Verbo, 1975.

LEITE, J.F. **A Ocupação do Pontal do Paranapanema**. Volume1. Presidente Prudente: UNESP, 1981, 121p.

LEITE, J.F. **A ocupação do Pontal do Paranapanema**. São Paulo: Editora Hucitec, 1998.

LEVY-STRAUSS, C. **Mito e Significado**. Trad. Antonio Marques Bessa. Lisboa: Edições 70, 1978.

LIMA, Tânia A. Cerâmica Indígena Brasileira. In: RIBEIRO, Darcy (Editor). **Suma Etnológica Brasileira – Tecnologia Indígena**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987

MANO, M. A cerâmica e os rituais funerários: xamanismo, antropofagia e guerra entre os tupi-guarani. **INTERAÇÕES - Cultura e Comunidade**, v. 4, nº 5, 2009. p. 111-128.

MANUSCRITO GUARANI. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro sobre a primitiva catechese dos índios das missões. Annaes, vol. VI, Rio de Janeiro, 1878-1879.

MAUSS, Marcel. **Manual de Etnografia**. Lisboa: Pórtico. [1947] 1979. 279 p.

MEDEIROS, J. C. A. **Reestabelecendo um Tekoá Pelos Índios Guarani Mbyá: um estudo de caso da aldeia Yakã Porá – Garuva/SC**. Dissertação (Mestrado em Agrossistemas), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

MEGGERS, B. Vegetation Fluctuation and Prehistoric Cultural Adaptations in Amazonia: some tentative correlations. **Word Archaeology**, 8(3), 1977, 287-303.

MEGGERS, B.; EVANS, C. **Reconstrução da Pré-História Amazônica**. Museu Goeldi, Publicações Avulsas 20, 51-69, 1973.

MELIÁ, Bartolomé. El modo de ser Guarani en la primera documentación jesuítica (1549/1639). In: **Revista de Antropologia**, vol. 25, 1981, p. 1-24.

MELIÁ, B. A Terra sem Mal dos Guarani. **Revista de Antropologia**, 33-46, 1990.

MILHEIRA, **Arqueologia Guarani no Litoral Sul-Catarinense: história e território**. Tese (Doutorado em Arqueologia), Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010.

MIRANDA, E. E. **Brasil em Relevo**. Campinas: Embrapa Monitoramento por Satélite, 2005. Disponível em: <<http://www.relevobr.cnpm.embrapa.br>>. Acesso em: 17 maio 2011.

MONBEIG, P. **Pioneiros e Fazendeiros de São Paulo**. Trad. Ary França e Raul de Andrade e Silva, São Paulo: Editora Hucitec/ Polis, 1984. 392 p.

MONTOYA, P. A. R. **Vocabulario y tesoro de la lengua guarani. Ò mas bien Tupi**. Viena: Faesy y Frick: Maisonneuve y Cia., 1876.

MORAES, Camila Azevedo. **Arqueologia Tupi no Nordeste de São Paulo: um estudo de variabilidade artefactual**. Dissertação (Mestrado), São Paulo, Universidade de São Paulo, 2007.

MORAIS, J. L. A Ocupação do Espaço em Função do Relevo e o Aproveitamento das Reservas Petrográficas por Populações Pré-Históricas do Paranapanema, SP. **Coleção Museu Paulista**, Série de arqueologia, vol. 6. Editora do Fundo de Pesquisas do Museu Paulista da USP, São Paulo, 1979. 83 p.

MORAIS, J. L. A Utilização dos Afloramentos litológicos pelo Homem Pré-Histórico Brasileiro. **Coleção Museu Paulista**, Série de arqueologia, vol. 7, Editora do Fundo de Pesquisas do Museu Paulista da USP, São Paulo, 1983. 212 p.

MORAIS, J. L. A Propósito da Interdisciplinaridade em Arqueologia. **Revista do Museu Paulista**, V. 3, p. 56-57, 1986.

MORAIS, J.L. **Perspectivas Geoambientais da Arqueologia do Paranapanema Paulista**. Tese (Livre-Docência). São Paulo, Universidade de São Paulo, 1999.

MORAIS, J.L. Arqueologia da Região Sudeste. **Revista USP**, Antes de Cabral: arqueologia brasileira II, dez/jan/fev 1999-2000, São Paulo, n44, p.194-217.

MORAIS, J.L. Tópicos de Arqueologia da Paisagem. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, 2000, 10:3-30.

MORAIS, J. L. Reflexões acerca da Arqueologia Preventiva. In: MORI, Victor Hugo; SOUZA, Marise Campos de; BASTOS, Rossano Lopes; GALLO, Haroldo. (Org.). **Patrimônio: Atualizando o Debate**. São Paulo: CONAP, 2006, v. 1, p. 191-220.

NEUMANN, M.A. **Ñande Rekó – Diferentes jeitos de ser guarani** Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

NEVES DE SOUZA, G. **O Material Lítico do Interior de Minas Gerais e São Paulo: entre a matéria e a cultura**. Dissertação (Mestrado em Arqueologia), Museu de Etnologia e Arqueologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

NIMUENDAJU, C. **As lendas da criação e destruição do mundo como fundamentos da religião dos Apapocúva-Guarani**. São Paulo: Hucitec, 1987.

NOELLI, F.S. **Sem tekoá não há teko** (Em busca de um modelo etnoarqueológico da aldeia e da subsistência guarani e sua aplicação a uma área de domínio no Delta Jacuí – RS). Dissertação (Mestrado em Arqueologia). Porto Alegre, PUCRS, 1993. 728 f.

NOELLI, F. As hipóteses sobre os centros de origem e as rotas de expansão dos tupi. **Revista de Antropologia**, 1996, 39:7-53.

NOELLI, F. A Ocupação Humana na Região Sul do Brasil: arqueologia, debates e perspectivas 1872-2000. **Revista USP**, São Paulo, 1999-2000, 44:218-269.

NUNES, João Osvaldo Rodrigues. **Uma contribuição metodológica ao estudo da dinâmica da paisagem aplicada à escolha de áreas para construção de aterro sanitário em Presidente Prudente-SP**. Tese (Doutorado em Geografia), Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, 2002.

NUNES, J.O.R. et. al. Variações Texturais dos Latossolos Vermelhos do Assentamento Rural Antonio Conselheiro – Mirante do Paranapanema/SP. **Geografia em Atos**, nº 6, Volume 1, Presidente Prudente, Dezembro de 2006.

OLIVEIRA, Antonio Manuel dos Santos. **Depósitos Tecnogênicos e Assoreamento de Reservatórios: exemplo do Reservatório de Capivara, Rio Paranapanema, SP/PR**. Tese (Doutorado). São Paulo, Universidade de São Paulo, 1994.

PALLESTRINI, L. O sítio arqueológico Jango Luís. **Revista do Museu Paulista**, São Paulo, v.18: 26-56, 1968-1969.

PALLESTRINI, L. **Interpretação das Estruturas Arqueológicas em Sítios do Estado de São Paulo**. Coleção Museu Paulista, São Paulo, Vol.1, 1975.

PALLESTRINI, L. Projeto Paranapanema: Sítio Arqueológico Nunes – Estado de São Paulo. **Revista do Museu Paulista**, São Paulo, 1988.



PALLESTRINI, L. Projeto Paranapanema: Sítio Arqueológico Nunes – Estado de São Paulo. **Revista do Museu Paulista**. Nova Série. Vol. XXXIII. São Paulo, 1988. Pp. 129-142.

PALLESTRINI, L.; MORAIS, J.L. Prassévichus, Aldeia Pré-Histórica no Município de Itaberá, SP. **Revista do Museu Paulista**, Nova Série- Volume XXIX: 151-161, 1983-1984.

PROUS, A. A pintura tupiguarani em cerâmica. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, Anais da I Semana de Arqueologia, Suplemento 8: 11-20, 2009.

PROUS, A; LIMA, T. A. **Os Ceramistas Tupiguarani**. Santa Catarina: Editora do Centro de Estudos do Oeste Catarinense, 2006.

REDMAN, C.L; WATSON, P. Systematic, Intensive Surface Collection. **American Antiquity**, Vol.35, Nº. 3 (Jul., 1970), p. 279-291. Published by Society for American Archaeology URL: <http://www.jstor.org/stable/278339>, Accessed: 27/07/2010, 08:23.

RENFREW, C. At the Edge of Knowability Towards a Prehistory of Languages. **Cambridge Archaeological Journal**, 10, 7-34.

ROBRAHN-GONZÁLEZ, E. Problemática arqueológica da ocupação de grupos ceramistas no vale do Paranapanema. **Revista Terra Indígena**. Assis, 2000.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Relações internas na família linguística Tupi-Guarani. **Revista de Antropologia**, vols. 27/28, 1985, p. 33-53.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. **Línguas Brasileiras**. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

RUBIN, J.C.R; SILVA, R. T. Arqueologia, Dinâmica das Vertentes e Perda de Solos. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, 14, 2004, p. 179-193.

SAMPAIO, T. Considerações Geographicas e Econômicas sobre o Valle do Rio Paranapanema. **Boletim da Comissão Geographica e Geológica do Estado de São Paulo**. São Paulo, Typographia King, nº4, 1890.

SILVA, F. A. Ceramic Technology of the Asurini do Xingu, Brazil: an ethnoarchaeological study of artifact variability. **Journal of Archaeological Method and Theory**, v. 15, nº 3, 2008, p. 217-265.

SIMÃO, A. P. Do caco ao fragmento: análise da coleção cerâmica guarani do Sítio arqueológico Lagoa Xambê – Altônia/PR. **Revista Diálogos**, DHI/UEM, v.6 2002. p. 219-222.

SCATAMACCHIA, M. C. M. Proposta de terminologia para descrição e classificação da cerâmica arqueológica dos grupos pertencentes à família linguística Tupi-guarani. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, v. 14, , 2004. p. 291-307.

SCATAMACCHIA, M.C.M. O Sistema de Subsistência Desenvolvido Pelas Sociedades Tribais de Filiação Linguística Tupi-guarani. **Revista de Arqueologia Americana**, México, 2007, 24:175-205.

SCATAMACCHIA, M. C. M. Considerações sobre a distribuição das sociedades tribais de filiação linguística Tupi-guarani no Estado de São Paulo. In: PROUS, André; LIMA, Tania Andrade. (Org.). **Os ceramistas tupiguarani**. Belo Horizonte: Sigma, 2008, v. 0, 2006, p. 117-144.

SCATAMACCHIA, M. C. M; MOSCOSO, F. **Análise do padrão de estabelecimentos Tupi-Guarani**: fontes etno-históricas e arqueológicas. Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Departamento de Antropologia, São Paulo, 1987-1989, nº 30-32, pp. 37-53.

SCHADEN, Egon.. “Desenhos de índios Kayová-guarani”. **Revista de Antropología**, 11, 1963. p. 79-82.

SCHADEN, Egon. **Aspectos fundamentais da cultura Guarani**. São Paulo: EDUSP, 1974.

SCHIFFER, M.B. Archaeological Context and Systemic Context. **American Antiquity**, Vol. 37, Nº. 2 (Apr., 1972), p. 156-165. Published by Society for American Archaeology Stable URL: <http://www.jstor.org/stable/278203> Accessed: 28/04/2010 11:50

SCHIFFER, M.B.; SKIBO, J.M. The Explanation of Artifact Variability. **American Antiquity**, Vol. 62, Nº. 1 (Jan., 1997), p. 27-50. Published by Society for American Archaeology Stable URL: <http://www.jstor.org/stable/282378> Accessed: 04/10/2010 15:54

SCHMITZ, P. I. Áreas Arqueológicas do Litoral e do Planalto do Brasil. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, 1991, 1:3-20.

SHEPARD, A. **Ceramics for the archaeologist**. Washington, D.C.:Carnegie Intitution of Washington 1980.

SOARES, A.L. **Guarani**: organização social e arqueologia. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.

SOARES, André. **Contribuição à Arqueologia Guarani**: o estudo do Sítio Ropke. Tese (Doutorado em Arqueologia). São Paulo, Universidade de São Paulo, 2004.

STADEN, H. **Duas Viagens ao Brasil**. Trad. de A. Bojadsen. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2008.

STEIN, D.P. **Avaliação da degradação do meio físico. Bacia do rio Santo Anastácio. Oeste paulista**. Rio Claro, 1999. 197 p. Tese (Doutoramento em Geociências) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista

STEIN, D.P. et. al. Erosão na bacia do Rio Santo Anastácio, Oeste do Estado de São Paulo, Brasil. **Revista de Geociências**, Rio Claro, 2003. PP?

TOCCHETTO, F.B. Possibilidades de interpretação do conteúdo simbólico da arte gráfica Guarani. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, 6: 33-45, 1996.

THOMAZ, R. C. C. **O uso de Sig na predição da localização de sítios arqueológicos**: um estudo de caso na bacia do Paraná Superior. Tese (Doutorado em Arqueologia). Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, 2002.

TRIGGER, B. G. Settlement Archaeology – Its Goals and Promise. **American Antiquity**, Vol. 32, N° 2 (Apr., 1967), p. 149-160. Published by Society for American Archaeology Stable URL: <http://www.jstor.org/stable/277900> Accessed: 28/04/2010 11:39

URBAN, G. A História da Cultura Brasileira Segundo as Línguas Nativas. In: CUNHA, M.C. (Org.). **História dos Índios no Brasil**. São Paulo: Cia. das Letras/FAPESP/SMC, 1992. p. 87-102.

VIVEIROS DE CASTRO. **ARAWETÉ**: os deuses canibais. Rio de Janeiro:Jorge Zahar/ANPOCS, 1986.

WUST, I. **Continuidade e Mudança** – Para uma interpretação dos grupos ceramistas pré-coloniais da bacia do Rio Vermelho, Mato Grosso. Tese (Doutorado em Antropologia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo,

1990.

**ANEXO 1: FICHA TECNO-TIPOLOGICA DOS  
FRAGMENTOS CERÂMICOS**

		ANTIPLÁSTICO														
Nº	Nº	PROCEDÊNCIA	CLASSE	TP	CL	TAMANHO		ES. PAR	QUEIMA	TRA. SUP.	DECORAÇÃO		TEC.MAN	BARBOTINA		PASTA
PEÇA	VASO	SETOR				MN	CM				I	E		I	E	
70		P2	1	13			0,2	1,8	3	4	1	16	1	S	S	
71		P2	1	13			0,1	1,1	2	4	15	1	1	S	N	
72		P2	5	13			0,1	0,6	2	4	15	1	1	S	S	
73		P2	1	13			0,2	0,6	4	4	1	11	1	N	S	
74		P2	1	13			0,2	1,3	5	4	1	1	1	N	S	
75		P2	1	13			0,2	1	5	4	1	1	1	S	N	
76		P2	1	13			0,1	0,9	3	4	1	1	1	S	S	
77		P2	5	13			0,1	0,9	6	4	1	1	1	S	S	
78		P2	1	13			0,2	0,8	3	4	29	1	1	S	N	
79		P2	1	13			0,2	0,5	3	4	1	1	1	S	N	
80		P2	1	13			0,1	0,7	2	4	1	1	1	N	N	
81		C.S	1	13			0,1	1,3	2	4	1	15	1	S	S	
82		C.S	1	13			0,1	1,3	4	4	11	1	1	S	S	
83		C.S	2	13			0,2	1,1	2	4	1	1	1	N	N	
84		C.S	1	13			0,2	1,3	6	4	1	1	1	S	S	
85		C.S	1	13			0,3	0,7	2	4	9	11	1	N	S	
86		C.S	1	13			0,1	1,1	3	4	1	1	1	S	S	
87		C.S	1	13			0,1	0,6	6	4	11	29	1	S	S	
88		C.S	1	13			0,2	0,8	3	4	1	1	1	S	S	
89		C.S	1	13			0,3	0,8	3	4	15	1	1	S	N	
90		C.S	1	13			0,1	1,3	3	4	1	1	1	S	S	
91		C.S	1	13			0,2	1,1	4	4	11	1	1	N	N	
92		C.S	1	13			0,1	1,4	3	4	1	1	1	S	N	
93		C.S	2	13			0,1	1,1	2	4	1	1	1	N	N	
94		C.S	2	13			0,2	1,3	4	4	29	26	1	S	N	
95		C.S	1	19			0,1	1	4	4	11	1	1	S	S	
96		C.S	1	13			0,2	0,8	5	4	1	1	1	S	S	
97		C.S	2	19			0,3	1,1	1	4	1	1	1	S	S	
98		C.S	1	13			0,2	1,2	5	4	1	1	1	N	N	
99		C.S	1	19			0,1	1,3	3	4	11	1	1	N	N	

100	C.S.		5	19		0,1	1,2	6	4	1	29	1	S	S
101	C.S.		1	13		0,1	1,1	5	4	10	1	1	S	S
102	C.S.		2	13		0,2	0,8	3	4	1	1	1	S	S
103	C.S.		2	13		0,2	1,3	3	4	33	1	1	S	S
104	C.S.		1	13		0,2	0,9	3	4	1	1	1	S	S
105	C.S.		5	13		0,1	1,2	3	4	1	32	1	S	S
106	C.S.		6	13		0,2	0,9	4	4	1	1	1	N	S
107	C.S.		1	13		0,7	0,9	4	4	16	1	1	S	N
108	C.S.		2	13		0,2	1,1	6	4	1	15	1	S	S
109	R20P7		1	13		0,2	0,7	3	4	1	1	1	S	S
110	R20P7		1	13		0,2	0,7	2	4	1	1	1	S	S
111	C.S.		2	13		0,2	1,1	3	4	1	1	1	N	S
112	C.S.		1	13		0,1	0,9	3	4	1	1	1	S	S
113	C.S.		1	13		0,1	1,9	3	4	1	1	1	N	N
114	C.S.		1	13		0,2	1,1	2	4	1	1	1	S	S
115	C.S.		1	13		0,1	0,9	5	4	1	1	1	S	S
116	C.S.		1	13		0,1	1,1	5	4	1	1	1	S	S
117	C.S.		1	13		0,1	0,9	3	4	1	1	1	N	N
118	C.S.		1	1	0,1		0,9	3	4	11	1	1	S	N
119	C.S.		1	13		0,1	0,8	3	4	11	1	1	N	N
120	C.S.		1	13		0,1	0,8	3	4	1	1	1	S	S
121	C.S.		1	13		0,2	0,9	3	4	1	1	1	S	N

ANEXO 1 - Ficha tecno-tipológica dos fragmentos cerâmicos. Adaptado de Faccio, 1998.

**ANEXO 2: GUIA PARA ANÁLISE E CLASSIFICAÇÃO DO  
MATERIAL CERÂMICO**



## **CATEGORIAS DE ANÁLISE**

**DENOMINAÇÃO E CÓDIGO DO SÍTIO : Apresentar o nome e o código do Sítio**

**1 - NÚMERO DA PEÇA**

**2 - NÚMERO DO VASO<sup>25</sup>**

**PROVENIÊNCIA:**

**3 - SETOR**

**4 - QUADRA**

**5 - QUADRÍCULA ( ou concentração cerâmica )**

**6 - T (TRINCHEIRA)**

**7 - CV (CORTE DE VERIFICAÇÃO)**

**8 - D (ÁREA DE DECAPAREM)**

**9 - P (PERFIL)**

**10 - NÍVEL: 0 (SUPERFÍCIE)**

1 (0,1 - 9,99)

2 (10 - 19,99)

3 (20 - 29,99)

4 (30 - 39,99)

5 (40 - 49,99)

6 (50 - 59,99)

7 (60 - 69,99)

8 (70 - 79,99)

9 (80 - 89,99)

10 (90 - 99,99)

99 NÃO IDENTIFICADO

---

<sup>25</sup> verificar o número de remontagens, caso o vaso esteja fragmentado

**11 - CLASSE: 1 - PAREDE**

- 2 - BORDA
- 3 - BASE
- 4 - BASE, PAREDE, BORDA
- 5 - PAREDE ANGULAR
- 6 - PAREDE E BASE
- 7 - APÊNDICE
- 8 - APÊNDICE E BORDA
- 9 - ASA
- 10 - ASA E BORDA
- 11 - BOLOTA DE ARGILA
- 12 - CARIMBO
- 13 - PERFURADOR
- 14 - RODELA DE FUSO
- 15 - ROLETE DE CONFECÇÃO
- 16 - OMBRO
- 17 - ADORNO AURICULAR
- 18 - CACHIMBO
- 19 - PAREDE COM FURO DE SUSPENSÃO
- 20 - BORDA COM FURO DE SUSPENSÃO
- 21 - BORDA COM SUPORTE PARA TAMPA
- 22 - POLIDOR DE SULCO
- 23 - BORDA/PAREDE ANGULAR
- 99 - NÃO IDENTIFICADO

<b>12 - TIPO DO ANTIPLÁSTICO</b>
1 - MINERAL
2 - MINERAL E CARIAPÉ
13 - MINERAL E CACO MOÍDO
14 - MINERAL E CARVÃO
15 - MINERAL E CONCHA MOÍDA
16 - MINERAL, CARIAPÉ A E CACO MOÍDO
18 - MINERAL, CACO MOÍDO E CONCHA MOÍDA
19 - MINERAL, CARVÃO E CACO MOÍDO
99 - NÃO IDENTIFICADO

**13 - TAMANHO DO ANTI PLÁSTICO: EM MILÍMETRO****14 - MINERAL****15 - CARIAPÉ****16 - CACO MOÍDO****17 - CARVÃO****18 - CONCHA MOÍDA**

**19 - ESPESSURA DA PAREDE: EM MILÍMETRO****20 - GRAU DE QUEIMA:**

**QUEIMA 1:** SEÇÃO TRANSVERSAL SEM PRESENÇA DE NÚCLEOS, COM COR UNIFORME VARIANDO LARANJA TIJOLO AO AMARELO

**QUEIMA 2:** SEÇÃO TRANSVERSAL SEM PRESENÇA DE NÚCLEOS, COM COR UNIFORME VARIANDO CINZA - CLARO AO PARDO

**QUEIMA 3:** SEÇÃO TRANSVERSAL COM PRESENÇA DO NÚCLEO CENTRAL ESCURO, E UMA CAMADA INTERNA E EXTERNA CLARA

**QUEIMA 4:** SEÇÃO TRANSVERSAL SEM PRESENÇA DE NÚCLEOS, COM COR UNIFORME VARIANDO DO CINZA ESCURO AO PRETO

**QUEIMA 5:** SEÇÃO TRANSVERSAL COM UMA CAMADA CLARA NA PARTE EXTERNA, E UMA CAMADA ESCURA NA INTERNA.

**QUEIMA 6:** SEÇÃO TRANSVERSAL COM UMA CAMADA CLARA NA PARTE INTERNA, E UMA CAMADA ESCURA NA EXTERNA.

**QUEIMA 99:** NÃO IDENTIFICADO

**21 - DUREZA:** SEGUNDO A ESCALA DE MOHS: ( MOHS ESTABELECEU UMA ESCALA PADRÃO RELATIVA DE DUREZA USANDO 10 MINERAIS)

1 - TALCO

2 - GIPSO

3 - CALCITA

4 - FLUORITA

5 - APATITA

6 - ORTOCLÁSIO

7 - QUARTZO

8 - TOPÁZIO

9 - CARIDON

10 - DIAMANTE<sup>26</sup>

**22 - COR DA ARGILA:** SEGUNDO CÓDIGO DE MUNSELL**23 - TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE:**

1 - SEM TRATAMENTO INTERNO/EXTERNO

2 - ALISAMENTO EXTERNO SEM ALISAMENTO INTERNO

3 - ALISAMENTO INTERNO SEM ALISAMENTO EXTERNO

4 - ALISAMENTO INTERNO E EXTERNO

5 - POLIMENTO INTERNO/ALISAMENTO EXTERNO

6 - POLIMENTO EXTERNO/ALISAMENTO INTERNO

7 - POLIMENTO INTERNO E EXTERNO

---

<sup>26</sup>DUREZA é a resistencia que a superfície de um mineral oferece ao ser riscada. Um mineral mais duro deixará um suco sobre a superfície do mineral menos duro. Cada mineral acima é riscado pelos posteriores e riscará os que o antecedem. O kit da escala da dureza consta basicamente de 10 minerais da escala estabelecida por Mohs. O diamante, em virtude de seu preço elevado não está no kit. É o único mineral da natureza que não é riscavel por nenhum outro.

- 8 - BRUNIDURA (ENEGRECIMENTO)<sup>27</sup> INTERNO E EXTERNO
- 9 - LUSTRO<sup>28</sup> EXTERNO/ALISAMENTO INTERNO
- 10 - LUSTRO INTERNO/ALISAMENTO EXTERNO
- 13 - BRUNIDURA/POLIMENTO INTERNO
- 14 - POLIMENTO INTERNO/ SEM TRATAMENTO EXTERNO
- 15 - LUSTRO INTERNO/SEM TRATAMENTO EXTERNO
- 16 - POLIMENTO EXTERNO/SEM TRATAMENTO INTERNO
- 99 - NÃO IDENTIFICADO

### **DECORAÇÃO:**

#### **24 - FACE INTERNA E 25 - FACE EXTERNA**

- 1 - LISO
- 2 - ENTALHADO
- 3 - UNGULADO
- 4 - INCISO
- 5 - CORRUGADO
- 6 - ESCOVADO
- 7 - PONTEADO
- 8 - PINÇADO
- 9 - ENGOBO PRETO
- 10 - ENGOBO VERMELHO
- 11 - ENGOBO BRANCO
- 12 - ENGOBO PRETO/VERMELHO
- 13 - ENGOBO PRETO/BRANCO
- 14 - ENGOBO VERMELHO/BRANCO
- 15 - ENGOBO LARANJA
- 16 - PINTADO
- 17 - DIGITADO
- 18 - MARCADO COM TECIDO
- 19 - CANELADO
- 21 - ENGOBO BRANCO/INCISO NO CONTORNO DA GARGANTA
- 22 - CORRUGADO ASSOCIADO AO ESCOVADO
- 23 - CORRUGADO ASSOCIADO AO UNGULADO
- 24 - ENGOBO BRANCO ASSOCIADO AO CORRUGADO
- 25 - ENGOBO BRANCO ASSOCIADO AO INCISO
- 26 - PINTADO ASSOCIADO AO INCISO (PINTURA VERMELHA SOBRE ENGOBO BRANCO, E INCISÃO QUE CONTORNA O LÁBIO)
- 27 - LISO ASSOCIADO AO CORRUGADO, DIVIDIDO PELO ANGULO DA PAREDE
- 29 - SERRUNGULADO
- 30 - ENGOBO VERMELHO COM INCISÃO NO CONTORNO DO LÁBIO
- 31 - INCISO PONTEADO
- 32 - INCISÃO NA BORDA
- 33 - ENGOBO VERMELHO COM ENTALHE NO LÁBIO
- 34 - ENGOBO VERMELHO ASSOCIADO AO PINTADO

---

<sup>27</sup>BRUNIDURA - Tratamento feito por meio de queima e esfumaceamento dando um efeito vítreo e negro

<sup>28</sup>LUSTRO - Apresenta uma superfície vítrea ( tipo verniz ) , mas a cor da peça é preservada.



- 5 - APONTADO/BISELADO
- 6 - APONTADO/ARREDONDADO
- 7 - BISELADO/ARREDON
- 99 - NÃO IDENTIFICADO

### 32 - TIPOS E FORMA DE BORDAS<sup>30</sup>:

- 1 - DIRETA INCLINADA EXTERNA
- 2 - DIRETA INCLINADA INTERNA
- 3 - DIRETA VERTICAL
- 4 - DIRETA INCLINADA EXTERNA REFORÇADA EXTERNA
- 5 - DIRETA INCLINADA INTERNA REFORÇADA EXTERNA
- 6 - DIRETA VERTICAL REFORÇADA EXTERNA
- 7 - EXTROVERTIDA INCLINADA INTERNA
- 8 - EXTROVERTIDA VERTICAL
- 9 - EXTROVERTIDA INCLINADA EXTERNA
- 10 - EXTROVERTIDA INCLINADA EXTERNA REFORÇADA EXTERNA
- 11 - EXTROVERTIDA VERTICAL REFORÇADA EXTERNA
- 12 - EXTROVERTIDA INCLINADA EXTERNA REFORÇADA INTERNA
- 13 - EXTROVERTIDA INCLINADA INTERNA REFORÇADA EXTERNA
- 14 - INTROVERTIDA INCLINADA INTERNA
- 15 - CONTRAÍDA
- 16 - CAMBADA
- 17 - INFLETIDA
- 18 - CARENADA
- 19 - DIRETA INCLINADA EXTERNA REFORÇADA INTERNA
- 20 - DIRETA INCLINDA INTERNA REFORÇADA INTERNA
- 21 - DIRETA VERTICAL REFORÇADA INTERNA
- 22 - EXTROVERTIDA VERTICAL REFOÇADA INTERNA
- 23 - EXTROVERTIDA INCLINADA EXTERNA COM PONTO ANGULAR
- 24 - EXTROVERTIDA VERTICAL COM PONTO ANGULAR
- 25 - DIRETA INCLINADA INTERNA COM REFORÇO INTERNO LONGO
- 26A - DIRETA INCLINADA INTERNA COM SUPORTE PARA TAMPA
- 26B - DIRETA INCLINADA INTERNA COM PONTO ANGULAR
- 27 - DIRETA INCLINADA INTERNA COM REFORÇO INTERNO LONGO
- 99 - NÃO IDENTIFICADA

<b>OBSERVAÇÃO:</b>	FORMAS:	DIRETA	TIPOS:
	SIMPLES		
		INFLETIDA	EXPANDIDA
		EXTROVERTIDA	REFORÇADA
		CAMBADA	ROLETADA
		CONTRAÍDA	COM REFORÇO EXTERNO
			LONGO
		CARENADA	COM PONTO DE INFLEXÃO

<sup>30</sup>O desenho da borda para reconstituição do vasilhame deve ser feito com a parte interna do pote voltada para o lado esquerdo de quem está desenhando.

**33 - FORMA DO VASILHAME:**

- 1 - PRATO
- 2 - TIGELA
- 3 - TIGELA FUNDA
- 4 - VASO PROFUNDO
- 5 - VASO DE CONTORNO COMPLEXO
- 6 - VASO DE FORMA DUPLA
- 99 - NÃO IDENTIFICADO

- 34 - CONTORNO DO RECIPIENTE:** 1 - CONTORNO DIRETO  
2 - CONTORNO INFLETIDO  
3 - CONTORNO COMPLEXO

**35 - DIÂMETRO DA BOCA:** MEDIDA EM MILÍMETRO

**36 - ALTURA DO VASO:** MEDIDA EM MILÍMETRO

**37 - LARGURA DA BOCA:** MEDIDA EM MILÍMETRO

**38 - LARGURA DA GARGANTA:** MEDIDA EM MILÍMETRO

**39 - VOLUME DO VASO:** MEDIDA EM CENTÍMETROS CÚBICOS

- 40 - TIPO DE BASE:** 1 - PLANA  
2 - CONVEXA  
3 - CÔNCAVA  
4 - PLANA COM PEDESTAL  
5 - PEDESTAL DE FRUTEIRA  
6 - CÔNICA  
99 - NÃO IDENTIFICADO

**41 - DIÂMETRO DA BASE:** LEITURA NOS NÚMEROS INTEIROS DO TRANSFERIDOR

**42 - ÂNGULO DA BASE:** MEDIDA EM GRAUS

**43 - MARCAS DE USO:** (MARCAS DE FOGO)

- 1 - FULIGEM NA SUPERFÍCIE EXTERNA
- 2 - DEPRESSÕES CIRCULARES CAUSADAS POR LÍQUIDOS NA FACE INTERNA
- 3 - DESGASTE POR ATRITO NA PARTE SUPERIOR DA BORDA INTERNA
- 4 - PEQUENAS DEPRESSÕES CIRCULARES DENSAS COM DIÂMETRO DE ATÉ 3 MILÍMETROS
- 99 - NÃO IDENTIFICADO

#### **44- ESTADO DE CONSERVAÇÃO:**

- 1 - RUIM: COMPREENDE OS FRAGMENTOS DE VASILHAME QUE APRESENTAM SUPERFÍCIE ALTERADA DE FORMAS ACENTUADA POR DESGASTE, DECOMPOSIÇÃO, ETC. NESTAS PEÇAS NÃO É POSSÍVEL IDENTIFICAR TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE E DECORAÇÃO SE HOVER.
- 2 - BOM: COMPREENDE OS FRAGMENTOS DE VASILAME QUE APRESENTAM SUPERFÍCIE PARCIALMENTE ALTERADA POR DESGASTE, DE COMPOSIÇÃO. NESTAS PEÇAS É POSSIVEL IDENTIFICAR TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE E DECORAÇÃO SE OCORRER. QUANDO SE TRATA DE BORDA É POSSÍVEL RECONSTITUIR.
- 3 - ÓTIMO: COMPREENDE OS FRAGMENTOS DE VASILHAME COM BORDA QUE APRESENTE CONDIÇÕES PARA RECONSTITUIÇÃO DO POTE OU PEÇAS INTEIRAS QUE PERMITAM IDENTIFICAR TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE E DECORAÇÃO SE HOVER.

#### **45 - OBSERVAÇÃO: ESPAÇO A SER UTILIZADO PARA INFORMAÇÕES QUE OS CAMPOS DA FICHA NÃO ABORDEM**

#### **\*ESTÁGIOS OPERACIONAIS:**

- 1 - SÍTIO COM ATÉ 100 EPÇAS ANALISA-SE TODAS AS CATEGORIAS
- 2 - SÍTIO COM MAIS DE 100 EPÇAS ANALISA-SE:
  - DAS ÁREAS DE DECAPAGEM TODAS AS PEÇAS
  - DAS COLETAS DE SUPERFÍCIE E DEMAIS INTERVENÇÕES SOMENTE BORDAS, BASES E PAREDES DECORADAS.

#### **ORGANIZAÇÃO :**

**NEIDE BARROCA FACCIO (FCT/UNESP - CAMPUS DE PRESIDENTE PRUDENTE)**

**MARGARETHE DE LURDES SOUZA (UFG - MUSEU ANTROPOLÓGICO)**

**LUDIMILA JUSTINO DE MELO (UFG - MUSEU ANTROPOLÓGICO)**